

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**“O futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de
psicólogos”**

SÃO PAULO

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALINE VILARINHO MONTEZI

“O futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de psicólogos”

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Livre - Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Montezi, Aline Vilarinho.

O futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de psicólogos / Aline Vilarinho Montezi; orientadora Tânia Maria José Aiello Vaisberg. -- São Paulo, 2016.

140 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adolescentes 2. Abrigo 3. Imaginário coletivo 4. Psicólogos I. Título.

BF724

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALINE VILARINHO MONTEZI

**“O futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de
Psicólogos”**

BANCA EXAMINADORA

Presidente

Profa. Livre-Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Prof. Doutor (a) 1

Prof. Doutor (a) 2

Prof. Doutor (a) 3

Prof. Doutor (a) 4

São Paulo
2016

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização do presente trabalho. Não é possível agradecer publicamente a todas, mas algumas não podem deixar de ser aqui nomeadas.

Sou grata à professora Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, pela competência e dedicação à minha formação durante todos esses anos. Suas contribuições em minha vida acadêmica e pessoal foram preciosas, permitindo-me amadurecer e desbravar um mundo cheio de possibilidades.

Aos psicólogos participantes dessa pesquisa, agradeço pela disponibilidade e ricas contribuições.

Os integrantes do grupo de pesquisa USP / CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade acompanharam de perto a realização deste trabalho. As discussões, invariavelmente frutíferas, constituem uma colaboração fazendo jus ao meu sincero muito obrigada.

À Professora Doutora Miriam Tachibana, agradeço pelo talento, competência e contribuições valiosas para a elaboração deste trabalho.

A Doutora Elisa Corbett acompanhou o processo de redação do texto final, fazendo jus aos meus agradecimentos.

Minha família tem sido, sempre, muito importante em minha vida. Assim, cabe registrar a influência muito significativa da minha querida avó Dolores, os cuidados dos meus pais e a presença carinhosa do meu amado irmão Henrique. Meus tios Vilarinho, Joaquim, Sandra, Selma, Elda, Rozeli e Luciane, bem como meus primos, Paulo, Rafael, Felipe, Fernando, Gabriela e Jacques, são figuras amorosas que muito me nutrem afetivamente.

Sou grata ao Fábio, meu amor, pelo companheirismo, dedicação e afeto. Sua presença em minha vida e durante todo o período de elaboração dessa tese tem sido fundamental.

Quero também aqui registrar minha gratidão aos amigos que me têm trazido companheirismo, carinho e ensinamentos de vida valiosos: Tomíris Barcelos, Roberta Manna, Demétrius França, Amanda Cano, Maria Beatriz Padoveze, Carolina Mortari, Danielli Simões, Ana Meyer, Denise Ferreira, Amanda Cano, Júlia Shimizu, Maria Carolina Forni e Patrícia Cordeiro.

Sou grata, também, aos funcionários do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e à Secretaria de Pós-Graduação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pelo financiamento do projeto de pesquisa durante esse período.

RESUMO

Montezi, A.V. (2016). *O futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de psicólogos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A presente investigação tem como objetivo estudar sobre o futuro do adolescente abrigado no imaginário coletivo de psicólogos. Justifica-se na medida em que, abordando um grupo profissional atento à importância da adolescência, no percurso da vida pessoal, pode contribuir para um debate sobre a condução de vítimas de sofrimentos sociais a abrigos. Articula-se, do ponto de vista metodológico, por meio da realização de entrevistas individuais, estruturadas a partir do uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, com oito psicólogos. Tais encontros foram registrados sob forma de narrativas transferenciais que, conjuntamente com os desenhos e as histórias, foram consideradas à luz do método psicanalítico. Por esta via, foi possível chegar à produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos: “Fadado ao fracasso”, “Salvo por mágica” e “Com ajuda e boa vontade”. O quadro geral revela uma tendência dos participantes a considerar que o adolescente abrigado dificilmente escapará a um futuro infeliz. Assim, fica claro que se posicionam de modo crítico à realidade dos abrigos, concebendo-os como instituições que não chegam a dar conta satisfatoriamente de sua função social.

Palavras-chave: adolescentes, abrigo, imaginário coletivo, psicólogos.

Abstract

Montezi, A.V (2016). *The future of adolescents in foster care within the collective imaginary of psychologists*. Doctorate thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

Abstract: This research intends to study the future of adolescents in foster care within the collective imaginary of psychologists. The study can contribute to the debate over the condition of the victims of social suffering in foster care shelters by addressing a professional group aware of the importance of adolescence during the personal life. This approach consists, from the methodological point of view, in structured interviews conducted with eight psychologists using the story-drawing procedure with a theme. Such meetings were registered under the form of transference narratives, which, along with the drawings and the stories, were considered through the psychoanalytical method. This way, it was possible to reach the interpretative production of three affective-emotional meaning fields or relative unconsciousness: "Bound to fail", "Saved by Magic" and "With help and will". The general framework reveals a trend of the participants to consider that the sheltered adolescent will hardly come off from a miserable future. Thus, it is clear that these professionals position themselves critically to the foster care shelter reality, conceiving them as institutions that are not able to fulfill their social function satisfactorily.

Keywords: adolescents, foster care shelters, collective imaginary, psychologists.

Resumen

Montezi, A.V. (2016). *El futuro del adolescente resguardado en el imaginario colectivo de psicólogos*. Tesis de Doctorado, Instituto de Psicología, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta investigación tiene como objetivo estudiar el imaginario colectivo de los psicólogos en el adolescente resguardado. Al dirigirse a un grupo de profesionales conscientes de la importancia de la adolescencia en la trayectoria de la vida personal, esta investigación puede contribuir a un debate sobre la conducción de las víctimas de sufrimiento social a los refugios. Desde un punto de vista metodológico, se lleva a cabo a través de entrevistas individuales, estructuradas a partir de la utilización del procedimiento Historia-Dibujo temática, con ocho psicólogos. Estas reuniones se han registrado en la forma de narrativas de transferencia que, junto con los dibujos y las historias fueron examinados a la luz del método psicoanalítico. De esta manera fue posible llegar a la producción interpretativa de tres campos de sentido relativo afectivo-emocional o inconsciente ", destinado al fracaso", "Salvado por la magia" y "Con la ayuda y buen grado". El panorama general revela una tendencia en la cual los participantes consideran que el adolescente al abrigo difícilmente escapará a un futuro infeliz. Por lo tanto, es evidente que se posicionan críticamente a la realidad de los refugios, tomados como instituciones que no logran éxito en cumplir su función social.

Palabras-clave: adolescentes; refugios; imaginario colectivo; psicólogos.

Sumário

Apresentação.....	12
1. Delimitando o problema de pesquisa	14
2. Revisando a literatura científica	24
2.1 Revisando Academic Search Premier	27
2.2 Revisando Scielo Brasil	42
2.3 Revisando Jornadas Apoiar.....	44
2.4 Considerando as revisões realizadas	51
3. Apresentando Estratégias Metodológicas	58
4. Apresentando Desenhos-Estórias em Narrativas Transferenciais	71
5. Interpretando Campos de Sentido Afetivo-Emocional.....	101
6. Refletindo sobre Campos de Sentido Afetivo-Emocional	111
7. Referências	119

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se inscreve em um conjunto de trabalhos produzidos no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, os quais encontram na tese de livre-docência da professora Leila Tardivo (2004) um norte seguro, na medida em que esta articulou a questão da adolescência e do sofrimento emocional, adotando as considerações epistemológicas de Bleger (1963) como guia. Tampouco é possível deixar de mencionar que a outra produção maior deste mesmo laboratório, a tese de livre docência da Professora Tânia Maria José Aiello-Vaisberg (1999), articulada ao redor da proposição e uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, inaugura uma série de pesquisas sobre imaginários coletivos na qual a presente iniciativa se insere.

Assim, propusemo-nos a investigar o imaginário coletivo de psicólogos sobre adolescentes abrigados, partindo do pressuposto de que a formação dessas pessoas valoriza as fases iniciais da vida no processo de constituição da personalidade individual. Consideramos que as idéias, crenças e sentimentos deles acerca do jovem em precariedade social, bem como o cuidado que lhe é oferecido, podem proporcionar um debate fecundo a respeito da forma com que a assistência a essa população tem sido pensada e executada.

Em nosso percurso científico, temos tido a oportunidade de abordar questões relativas à adolescência, o que permitiu um contato mais próximo com as dificuldades dos jovens e daqueles que desempenham função importante no desenvolvimento deles. Em investigações anteriores, constatamos que, para os adolescentes, esse momento pode se configurar como árduo e marcado por muitas angústias (Montezi, Barcelos, Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2013), ao mesmo tempo em que os adultos se sentem impotentes diante de suas demandas (Montezi, Zia, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011). Imaginários preconceituosos acerca do adolescente são alimentados, considerando-o, muitas vezes, como uma figura problemática e, a partir de ideias, sentimentos, crenças, são estabelecidas relações conturbadas que atrapalham a visão desse momento como uma oportunidade para a consolidação de um amadurecimento pessoal.

De todo modo, percebemos que a provisão ambiental falha nos aspectos familiares, escolares, sociais, e o cuidado obrigatório e necessário àqueles em condição

de dependência, como os adolescentes, é comprometido. Com vistas a produzir ciência afinada às condições sociais, econômicas e culturais da cultura brasileira, mas ao mesmo tempo fundamentadas na psicologia concreta, voltamo-nos a trabalhos nos quais temos abordado psicanaliticamente imaginários coletivos sobre grupos sociais, vítimas de discriminação e exclusão social (Simões, 2012; Zia, 2012; Corbett, 2014). Dessa maneira, permanecemos consonantes à ideia de Bleger sobre a importância da prevenção psicológica, trabalhando, também no sentido de fundamentar propostas psicoprofiláticas com o intuito de possibilitar a prevenção do sofrimento social.

Podemos considerar que os psicólogos, isto é, os participantes desta pesquisa, são profissionais que, por formação, consideram a adolescência um período importante na vida das pessoas, ao mesmo tempo em que são cidadãos brasileiros que enfrentam as dificuldades concretas de um país como o Brasil, marcado por profundas desigualdades sociais. Justifica-se, deste modo, o presente estudo, que visa investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo dessas pessoas sobre o adolescente abrigado para produzir conhecimento em relação à forma com que pensam, sentem e se posicionam a respeito de dispositivos de cuidado oferecidos aos jovens.

A presente tese está organizada em seis capítulos. No primeiro, denominado “Delimitando o problema de pesquisa”, explicitamos os modos como se organizam os cuidados às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade na sociedade brasileira. Expomos as condições concretas de precariedade que levam muitas famílias a não conseguirem oferecer um ambiente adequado ao desenvolvimento de suas crianças e adolescentes. Finalmente, discutimos a importância de abordar psicanaliticamente o imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado, apresentando estudos sobre adolescência que comprovam a necessidade de mais investigações que envolvem o tema.

O segundo capítulo, cujo título é “Revisando a literatura científica”, apresenta um exame bibliográfico que foi realizado com vistas a um mapeamento de pesquisas que animam o debate científico contemporâneo sobre o tema. Foram consultadas duas bases de dados, a saber, a Academic Search Premier, que oferece um panorama das pesquisas internacionais e a SciELO Brasil, a partir da qual nos debruçamos sobre os estudos realizados em âmbito nacional. Também realizamos uma revisão dos trabalhos completos sobre adolescentes abrigados publicados nos anais das Jornadas APOIAR, que reúnem

estudos variados sobre o tema apresentados em evento anualmente realizado pelo Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, ao qual nos vinculamos.

No capítulo seguinte, cujo nome é “Apresentando Estratégias Metodológicas”, apresentamos em três seções a forma como a pesquisa foi realizada. Na primeira, denominada “Pesquisa Psicanalítica”, expomos os princípios teórico-metodológicos que norteiam a presente investigação, explicitando a articulação que permite o uso rigoroso do método psicanalítico na abordagem contextualizada dos fenômenos humanos. Na segunda, que nomeamos “Imaginário Coletivo e Campos de sentido afetivo-emocionais”, apresentamos esses dois conceitos essenciais. E, na última, intitulada “Procedimentos Investigativos”, que são os Procedimentos de configuração das entrevistas, Procedimento de registro do acontecer clínico e Procedimento de interpretação do material clínico”, descrevemos os modos como organizamos e registramos as entrevistas com os participantes, bem como o procedimento usado na consideração do material clínico produzido.

Em “Apresentando Desenhos-Estórias em Narrativas transferenciais”, que corresponde ao quarto capítulo, apresentamos na íntegra as oito narrativas transferenciais sobre os encontros com os psicólogos participantes da presente investigação. Em cada uma, foram registrados os acontecimentos ocorridos nas entrevistas, os desenhos-estórias criados pelos participantes e os sentimentos, ideias e impressões que experimentamos contratransferencialmente.

No capítulo denominado “Interpretando Campos de Sentido afetivo-emocional”, apresentamos os três campos de sentido criados/encontrados a partir da consideração psicanalítica das narrativas transferenciais e dos desenhos-estórias temáticos produzidos pelos participantes. Lembramos que aqui o termo “campo” deve ser tomado como sinônimo de inconsciente ou inconsciente relativo, uma vez que, fundamentando-nos no pensamento blegeriano, concebemos que as condutas não emergem a partir da interioridade psíquica e individual, mas, sim, a partir de campos relacionais, intersubjetivos.

E, finalmente, no capítulo “Refletindo sobre campos de sentido afetivo-emocional”, exibimos nossas considerações a respeito dos três campos de sentido afetivo-emocional produzidos pelos psicólogos. Compreendemos que, para eles, o adolescente abrigado dificilmente conseguirá romper com as consequências de uma provisão ambiental

insuficiente e o abrigo não consiste em uma alternativa eficiente à condição de vulnerabilidade social.

1. DELIMITANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

A sociedade brasileira organiza-se segundo a concepção de que o cuidado das crianças e dos adolescentes deve ser fornecido, fundamentalmente, pela família. Tradicionalmente, compreende-se que o casal parental heterossexual, juntamente com os seus filhos, compõem uma unidade natural, um núcleo que em que a infância e a juventude encontrariam condições ideais ao seu desenvolvimento. Reconhece-se, ainda, a importância de outros parentes próximos, com os quais essas pessoas convivam e mantenham vínculos afetivos, denominando-os família extensa ou ampliada. Tal delimitação, cabe ressaltar, revela-se demasiado estreita, tendo em vista a pluralidade de arranjos familiares contemporâneos, que muitas vezes compreendem, como exemplos, filhos oriundos de diferentes relacionamentos anteriores do casal e casais homossexuais e seus filhos, adotivos ou não (Cecilio, Scorsolini-Comin & Santos, 2013; Leme, Prette & Coimbra, 2013; Pereira & Arpini, 2012; Sarti, 2005). Nesse sentido, podemos conceber a família como uma associação de pessoas que optam por conviver por razões afetivas, assumindo um compromisso mútuo, sem necessariamente se restringir a laços sanguíneos.

Em situações extremas, em que as famílias se revelam incapazes de oferecer provisão ambiental adequada, ocorreria o encaminhamento da criança ou do adolescente ao abrigo como medida provisória. Na atualidade, essa ação se sustenta nos pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), legislação criada como tentativa de homogeneizar, pelo menos de modo discursivo, as condições adversas vivências por eles:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é uma lei federal (8.069 promulgada em julho de 1990), que trata sobre os direitos das crianças e adolescentes em todo o Brasil. A partir do Estatuto, crianças e adolescentes brasileiros, sem distinção de raça, cor ou classe social, passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos e deveres, considerados como pessoas em desenvolvimento a quem se deve prioridade absoluta do Estado. O objetivo estatutário é a proteção dos menores de dezoito anos, proporcionando a eles um desenvolvimento físico, mental, moral e social condizentes com os princípios constitucionais da liberdade e da dignidade, preparando para a vida adulta em sociedade". (Viegas & Rabelo, 2011, s/p).

Definindo a convivência familiar e comunitária como direitos dessa população, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) indica o acolhimento institucional como medida excepcional, a ser usada como forma de transição para reintegração familiar ou, caso esta não seja possível, para colocação em família substituta. Observa-se que, na

prática, tal medida, em nosso país, restringe-se às classes desfavorecidas, de modo que não encontramos crianças e adolescentes de classes médias ou abastadas neste tipo de instituição.

A literatura científica que versa sobre o desenvolvimento das políticas públicas para a infância e a juventude no Brasil ressalta que os abrigos foram concebidos como solução para o problema da infância e da adolescência desprotegida das classes pobres (Arantes, 2004; Rizzini, 1993; Rizzini & Rizzini, 2004). Conforme destaca Rizzini (1993), a preocupação do Estado com as causas da delinquência e do abandono de crianças, bem como dos comportamentos dos “menores” e suas famílias, ao longo dos séculos XIX e XX, teve a pretensão explícita de eliminar desordens que consistiam em manifestações de problemáticas sociais e morais, intensificadas pelo crescimento do capitalismo industrial nas grandes cidades. Desta feita, foram atribuídas à interioridade das crianças e adolescentes das classes subalternas e de suas famílias problemáticas sociais complexas, relativas às condições geradoras de pobreza e de desigualdade. Este posicionamento preconceituoso e excludente, de criminalização e medicalização da pobreza (Arantes, 2004), tem como expressões práticas, por exemplo, as grandes instituições de abrigo, marcadas por denúncias de maus-tratos. Exemplos de políticas públicas alinhadas a estas concepções podem ser encontrados no Serviço de Assistência a Menores (SAM), criado durante o governo de Getúlio Vargas, em 1941, na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), que surgiu no final de 1964, e na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de São Paulo (FEBEM-SP), criada em 1976 (Pineda, 2006). Neste período, tanto as crianças e adolescentes infratores, vale dizer, aqueles que cometeram atos delinquentes, quanto aqueles que apenas se encontravam em situação de vulnerabilidade social eram encaminhados às mesmas instituições de abrigo, que se assemelhavam a prisões.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) norteou mudanças importantes na organização dos abrigos, tais como a substituição das grandes instituições por unidades menores, em que um grupo de crianças e adolescentes vive com um ou mais cuidadores, com o intento de criar um ambiente mais assemelhado ao familiar. Também atribuiu às equipes profissionais que atuam nestas instituições a tarefa de procurar as famílias dos acolhidos, oferecendo-lhes atenção que favoreça o acesso aos serviços públicos e as auxilie a superar, quando possível, as situações que geraram o abrigo, permitindo a reintegração da criança ou do adolescente. Finalmente, diferenciou a atenção necessária

à infância e juventude vítimas de abandono, negligência e maus-tratos e a que deve ser dispensada àqueles que cometeram atos infracionais.

Atualmente, a legislação deixa claro que a pobreza, em si, não deve ser motivo de internação, pressupondo que nem todas as famílias pobres se desestruturam em função das dificuldades vividas (Nascimento, 2012). Faz-se necessário, contudo, ponderar que um país periférico de sistema capitalista neoliberal, com agudas contradições econômicas e sociais, configura um cenário que confere a muitas famílias condições de notável precariedade social. Adentra-se, assim, o terreno dos sofrimentos sociais, que são a exposição de indivíduos a formas extremas de vulnerabilidade somadas a sentimentos de humilhação, vergonha e falta de reconhecimento (Carreteiro, 2003). Muitas vezes, esse padecimento é vivenciado de forma invisível, sendo inscrito no interior das subjetividades sem ser compartilhado coletivamente.

Essa questão aparece de forma interessante na pesquisa de Barcelos (2014), que abordou adolescentes residentes em uma favela que frequentavam uma organização não governamental (Ong). Considerando encontros grupais organizados a partir do método psicanalítico, a autora concluiu que para esses adolescentes era difícil conceber o futuro, seja devido a ansiedades, temores e sofrimento relacionados à questão da morte, pela sensação de que o próprio tempo deixava de fluir ou pelo presente representar uma mera repetição da realidade pouco gratificante. Tais conclusões permitem-nos refletir a respeito da relação do estreitamento de perspectivas dos adolescentes com o abandono social que eles e suas famílias vivenciam, comprometendo, dessa forma, uma provisão ambiental minimamente satisfatória.

A leitura do disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente poderia nos levar a supor que os casos de crianças e adolescentes destinados aos abrigos se mantêm dentro do que poderíamos considerar números razoáveis, alcançando uma parte pequena das classes subalternas e, conseqüentemente, da população brasileira. Entretanto, não é isso o que se observa, certamente, por dois motivos: primeiro porque a distribuição da riqueza no país causa uma concentração muito grande de bens nas mãos de uma parcela muito

pequena da população, criando um largo contingente de pobres¹; e segundo porque, mesmo que muitas famílias socialmente desfavorecidas sejam capazes de se manter suficientemente estruturadas, inclusive sob formações matrifocais, é grande o número delas se desorganiza por problemas como violência, negligência, doença mental, abandono, doenças orgânicas e morte parental, gerando, ainda, um número alto de crianças e adolescentes que devem ser encaminhados a abrigos. Cabe ressaltar que essas famílias enfrentam dificuldades referentes às necessidades básicas, como carência de habitação, transporte, saneamento básico, saúde e educação. Ou seja, não se trata apenas de não ter dinheiro para comprar bens de consumo, mas de morar de forma precária, permanecer grande parte do dia em transportes de má qualidade, não dispor de rede de esgoto, ter acesso à assistência em saúde largamente insuficiente, em vertentes preventivas e curativas, e não ter acesso à educação de boa qualidade, que permitiria que as novas gerações superassem as condições de pobreza dos próprios pais.

Segundo o último Levantamento Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento, realizado pela Fiocruz (2013), existiam, entre os anos de 2009 e 2010, 36.929 de crianças e adolescentes abrigados no Brasil. O Sudeste era a região com maior número de meninos e meninas nos serviços de acolhimento (21.790), o que é congruente com o fato de concentrar o maior percentual da população brasileira (42%) (IBGE, 2010). Na região Sul, encontravam-se 22,5% das crianças e adolescentes abrigados (8.324) e no Nordeste, Centro-oeste e Norte, concentravam-se, respectivamente, 10%, 5.7% e 2.8% dos acolhidos, totalizando 6.875 infantes.

Assim, podemos afirmar que a institucionalização não se destina a algumas exceções, que têm lugar entre as classes subalternas. Devemos perceber que abarca um grande número de famílias, atingidas por problemas estruturais e não apenas transitórios. Soma-se a esse quadro a vivência de exclusão, carregada de sentimentos de angústia e inquietude diante do risco de se deparar com a precariedade, provocando, gradativamente, o desenraizamento sócio-familiar e, em alguns casos, territorial (Demo, 1998).

¹ Em estudo sobre o nível e a evolução da desigualdade de renda no Brasil entre os anos de 2006 e 2012, Medeiros, Souza e Castro (2015) apontam que quase metade de toda a renda no país está concentrada nos 5% mais ricos da população, e que um quarto permanece nas mãos do centésimo mais rico.

A violência² aparece como a principal causa de institucionalização de adolescentes (Moura, et.al., 2014; Buiati, Ferreira & Gontijo, 2013) e está intimamente relacionada à pobreza e à privação de direitos. Sob a forma de ato ou omissão cometidos pelos pais, parentes ou outras pessoas, pode causar danos físicos, sexuais e psicológicos às vítimas. Tardivo (2008) chama atenção para o fato de que a violência tem preocupado cada vez mais os pesquisadores nas últimas décadas, pois a submissão de crianças e adolescentes a violências subjetivas e interpessoais negligencia seus direitos, representando o principal fator de risco ao desenvolvimento.

Doenças mentais dos pais também os impedem de cuidar de seus filhos. A dependência química é o quadro mais frequente nos dias de hoje, e constitui-se como um potencializador de condutas violentas. Por gerar comprometimentos à saúde, psicológicos e sociais, bem como desagregação familiar, a dependência química também é responsável por difíceis situações vivenciadas pelos adolescentes, tais como o abuso e o abandono (Ferreira, 2014). Dessa maneira, tanto a violência como o uso abusivo de álcool e drogas têm sido considerados problemas de saúde pública.

Sabemos que a reforma psiquiátrica, em si mesma louvável, cuidou da diminuição de leitos hospitalares, mas não parece oferecer um sistema de cuidados que atenda satisfatoriamente à população. Em que pese as qualidades da proposta do Sistema Único de Saúde (SUS), sabemos que, na prática, o investimento financeiro público insuficiente aliado à gestão inadequada dos recursos cria um cenário em que a população permanece, em grande medida, desatendida. Mesmo aqueles que contam com assistência privada em saúde mental não são devidamente cuidados, pois ainda existem divergências entre a proposta oferecida pelos planos de saúde e os princípios da reforma psiquiátrica. A continuidade dos tratamentos “psis” fica comprometida devido à limitação de custeio (Salvatori & Ventura, 2012).

As doenças orgânicas graves também podem prejudicar os pais no desempenho de sua função de cuidado. Considerando as condições reais de atendimento no SUS, que é o serviço mais utilizado pela população em situação de precariedade social, compreende-se que o princípio de garantia de acesso universal e igualitário aos bens

² Adorno (1988) define a violência como uma forma de relação social, inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Desse modo, ela expressa padrões de sociabilidade, formas de vida, modelos atualizados de comportamentos vigentes em uma sociedade e um momento determinado de seu processo histórico.

públicos de saúde, proposto pela constituição de 1988, não se aplica atualmente, deixando, dessa maneira, a população carente mal assistida (Nishijima, Cyrillo & Junior, 2010).

O abandono é uma questão complexa e pode ser vivenciado de formas diversas pelas crianças e adolescentes. Tanto pode decorrer da própria família nuclear, que não lhes dispense cuidados físicos nem emocionais, como das instituições como creches e hospitais, em que eles não dispõem de pessoas específicas responsáveis por seus cuidados (Queiroz, 2015). A morte parental e a falta de outros membros da família que possam assumir o cuidado também acarretam a condição de abandono. A falta de atenção para essas situações, como, por exemplo, a demora na detecção de crianças abandonadas e falta de elaboração de estratégias que cuidem dessa condição, também configura outros cenários de desamparo, multifacetados, que culminam no abrigamento de adolescentes.

Todos os problemas parentais citados anteriormente, que justificam a medida de abrigo, não são transitórios, mas, sim, relacionados a questões estruturais, cujas resoluções são bastante complexas. São necessárias mudanças na sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito à distribuição de renda e à necessidade de o Estado cumprir sua parte, principalmente sobre os aspectos de infraestrutura, como moradia, transporte, saneamento básico, educação e saúde, que são direitos básicos de todo cidadão. Neste sentido, o exame que até aqui empreendemos mostra que, metaforicamente falando, o abrigo pode ser um remédio paliativo administrado a um doente que não está recebendo tratamento que atinja as verdadeiras causas de sua doença.

Há algum tempo, têm sido realizados, no contexto do nosso grupo de pesquisa³, estudos sob a perspectiva da psicanálise concreta, envolvendo coletivos que, de alguma forma, pudessem colocar-nos a par de como adolescência, caracterizada como um período de profundas transformações emocionais, físicas e biológicas, tem sido vivida pelos adolescentes, bem como tem sido concebida e cuidada pelos profissionais que lidam diretamente com eles.

³ Grupo de Pesquisa USP/CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade. A produção desse grupo é encontrada no currículo Lattes da profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Primeiramente, desenvolvemos pesquisas com os próprios adolescentes, a fim de nos aproximarmos da forma como vivenciam o processo de adolecer e constatamos que eles concebem a fase que estão vivendo como uma experiência de mal-estar, muitas vezes relacionada à falta de sentido e à fragilização vincular (Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007a). Em outros trabalhos realizados com jovens, também percebemos que grande parte se preocupa com o uso abusivo de álcool e drogas, a gravidez precoce, as dificuldade de relacionamento com os pais e as más influências (Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007b; Barcelos, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Busnardo, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Montezi, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008).

Em um segundo momento, realizamos pesquisas com profissionais que trabalham diretamente com adolescentes, considerando importante a aproximação do modo como as pessoas que desempenham funções de cuidado a esta população a concebem. No trabalho realizado com professores (Montezi, Zia, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011), descobrimos que o adolescente, muitas vezes, é visto como passivo, infeliz e incapaz de fazer escolhas, havendo a crença na necessidade da presença de um adulto para guiá-lo na vida. Por outro lado, os professores também revelaram sentimento de impotência frente às demandas dos alunos adolescentes e de suas necessidades de apoio. Pontes (2011) abordou profissionais de saúde mental em sua dissertação de mestrado e constatou que, na concepção deles, o adolecer é um momento potencializador de atos destrutivos, assumindo um modo de ser afinado ao que a literatura científica define como “antissocial”.

A seguir, foi realizada uma série de estudos sobre a adolescência a partir de produções cinematográficas. Inicialmente, considerando o longa-metragem sueco exibido no Brasil sob o título “Deixa ela entrar” (2009), Arruda-Botelho e Aiello-Vaisberg (2012) apontaram que o drama humano retratado, em interlocução com o pensamento winnicottiano, corrobora a ideia de que o adolecer pode ser experimentado a partir de intenso sofrimento, quando desenvolvimentos prévios, relativos à integração construtiva da agressividade, não ocorreram de modo satisfatório. Interpretando psicanaliticamente o filme brasileiro “Meu tio matou um cara” (2004), Botelho-Borges, Barcelos e Aiello-Vaisberg (2013) indicaram a vigência de um imaginário sobre o adolescente como alguém que se depara com diferentes situações em que a mentira se faz presente, e que é convidado por estas experiências a refletir sobre os contextos em que, para ser leal a si

mesmo e aos entes queridos, é necessário ocultar uma verdade, decidindo que adulto quer ser. Finalmente, foi considerada a produção cinematográfica “Linha de Passe” (2013), cujos personagens são adolescentes, filhos de uma mãe solteira, moradores de uma favela localizada na grande São Paulo. A trama gira em torno das dificuldades desta mãe em sustentar sozinha os quatro filhos e dos próprios meninos, de sobreviverem em condições de precariedade social e com poucas perspectivas de vida, realidade de muitas famílias brasileiras. Assim, percebemos que adolecer nestas condições consiste em um processo árduo, no qual, muitas vezes, as questões próprias dessa fase da vida se perdem em meio a tantas necessidades de ordem concreta (Montezi, Barcelos, Ambrósio & Aiello-Vasiberg, 2013).

Os achados destas pesquisas têm possibilitado diálogo frutífero com a literatura científica sobre o tema. Apontam para o fato de que são alimentados imaginários preconceituosos, que consideram o adolescente como uma figura problemática. Esta questão, somada à temática do abrigo, nos interessa bastante, pois por baixo do interesse e da preocupação, podem estar camufladas formas fóbicas de evitação ou perversão social, eventualmente originadas do desconforto dos adultos quando se deparam com jovens marcados por situações extremamente delicadas, como os que estão em instituições de acolhimento.

Nesse aspecto, consideramos que a pesquisa psicanalítica qualitativa pode contribuir significativamente para este debate. Por meio do estudo de imaginários coletivos, compreendidos como manifestações humanas inerentemente atravessadas por múltiplos sentidos, podemos nos aproximar dos aspectos afetivo-emocionais que estão sustentam o encontro de diferentes coletivos com o adolecer em condições de vulnerabilidade e com as possibilidades de atenção a esta população. Uma vez que nossa perspectiva é a de psicólogos clínicos e pesquisadores, podemos, por meio de investigações como essa, trabalhar no sentido do que o psicanalista José Bleger (1976) considera essencial: contribuir com a modificação, ainda que em pequenas proporções, das condições sociais de existência dos seres humanos. Em seu livro “Psico-higiene e Psicologia Institucional”, ele propõe a superação das assistências individualizadas e voltadas somente para a cura, em um movimento de:

(...) promover bienestar y no solamente curar; no atender única, específica y predominantemente factores patógenos a nível individual, sino situaciones más generales de la comunidad: em lugar de la enfermedad hay que dirigirse a las

condiciones corrientes de vida; em lugar de crear más instituciones donde se atiende exclusivamente gente enferma, salir a la comunidad y atender las situaciones cotidianas, las tareas y actividades diárias y ordinárias que desarrolla la población. (Bleger, 1976, p.108).

Em suas palavras, Bleger (1976) não só aponta a importância do compromisso do psicólogo para com a prevenção. Propõe que, para atender as pessoas de maneira eficaz, é necessário mergulhar nas condições concretas em que elas vivem. Tais condições incluem a dimensão afetivo-emocional, em geral não consciente, ao redor da qual as experiências das pessoas vão sendo articuladas e que lhes atribui sentidos, produzindo efeitos bastante palpáveis na vida das pessoas, tais como os imaginários coletivos e as normas sociais. Assim, por exemplo, a vivência da adolescência como fase de mal-estar, muitas vezes relacionada à fragilização vincular e à falta de sentido articula-se dialeticamente ao ambiente humano em que o adolescente é visto pelos cuidadores como infeliz, passivo e dependente de um adulto para guiá-lo, em que essa fase da vida é concebida como momento potencializador de condutas antissociais e em que os cuidadores, de um modo geral, sentem-se impotentes e incapazes de atender às necessidades dos adolescentes.

Neste contexto, interessamo-nos, na presente investigação, em abordar o imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado, tendo em vista contribuir para o debate atual sobre os adolescentes que vivem essas delicadas situações.

2. REVISANDO A LITERATURA CIENTÍFICA

No presente capítulo, apresentamos o debate científico atual sobre o adolescente abrigado, contexto em que se insere esta investigação. No mundo contemporâneo, em que as fontes de informação crescem exponencialmente, garantindo a disseminação e o acesso a um vasto conjunto de estudos a respeito dos fenômenos humanos pelos quais nos interessamos, o valor deste tipo de trabalho reside na função de organizar a grande quantidade de informações disponíveis, permitindo a visualização de um quadro geral (Mendes, Silveira & Galvão, 2008; Moreira, 2004; Souza, Silva & Carvalho, 2010).

A revisão bibliográfica pressupõe, na maioria dos casos, uma verificação minuciosa dos modos como diferentes estudiosos têm se aproximado de uma mesma problemática, por meio do exame de seus objetivos, pressupostos teóricos, estratégias metodológicas e da contribuição que trazem para melhor compreensão do fenômeno em questão. No contexto do Grupo de Pesquisa a que pertencemos, temos procurado sistematizar o processo de revisão bibliográfica, tendo em vista aprofundar e enriquecer as nossas investigações. Na tese de Riemenschneider (2015) encontramos, em um dos capítulos, um exame minucioso acerca do tema da escolha profissional e da forma como tem sido pesquisado. Corbett (2014) contribuiu significativamente ao debate sobre a violência doméstica também com a revisão bibliográfica que realizou em sua tese, e no artigo de Simões, Fernandes e Aiello-Vaisberg, (2013) encontramos resultados interessantes a respeito da saúde mental, obtidos por meio de verificação sistemática de artigos científicos.

No âmbito deste estudo, realizamos uma revisão crítica de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais e de trabalhos completos publicados nos anais da Jornada APOIAR, evento anual organizado pelo Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, ao qual nos vinculamos.

Tendo em vista organizar a literatura a respeito do tema que ora focalizamos, adolescentes abrigados, elegemos, primeiramente, como base de consulta a “Academic Search Premier”, biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil produções científicas internacionais bem conceituadas de várias áreas do conhecimento.

Posteriormente, realizamos busca semelhante na base de dados SciELO Brasil que, desde a sua criação, em 1998, por meio de um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), desempenha funções que

cobrem a indexação, agregação, publicação, e interoperabilidade de coleções em acesso aberto de periódicos científicos avaliados pelos pares, publicados por instituições de países iberoamericanos e da África do Sul. Tais atributos transformam-na em referência à comunidade científica nacional e internacional, principalmente para as ciências humanas, devido à metodologia de excelência, capacidade de aumentar a visibilidade e ao fator de impacto dos periódicos que dela participam (Packer, et al., 2014).

Finalmente, exibiremos a revisão bibliográfica dos trabalhos apresentados nas Jornadas APOIAR, realizadas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo anualmente desde 2003. Estes eventos são parte do projeto APOIAR, criado em 2002, no contexto do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social., Ao longo dos anos, uma expressiva produção de pesquisa focaliza o acolhimento institucional de crianças e adolescentes e suas implicações, vem sendo publicada integralmente em seus anais.

É importante ressaltar que, em um primeiro momento, realizamos uma busca nas bases Academic Search Premier e SciELO Brasil utilizando os descritores “Adolescentes” e “Adolescentes Abridados” para nos inteirarmos, em termos de números absolutos, a respeito do quanto o tema tem sido abordado pela comunidade científica internacional e nacional. Para o período que corresponde aos anos de 2011 a 2015, e que abrange a execução da presente pesquisa, a Academic Search Premiere retornou 9.257 estudos para a palavra “Adolescentes” e 113 trabalhos para “Adolescentes Abridados”. Como o número de pesquisas encontradas na SciELO Brasil é menor, não delimitamos período específico para a busca e obtivemos o seguinte: 1.841 artigos para “Adolescentes” e 11 investigações sobre “Adolescentes Abridados”. Em termos percentuais, a primeira base apresentou 1,22% e a segunda base 0,6%. De acordo com a prova estatística do quiquadrado, podemos afirmar que a porcentagem de artigos sobre adolescentes abrigados é maior na Academic Search Premiere.

A partir deste momento, detalharemos o processo de busca realizado em cada base, levando em conta que utilizamos critérios que melhor permitissem o acesso às produções sobre o nosso tema. Primeiramente, apresentaremos o procedimento adotado no exame de artigos acessíveis na base de dados “Academic Search Premier”.

2.1 Revisando Academic Search Premier

Na base de dados Academic Search Premier, buscamos artigos publicados entre os anos de 2011 e 2015, em cujos resumos pudesse ser encontrado o conjunto de descritores “Foster care” e “Teenagers and adolescents”. Tratando-se de uma base de dados com recursos importantes de pesquisa, limitamos a busca aos artigos em inglês, divulgados em revistas acadêmicas, vale dizer, avaliadas por especialistas, cujos textos estivessem disponíveis na íntegra. Como resultado, retornaram 113 estudos.

Em seguida, procuramos estudos que constavam mais de uma vez na lista, excluindo dezessete referências “repetidas”. O passo seguinte foi, a partir da leitura dos títulos e resumos, localizar artigos que, embora pudessem ser acessados por meio dos critérios propostos, não focalizavam a temática dos adolescentes abrigados, apenas tangenciando-a⁴. Finalmente, excluímos um trabalho cujos resumo e texto completo não estavam disponíveis, constando apenas sua referência (Miklowitz, 2014). Após este processo de conferência mais fina dos estudos que focalizavam a temática dos adolescentes abrigados, resultaram 81 artigos, que foram considerados a partir dos seguintes critérios: a instituição a que os autores estão filiados, tendo em vista obtermos um panorama dos locais em que as pesquisas foram realizadas; os objetivos das investigações, permitindo uma aproximação dos interesses da comunidade científica; o referencial teórico adotado, para compreendermos as perspectivas a partir das quais o fenômeno é abordado; e, finalmente, os modos de produção, de registro e de consideração ou tratamento do material empírico, oferecendo um panorama dos procedimentos investigativos utilizados.

Devido ao grande número de estudos, optamos por dividi-los em temas para facilitar o exame de cada um, tal como podemos visualizar na tabela a seguir:

⁴Ahmann (2014), Brown, J., et al. (2011), Constantine, Andel, Robst e Givens (2013), Gilmour, et al. (2011), Foster, Hillemeier e Bai (2011), Holmes, Ward e McDermid (2012), Huang e Ryan (2014), Kreider et al. (2014), McCombs, Kimberly e Foster (2012), Pedrini et al. (2015), Taylor (2014), Tripodi e Bender (2011), Tyler e Schimitz (2013) e Williams et al. (2014).

Tabela 1. Temas dos estudos considerados

Tema	Número de estudos
Sustentação Ambiental	27
Saúde Mental	19
Formas de Intervenção	15
Saúde Orgânica	07
Vida Escolar	05
Gravidez Precoce e Sexualidade	05
Instrumentos de medida	03
Total	81

a) Sustentação Ambiental

Um total de 27 dos estudos considerados nesta revisão de literatura trata de assuntos relacionados ao que podemos compreender, a partir de um ponto de vista winnicottiano, à sustentação ambiental, que inclui formas de cuidado variadas, como os programas sociais voltados aos adolescentes, a família biológica e a adotiva, e outros tipos de apoio que eles recebem fora de casa. Neste conjunto, 16 das investigações foram realizadas por pesquisadores vinculados a universidades americanas⁵. Também foram encontrados estudos desenvolvidos por pesquisadores filiados a instituições de ensino e pesquisa localizadas na Espanha⁶, na Noruega⁷, na Holanda⁸, na Inglaterra⁹, na Austrália¹⁰, na Sérvia¹¹ e em Singapura¹². Predominaram, em grande medida, os estudos segue de desenho quantitativo, fazendo uso de instrumentos como questionários e escalas para a aproximação do fenômeno em foco e de análise estatística na consideração dos dados. Apenas três estudos fizeram uso de documentos e um de

⁵ Dworsky (2015), Farineau, Stevenson e Mcwey (2013), Fowler, Toro e Miles (2011), Greeson et al. (2015), Hegar (2011), Hudson (2013), Lloyd, Christopher e Richard (2011), Lo et al. (2015), McWey, Cui e Holtrop (2015), Negriff, James Adam e Penelope (2015), Robst, Armstrong, Dollard e Rohrer (2013), Singer, Berzin e Hokanson (2013), Sttot (2013), Susana, Akin, Lieberman e Washington (2015), Wojciak, McWey e Helfrich (2013) e Zinn e Courtney (2014).

⁶ Balsells et al. (2015) e Fuentes-Peláez et al. (2013).

⁷ Fuentes-Peláez et al. (2013) e Ellingsen, Stephens e Størksen (2012).

⁸ Euser et al. (2014) e Skrallan, et al. (2015).

⁹ Joseph et al. (2014) e Oke, Rostill-Brookes e Larkin (2013).

¹⁰ Kroner e Mares (2011).

¹¹ Damnjanović et al. (2012).

¹² Liu et al. (2014).

entrevistas semiabertas. Também foram pouco numerosas as investigações os dados foram considerados a partir de análise de conteúdo ou categorial.

As informações sobre esse agrupamento de estudos são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 2. Estudos sobre Sustentação Ambiental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Balsells et al. (2015)	University of Lleida	Analisar as necessidades dos pais suscetíveis a intervenção educativa para o reagrupamento familiar	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Damnjanović et al. (2012)	Clinic for Neurology and Psychiatry for Children and Youth of Belgrade	Avaliar qualidade de vida	Não especificado	Inventário	Respostas	Estatística
Dworsky (2015)	University of Chicago	Examinar o envolvimento de serviços de bem-estar infantil com crianças abrigadas	Não especificado	Análise documental	Não especificado	Estatística
Ellingsen, Shemmings e Størksen (2011)	University of Stavanger	Investigar o significado de "família" para crianças abrigadas	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Ellingsen, Stephens e Størksen (2012)	University of Stavanger	Investigar a opinião de Adolescentes e de pais sobre a assistência social	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Euser et al. (2014)	Leiden University	Investigar maus tratos em diversos tipos de cuidados fora de casa e no abrigo	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Farineau, Stevenson e Mcwey (2013)	Florida State University	Examinar se as relações com mães biológicas, pais adotivos e colegas influenciaram a autoestima	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística

Continuação da Tabela 2. Estudos sobre Sustentação Ambiental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Fowler, Toro e Miles (2011)	DePaul University	Examinar o apoio contextual em relação à saúde mental	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Fuentes-Peláez et al. (2013)	Barcelona University	Destacar as necessidades das crianças de um abrigo em relação à família biológica	Não especificado	Questionário	Respostas	Análise de categorias
Greeson et al. (2015)	University of Pennsylvania	Investigar as atitudes e crenças dos adolescentes mais velhos em um abrigo	Não especificado	Questionário	Respostas	Análise de conteúdo
Hegar (2011)	University of Texas	Examinar o desenvolvimento de crianças abrigadas que possuem irmãos	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Hudson (2013)	UCLA School of Nursing	Investigar a percepção de adolescentes abrigados sobre "mentoring"	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Joseph et al. (2014)	King's College London	Examinar vinculação com pais biológicos e adotivos	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Kroner e Mares (2011)	Lighthouse Training Institute	Analisar a escolha de moradia e a mudança de atendimento de jovens adultos emancipados	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Liu et al. (2014)	Centre for Research on Rehabilitation and Protection of Singapore	Descrever as necessidades e pontos fortes das crianças que recebem cuidados fora de casa	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Lloyd, Christopher e Richard (2011)	University of Arkansas	Estudar o desenvolvimento de crianças abrigadas	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Lo et al. (2015)	University of Delaware	Avaliar o cuidado de pais adotivos	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
McWey, Cui e Holtrop (2015)	Florida State University	Investigar conflitos entre cuidador e adolescente abrigado	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística

Continuação da Tabela 2. Estudos sobre Sustentação Ambiental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Negriff, James Adam e Penelope (2015)	University of Southern California	Estudar rede de apoio em jovens maltratados	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Oke, Rostill-Brookes e Larkin (2013)	University of Birmingham	Examinar relação entre cuidado e estabilidade	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Robst, Armstrong, Dollard e Rohrer (2013)	University of South Florida	Comparar a taxa de detenção durante e após o tratamento psiquiátrico	Não especificado	Pesquisa documental	Respostas	Estatística
Singer, Berzin e Hokanson (2013)	Boston College	Explorar o uso e a qualidade da rede de apoio	Não especificado	Entrevistas semiabertas e questionário	Respostas	Análise de conteúdo e estatística
Skrallan, et al. (2015)	Vrije University	Examinar atitudes em relação à paternidade	Não especificado	Inventário	Respostas	Estatística
Sttot (2013)	Arizona State University	Revisar as políticas primárias e estudos relativos à juventude	Não especificado	Revisão bibliográfica	Não especificado	Análise de conteúdo
Susana, Akin, Lieberman e Washington (2015)	University of Kansas	Explorar percepções de jovens em assistência social e adoção bem sucedida	Não especificado	Questionário	Audiogravação	Estatística
Wojciak, McWey e Helfrich (2013)	Florida State University	Avaliar relação entre irmãos de um abrigo	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Zinn e Courtney (2014)	University of Kansas	Avaliar o impacto de um programa de tutoria individualizada	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística

b) Saúde Mental

Assuntos relacionados à saúde mental foram tematizados por dezenove dos artigos considerados. Neste grupo, reunimos os estudos que versavam sobre sofrimento, condições referentes às necessidades de cuidado em relação ao emocional e aspectos psicológicos como a resiliência. Quatorze dessas investigações foram realizados por

pesquisadores vinculados a universidades americanas¹³, sendo também encontrados trabalhos de autoria de pesquisadores filiados a instituições de ensino e pesquisa inglesas¹⁴, uma japonesa¹⁵ e uma iraniana¹⁶. O método quantitativo prevaleceu nas pesquisas, que utilizaram instrumentos como questionários e escalas, com exceção de três estudos organizados a partir de análise documental.

Apresentamos, na Tabela 3, as informações sobre essas investigações:

Tabela 3. Estudos sobre Saúde Mental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Aguilar-Vafaie, Roshani, Hassanabadi e Masoudian (2011)	Tarbiat Modares University	Investigar fatores de risco, proteção e psicopatologia do adolescente	Comportamental	Escalas	Respostas	Estatística
Ahrens et al. (2012)	University of Washington	Avaliar a associação entre abuso sexual e prostituição	Não especificado	Entrevistas semiabertas e questionário	Respostas	Estatística
Ai (2013)	Florida State University	Investigar relação entre maus tratos e TEPT	Não especificado	Revisão bibliográfica	Não especificado	Análise comparativa
Bronstein e Montgomery (2012)	University of Oxford	Apresentar estimativa TEPT em refugiados de guerra	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Cicchetti, et al. (2014)	University of Sussex	Analisar relação entre depressão e tendência antissocial em meninas abrigadas e não abrigadas com mães depressivas	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística

¹³ Ahrens et al. (2012), Ai (2013), Diehl, Howse e Trivette (2011), Dorsey (2012), Farineau e McWey (2011), Green e Clark (2011), Henggeler e Sheidow (2012), Hudson e Nandy (2012), Kira, Somers e Chiodo (2012), Lynch (2011); Loman (2014); Min et al. (2014), Stoner, Leon e Fuller (2015) e Woods, Farineau e McWey (2013).

¹⁴ Bronstein e Montgomery (2012), Cicchetti, et al. (2014) e Mantovani e Thomas (2015).

¹⁵ Hanako e Akemi (2015).

¹⁶ Aguilar-Vafaie, Roshani, Hassanabadi e Masoudian (2011).

Continuação da Tabela 3. Estudos sobre Saúde Mental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Diehl, Howse e Trivette (2011)	University of Florida	Estudar percepção de jovens sobre adoção e resiliência	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Dorsey (2012).	University of Washington	Estudar consequências de abuso sexual e violência para jovens abrigados	Comportamental	Questionário	Respostas	Estatística
Farineau e McWey (2011)	Florida State University	Examinar relação de envolvimento em atividades extracurriculares e delinquência	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Green e Clark (2011)	Lighthouse Institute	Verificar relação de uso de substâncias químicas com abrigo	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Hanako e Akemi (2015)	University of Tsukuba	Investigar o papel do apego e autoestima associado a experiências adversas na infância	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Hudson e Nandy (2012)	UCLA School of Nursing	Comparar dependência química, vida sexual arriscada e depressão	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Kira, Somers e Chiodo (2012)	Wayne State University	Estudar relação entre ruptura de vínculos e PTSD	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Lynch (2011)	University of Maryland	Estudar resiliência em filhos adotivos	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Loman (2014)	Medical College of Wisconsin	Examinar relação entre problemas de conduta e depressão	Comportamental	Questionário	Respostas	Estatística

Continuação da Tabela 3. Estudos sobre Saúde Mental

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Mantovani e Thomas (2015)	University of London	Analisar experiências de resiliência em mães adolescentes	Desenvolvimentista	Entrevista semiaberta	Audiogravação	Análise de categorias
Min et al. (2014)	Case Western Reserve University	Relacionar problemas de comportamento ao uso de substâncias químicas	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Stoner, Leon e Fuller (2015)	Loyola University Chicago	Examinar diminuição de sintomas depressivos	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Woods, Farineau e McWey (2013)	Florida State University	Investigar a relação entre saúde física, saúde mental e problemas de comportamento	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística

c) Formas de Intervenção

Um total de quinze estudos tematiza formas de tratamento do sofrimento dos adolescentes abrigados, tais como a psicoterapia, a atenção psicossocial e o tratamento medicamentoso. Neste conjunto, predominam as investigações desenvolvidas por pesquisadores vinculados a universidades norte-americanas, sendo encontrados também artigos de autoria de pesquisadores filiados a universidades inglesa¹⁷, neozelandesa¹⁸, lituana¹⁹ e holandesa²⁰. Sete dentre essas quinze investigações objetivam verificar a eficácia de diferentes enquadres de atenção a adolescentes abrigados. Dentre os estudos que explicitaram o referencial teórico adotado, cinco faziam uso da teoria

¹⁷ Turner e Macdonald (2011)

¹⁸ Poulton et al. (2014)

¹⁹ Cepukiene e Pakrosnis (2011)

²⁰ Leenarts (2013)

comportamental e um da teoria desenvolvimentista na compreensão dos atendimentos à população em foco. No que se refere ao modo de produção do material empírico, encontramos em igual proporção pesquisas que se organizavam a partir de estudos de caso, da consulta à literatura científica e do uso de questionários ou inventários.

Apresentamos, na tabela a seguir, as informações sobre esse conjunto de estudos:

Tabela 4. Estudos sobre Formas de Intervenção

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Bailey, Gross e Cotton (2011)	University of Mississippi	Descrever os desafios para instituir um programa comportamental	Comportamental	Estudo de caso	Não especificado	Análise de conteúdo
Cameron (2013)	University of North Caroline	Oferecer um modelo de intervenção grupal em abrigos	Comportamental	Análise Teórica	Não especificado	Análise de conteúdo
Capps (2012)	University of Denver	Explorar a aplicação de princípios de terapia filial em adolescentes e pais adotivos	Comportamental	Análise Teórica	Não se aplica	Análise de conteúdo
Cepukiene e Pakrosnis (2011)	Vytautas Magnus University	Avaliar resultados de terapia breve em adolescentes adotivos	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Dorsey (2014)	University of Washington	Analisar o impacto da terapia cognitivo-comportamental em pais e jovens adotivos	Comportamental	Questionário	Respostas	Estatística
Fineran (2012)	Indiana–Purdue University Fort	Estudar possibilidades de trabalho com crianças em processo de luto	Desenvolvimentista	Estudo de caso	Narrativa	Análise de conteúdo

Continuação da Tabela 4. Estudos sobre Formas de Intervenção

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Henggeler e Sheidow (2012)	Medical University of South Carolina	Examinar o apoio familiar em tratamentos de transtornos de conduta.	Desenvolvimentista	Revisão bibliográfica	Não especificado	Análise de conteúdo
Leenarts (2013)	University of Amsterdam	Realizar revisão sistemática sobre tratamentos de crianças expostas a maus tratos	Não especificado	Revisão bibliográfica	Não especificado	Análise de conteúdo
Longhofer, Floersch e Okpych (2011)	Rutgers University	Examinar tratamento com psicotrópicos	Não especificado	Leitura de textos sobre o tema	Não especificado	Análise de conteúdo
Poulton et al. (2014)	University of Otago	Destacar os benefícios da prevenção da psicose em meninas	Não especificado	Inventário	Respostas	Estatística
Reddy et al. (2013)	Emory University	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Comportamental	Escalas, inventário e questionário	Respostas	Estatística
Rice, Girvin e Primak (2014)	Millersville University	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Não especificado	Estudo de caso	Narrativa	Análise de conteúdo
Scarborough, Taylor e Tuttle (2013)	Alliant International University	Avaliar e apresentar enquadre clínico	Não especificado	Estudo de caso	Narrativa	Análise de conteúdo
Smith (2011)	Oregon Social Learning Center	Avaliação de eficácia de enquadre clínico	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Turner e Macdonald (2011)	University of Bristol	Examinar enquadres clínicos realizados com adolescentes abrigados	Não especificado	Revisão Bibliográfica	Não se aplica	Análise de conteúdo
Webster e Joubert (2011)	University of the Pacific	Avaliar eficácia clínica de enquadre	Não especificado	Estudo de caso	Narrativa	Análise de conteúdo

d) Saúde Orgânica

Durante o exame dos trabalhos, encontramos sete que tratavam de questões relacionadas à saúde orgânica de adolescentes abrigados. A maioria dos pesquisadores pertence a instituições de ensino e pesquisa americanas, com exceção de alguns que estavam vinculados a universidades localizadas na Inglaterra²¹ e em Ruanda²². Quatro entre os sete estudos seguem um desenho quantitativo, fazendo uso de questionários e escalas para produzir dados a seres estatisticamente considerados. Dois realizaram estudos de caso e um apresentou leitura de textos com análise de conteúdo.

Na Tabela 5, são explicitadas as informações referentes a estas pesquisas:

Tabela 5. Estudos sobre Saúde Orgânica

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Ahrens, Garrison e Courtney (2014)	Seattle Children's Hospital & Research Institute	Avaliar os fatores de riscos cardiovasculares	Não especificado	Escalas	Respostas	Estatística
Christian e Schwarz (2011)	University of Pennsylvania	Descrever condições de saúde de maltratados	Não especificado	Leitura de textos	Não especificado	Análise de Conteúdo
Mutwa et al. (2013)	Kigali University Teaching Hospital	Estudar adesão ao tratamento de HIV	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Pace (2013)	Emory University School of Medicine	Avaliar intervenção psicológica no tratamento de ELA	Comportamental	Estudo de caso	Não especificado	Análise da evolução dos casos por meio dos resultados dos exames laboratoriais

²¹ Williams et al. (2014)

²² Mutwa et al. (2013)

Continuação da Tabela 5. Estudos sobre Saúde Orgânica

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Schneiderman (2012)	University of Southern California	Investigar notificações de ferimentos em crianças e adolescentes que permaneceram com a família biológica	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Thompson, Auslander e Alonzo (2012)	Columbia University	Estudar adesão à prevenção de HIV	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Williams et al. (2014)	University of Bristol	Verificar a relação entre a entrada no abrigo e obesidade	Não especificado	Estudo de caso	Não especificado	Análise da evolução do caso por meio da comparação do peso corporal

e) Gravidez Precoce e Sexualidade

Aspectos relacionados à sexualidade e à gravidez na adolescência foram abordados em cinco estudos, tal como aponta a tabela a seguir:

Tabela 6. Estudos sobre Gravidez Precoce e Sexualidade

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Farber (2014)	University of South Carolina	Investigar a percepção da gravidez na adolescência	Não especificado	Análise de textos sobre o tema	Não especificado	Análise do conteúdo dos textos
Gallegos (2011)	San Francisco State University	Abordar experiências sexuais de jovens abrigados	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Matta, Karen e McMillen (2013)	Washington University	Examinar preditores de gravidez	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística

Continuação da Tabela 6. Estudos sobre Gravidez Precoce e Sexualidade

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Leve, Kerr e Harold (2013)	University of Oregon	Examinar a relação entre gravidez na adolescência e uso de substâncias	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Robertson (2013)	University of Illinois	Examinar cuidados de saúde sexual	Não especificado	Revisão Bibliográfica	Não especificado	Análise dos estudos

f) Vida Escolar

Cinco investigações abordaram assuntos relativos à educação formal de adolescentes abrigados, apresentando as características explicitadas na Tabela 7:

Tabela 7. Estudos sobre Vida Escolar

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Crosby, Day, Baroni e Somers (2015)	Wayne State University	Explorar os desafios e necessidades de escola que trabalha com alunos abrigados e infratores	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Font (2013)	University of Wisconsin	Examinar desempenho escolar de crianças abrigadas	Não especificado	Escala	Respostas	Estatística
Guerra (2012)	Seattle University	Discutir o papel da educação de adolescentes em situação de risco ou encarcerados	Não especificado	Relato de experiência	Narrativa	Reflexões a partir do relato de experiência

Continuação da Tabela 7. Estudos sobre Vida Escolar

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Kirk et al. (2012)	Wichita State University	Explorar o efeito do gênero sobre a vida escolar	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Severinsson e Markström (2015)	Linköping University	Explorar resistência a identidades institucionais	Não especificado	Entrevistas semiabertas	Audiogravação	Análise de categorias

g) Instrumentos de Medida

Finalmente, três estudos focalizam a construção ou a validação de instrumentos de medida para serem utilizados na abordagem de adolescentes abrigados, são eles:

Tabela 8. Estudos sobre Construção e Validação de Instrumentos de Medida

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Berg et al. (2013)	Emory University	Examinar validade do instrumento UTI	Não especificado	Inventário	Respostas	Estatística
Gabrielli, Jackson e Brown (2015)	University of Kansas	Avaliar as propriedades de medida do relatório dos cuidadores	Não especificado	Questionário	Respostas	Estatística
Tarren-Sweeney (2013)	University of Canterbury	Descrever o desenvolvimento da Avaliação Checklist	Não especificado	Escala	Não especificado	Estatística

O exame detalhado e sistemático realizado na base Academic Search Premier permitiu concluir que a maior parte dos artigos foi escrita por pesquisadores americanos e ingleses, que se mostraram preocupados com as condições adversas às quais adolescentes, do mundo inteiro, estão expostos e, por conta disso, são levados aos

abrigos. Os temas pesquisados mostraram que a atenção abrange vários âmbitos, que vão desde aspectos individuais, como a saúde mental e orgânica, até os contextos sociais, como escola, rede de apoio e políticas públicas.

Apresentaremos, a seguir, a revisão da base SciELO Brasil, antes de focalizar as produções das Jornadas APOIAR do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social sobre abrigos.

2.2 Revisando SciELO Brasil

Na base de dados SciELO Brasil, realizamos a busca com as palavras-chave “adolescentes” e “abrigo”, selecionando como índice o assunto dos artigos. Obtivemos, assim, um total de 11 estudos, publicados entre os anos de 2003 e 2015. Devido ao retorno de poucos trabalhos, optamos por examinar todos, independentemente do ano, para compreender o que tem sido pesquisado pela comunidade científica brasileira, e organizar em uma só tabela, tal como visualizaremos a seguir:

Tabela 9. Estudos da SciELO Brasil

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Arpini (2003)	Universidade Federal de Santa Maria	Refletir sobre a realidade do abrigo para os adolescentes	Psicologia Social	Estudos de caso por meio de atendimentos grupais	Narrativas	Análise do discurso
Azôr e Vectore (2008)	Universidade Federal de Uberlândia	Conhecer o papel das famílias de adolescentes desabrigados	Desenvolvimento	Entrevistas Semiestruturadas	Audiogravação e diários de Campo	Análise de Categorias
Fave e Massimini (2000)	Universidade de Milão	Examinar a relação entre estrutura familiar e a qualidade de vida de adolescentes abrigados e não abrigados	Não especificada	Questionários	Respostas	Estatística
Ferriani, Bertolucci e Silva (2008)	Universidade de São Paulo	Descrever a assistência em saúde oferecida a adolescentes abrigados	Não especificada	Entrevistas Semiestruturadas, observações e análise documental	Respostas e diário de campo	Análise de Conteúdo
Marques e Czermak (2008)	Universidade do Vale dos Sinos	Investigar modos de subjetivação em abrigos do RS	Esquizoanálise	Cartografia	Não especificado	Análise de Processo
Moraes et al. (2012)	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Analisar como os cuidadores de abrigo expressam o sofrimento no trabalho	Psicologia Social	História Oral e Observação de campo	Audiogravação e diário de campo	Análise de Categorias

Continuação da Tabela 9. Estudos da SciELO Brasil

Artigo	Instituição do autor	Objetivo	Referencial teórico	Produção do material	Registro do material	Consideração do material
Moré e Sperancetta (2010)	Universidade Federal de Santa Catarina	Analisar práticas de pais sociais em instituições de acolhimento	Psicologia Social	Revisão Bibliográfica	Não especificado	Análise de Conteúdo
Oliveira e Milnitsky-Sapiro (2007)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Analisar práticas cotidianas e estruturas físicas de instituições de acolhimento	Psicologia Social	Entrevistas Semiestruturadas	Narrativas	Análise de Conteúdo
Salina-Brandão e Williams (2009)	Universidade Federal de São Carlos	Investigar estratégias utilizadas por profissionais ao avaliarem abrigos	Desenvolvimentista	Questionários e análise documental	Respostas	Estatística
Siqueira e Dell'Aglio (2006)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Discutir a influência dos abrigos no desenvolvimento de crianças e adolescentes	Desenvolvimentista	Leituras sobre o tema	Não especificado	Análise de Conteúdo
Souza e Brito (2015)	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Analisar e discutir pesquisas realizadas sobre acolhimento institucional em Aracaju	Psicologia Social	Leituras de estudos sobre o tema	Não especificado	Análise de Conteúdo

Finalizado o exame das bases de dados que escolhemos, procederemos à consideração das produções que vem sendo apresentadas nas sucessivas Jornadas Apoiar do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, no âmbito do qual se insere a presente pesquisa.

2.3 Revisando Anais das Jornadas APOIAR

O projeto APOIAR foi criado em 2002 no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Articulando pesquisa e extensão, apresenta como objetivos atender demanda de atenção psicológica, bem como estudar práticas de cuidado emocional, desenvolvidas em diferentes contextos institucionais. Para cumprir tais propostas opera em duas vertentes: 1) realiza atendimentos clínicos em dependências próprias do Instituto de Psicologia da USP e 2) realiza atendimentos, supervisões, consultorias e assessorias em outras instituições, por meio do estabelecimento de parcerias e convênios.

Outra importante atividade desenvolvida é a Jornada APOIAR/USP, que ocorre anualmente, desde 2003, de modo inteiramente regular. Seu formato tem-se mantido ao longo dos anos: duas sessões de palestras, matutinas e vespertinas, bem como uma sessão de pôsteres assinados por pós-graduandos e seus orientadores, previamente examinados por uma comissão científica competente. As palestras são proferidas por convidados, estrangeiros ou brasileiros, que tanto podem ser docentes pesquisadores, como profissionais de diferentes áreas de atuação que, em suas práticas, lidam com sofrimento humano.

O conjunto de trabalhos, composto pelas palestras e textos completos correspondentes aos pôsteres, é publicado sistematicamente sob a forma de anais, rendendo uma literatura de proporções razoáveis. Cumpre-se, deste modo, um compromisso importante com os pesquisadores e a sociedade brasileira, tornando esta literatura acessível para além do que os participantes presenciais do evento podem aproveitar.

O exame dos anais das sucessivas edições deste evento indica que, entre as investigações que abordam o sofrimento de diferentes grupos sociais, como pacientes psiquiátricos, pessoas com deficiência física e mental, mulheres vítimas de violência doméstica, obesos, adolescentes, indígenas e muitos outros, podemos identificar um conjunto significativo, especificamente dedicado ao estudo do recolhimento de crianças e adolescentes em abrigos institucionais, segundo diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Deste modo, não surpreende constatar que foi possível acumular, ao longo dos anos, uma considerável produção sobre o tema.

Esta pesquisa, que objetiva realizar uma revisão crítica e sistemática dos trabalhos apresentados nas Jornadas APOIAR, foi organizada a partir do levantamento de todos os estudos sobre abrigo apresentados nos eventos. Para tanto, foram consultados os principais sites que publicam os anais da Jornada, são eles: o *site* da professora Leila Tardivo²³, o da *Ser e Fazer*²⁴, e o do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo²⁵.

Realizamos uma leitura sistemática dos textos sobre abrigo, encontrando um total de 29 produções que se distribuem, em termos de ano de publicação, conforme podemos apreciar na tabela a seguir:

Tabela 14. Distribuição do ano de publicação dos artigos sobre abrigo das Jornadas APOIAR

Número da Jornada	Ano	Total de artigos sobre o tema “abrigo”
I Jornada Apoiar	2003	1
II Jornada Apoiar	2004	Não publicou trabalhos em anais
III Jornada Apoiar	2005	2
IV Jornada Apoiar	2006	1
V Jornada Apoiar	2007	4
VI Jornada Apoiar	2008	5
VII Jornada Apoiar	2009	3
VIII Jornada Apoiar	2010	3
IX Jornada Apoiar	2011	2
X Jornada Apoiar	2012	5
XI Jornada Apoiar	2013	1
XII Jornada Apoiar	2014	2

²³ leilatardivo.com.br,

²⁴ serefazer.psc.com.br,

²⁵ <http://www.ip.usp.br/>

Consideramos, para os fins dessa leitura crítica e sistemática, os seguintes aspectos: o objetivo, os procedimentos, os achados, a perspectiva teórica e a instituição de origem dos autores da publicação. Tais itens foram escolhidos porque informam tanto sobre tópicos estruturais da pesquisa empírica qualitativa, como sobre condições institucionais.

A partir do levantamento das tabelas foram encontrados 29 artigos que contêm a palavra “abrigo” em seu título, e/ou resumo, e/ou palavra chave, apresentados na tabela a seguir:

Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
“Trabalho de encontros terapêuticos grupais com crianças que vivem em abrigos”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Explicitar a necessidade de intervenções	Psicanálise	Estudo de caso por meio de grupos terapêuticos	Enquadre clínico revelou-se eficaz
“Encontros terapêuticos com crianças abrigadas: um oásis no deserto”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de grupos terapêuticos	Enquadre clínico revelou-se eficaz
“Acompanhamento das vivências emocionais de uma criança abrigada: um estudo de caso”.	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	Enquadre clínico revelou-se eficaz
“A criança em situação de abrigamento: intervenção junto à mãe social”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Entrevistas semi-estruturadas e PDE	O enquadre clínico revelou-se eficaz
“Consultas terapêuticas de uma criança abrigada e sua mãe: maternando mãe e filha”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar a eficácia de proposta interventiva	Psicanálise	Estudo de caso por meio de Consultas Terapêuticas	O enquadre clínico revelou-se eficaz

Continuação da Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
“Do abrigamento ao desabrigamento: considerações sobre a vivência de um adolescente”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Explicitar necessidade de intervenções	Psicanálise	Análise documental, entrevista e psicodiagnóstico	O estudo comprovou a necessidade de preparo psicológico de crianças abrigadas que retornarão ao lar
“Avaliação clínica em criança abrigada com dificuldade de relacionamento interpessoal”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Compreender as dificuldades emocionais de uma criança abrigada	Psicanálise	Observação e procedimentos projetivos	A avaliação clínica favoreceu o preparo da criança para iniciar processo terapêutico
“Adolescentes abrigados: espaços para um retrato observado”	UNISANTO S USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar o potencial de acolhimento do abrigo	Psicanálise	Observação e Análise de documentos	O estudo revelou a necessidade de capacitação dos profissionais que trabalham em abrigo.
“Reflexões éticas sobre o tratamento de uma criança abrigada: a importância do encontro inter-humano”	USP	Refletir sobre aspectos éticos em um abrigo	Psicanálise	Reflexão e interlocução com autores	O estudo revelou a necessidade de reformular condutas éticas no abrigo.
“A história dos gêmeos Daniel e Mathias abrigados nos primeiros anos de vida: retratos de violência e desamparo e necessidade de intervenções em contextos institucionais”	USP	Investigar o desenvolvimento psíquico de gêmeos abrigados no 1º ano de vida	Psicanálise	Procedimentos projetivos	O estudo alertou para os fatores patológicos do contexto institucional e dos processos de adoção

Continuação da Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
“A história dos gêmeos Daniel e Mathias abrigados nos primeiros anos de vida: retratos de violência e desamparo e necessidade de intervenções em contextos institucionais”	USP	Investigar o desenvolvimento psíquico de gêmeos abrigados no 1º ano de vida	Psicanálise	Procedimentos projetivos	O estudo alertou para os fatores patológicos do contexto institucional e dos processos de adoção
“O atendimento psicológico à família de crianças abrigadas: estudo de caso”	USP	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Procedimentos Projetivos	O enquadre clínico revelou-se eficaz.
“O brincar como marca da presença viva do terapeuta: contribuições ao desenvolvimento psíquico de crianças abrigadas”	USP	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O enquadre clínico revelou-se eficaz.
“Cuidando do cuidador: o desenho livre como fenômeno transicional no atendimento grupal de cuidadoras de um abrigo”	USP	Investigar o brincar como forma de intervenção com cuidadoras	Psicanálise	Estudo de caso por meio de encontros grupais com Desenho livre	Enquadre revelou-se eficaz.
“Núcleo de abrigos – LAPECRI USP: Da universidade para a comunidade”	USP	Apresentar projetos de pesquisa em abrigos	Psicanálise	Intervenções psicológicas com abrigados, profissionais, famílias e escolas	Espera-se contribuir para melhoras na saúde mental dos envolvidos com o abrigo
“A importância da experiência de continuidade para o desenvolvimento emocional de uma criança em situação de abrigamento”	USP	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O enquadre revelou-se eficaz

Continuação da Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
"Regressão clínica e sua relação com a disponibilidade ambiental: relatos do trabalho com criança abrigada"	USP	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O enquadre clínico revelou-se eficaz.
"Estudo de depressão em crianças abrigadas"	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar a incidência de depressão em crianças abrigadas	Psicanálise	Inventário de depressão infantil e Procedimento Desenho-Estória	Os participantes apresentaram indícios de depressão, ressaltando dificuldades presentes num abrigo
"Dificuldade da vivência do luto por uma criança abrigada: relato de caso"	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Analisar o processo de luto em uma criança abrigada	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	Comprovou a importância do atendimento psicológico para a criança abrigada, especialmente se ela estiver em luto
"Brincar como elemento facilitador do desenvolvimento de crianças abrigadas: um projeto de intervenção psicológica"	UFF	Apresentar Proposta de atendimentos diferenciados às crianças abrigadas	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos grupais	Não apresentou, pois o projeto ainda não havia sido concluído
"O brincar de uma criança abrigada por negligência no processo terapêutico"	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar a eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimento individual	O enquadre clínico revelou-se eficaz
"A percepção de crianças institucionalizadas sobre o abrigo por meio de desenhos-estórias com tema."	Universidade São Judas Tadeu	Investigar a percepção de crianças abrigadas sobre institucionalização	Psicanálise	Técnicas projetivas	Algumas crianças vivenciam sentimentos ambivalentes em relação ao abrigo, mas a maioria experimenta o ambiente como acolhedor

Continuação da Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
“Intervenção com oficinas terapêuticas em mães adolescentes em instituição de acolhimento”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de oficina psicoterapêutica	O enquadre revelou-se eficaz
“Reflexões sobre a psicanálise dos laços sociais em adolescentes abrigados.”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Apresentar os desafios terapêuticos no atendimento a adolescentes abrigados	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O trabalho evidenciou as dificuldades do terapeuta em constituir vínculo com adolescentes vítimas de violência
“A percepção terapêutica sobre o vínculo afetivo dentro de abrigo para crianças e adolescentes.”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Investigar os vínculos afetivos desenvolvidos por crianças e adolescentes abrigados	Psicanálise	Estudo de caso por meio de oficinas grupais expressivas de desenho e pintura	As oficinas expressivas facilitaram a formação de vínculos mais saudáveis
“O olhar do lado de lá: perspectivas, ressonâncias e consequências na vida de crianças e adolescentes abrigados”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Compreender o impacto do acolhimento institucional em abrigos	Psicanálise	Pesquisa de campo com Procedimento Desenho-Estória	O abrigo pode ser acolhedor quando conta com práticas que auxiliem as crianças e adolescentes abrigados
“A importância do holding na vivência de uma adolescente abrigada e o vínculo terapêutico.”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Avaliar eficácia de enquadre clínico	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O enquadre clínico revelou-se eficaz
“O contexto real e o faz-de-conta de uma criança abrigada no processo terapêutico.”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Apresentar atendimento clínico com uma criança abrigada	Psicanálise	Estudo de caso por meio de atendimentos individuais	O estudo mostrou a necessidade e eficácia do atendimento psicológico para uma criança abrigada.
“Cuidando do cuidador: a equipe da instituição de acolhimento e a criança abrigada”	USP (Grupo de pesquisa APOIAR)	Explicitar a necessidade de apoio psicológico a cuidadores de abrigo	Psicanálise	Estudo de caso	O enquadre clínico revelou que cuidadores necessitam de apoio

Continuação da Tabela 15. Estudos sobre abrigo de todas as Jornadas Apoiar

Título	Instituição	Objetivo	Perspectiva Teórica	Procedimento	Considerações
“A psicodinâmica da criança em situação de abrigo: um estudo de caso”	Universidade Metodista de São Paulo	Analisar a dinâmica psíquica em situação de acolhimento	Psicanálise	Estudo de caso por meio de entrevista semi-dirigida e Procedimento Desenho-Estória	Abrigo cumpre pouco os objetivos de acolher às crianças, que permanecem com sentimentos de insegurança e desamparo.

2.4 Considerando as revisões realizadas

Se considerarmos que o número total de artigos sobre adolescentes e o número de artigos sobre adolescentes em abrigos, obtidos na base Academic Search Premier e SciELO Brasil, nos períodos aqui considerados, constatamos que correspondem, respectivamente, a 1,22% e 0,6% da produção sobre este período da vida. Evidentemente, tais resultados não nos permitem afirmar se estamos diante de uma quantidade grande ou pequena de artigos, mas atesta que o tema não tem deixado de motivar a realização de pesquisas, tanto em nosso país como no exterior. Percebemos, também, que as Jornadas Apoiar demonstraram uma sintonia importante em relação à questão do adolescente abrigado, e o abrigo desponta como uma das principais instituições substitutivas à vida em família.

A maioria dos estudos da Academic Search Premier, da SciELO Brasil e das Jornadas Apoiar, revelam para nós, profissionais do cuidado, uma preocupação em relação ao ambiente em que os adolescentes vivem e aos cuidados de que necessitam. Tal aspecto nos parece de suma importância na medida em que pensamos, com Winnicott²⁶ (1945/2000), que a importância do ambiente, nas fases iniciais das vidas individuais, não deve ser negligenciada.

Na primeira base, comprovamos tal afirmação por meio da consulta aos temas “Sustentação Ambiental” e “Formas de Intervenção”, nos quais alguns trabalhos discutem esses assuntos de modo articulado às políticas públicas, que podem ser compreendidas, a partir de uma perspectiva concreta, como parte indissociável do ambiente humano mais amplo em que a vida das pessoas acontece, vale dizer, o âmbito social. As investigações apontaram a necessidade de elaboração de novas políticas de atendimento (Zinn &

²⁶ Para Winnicott (1945/2000), o ambiente necessário aos processos de amadurecimento emocional infantil é denominado de “ambiente suficientemente bom”. A mãe ou cuidador inicialmente adapta-se às necessidades da pessoa em desenvolvimento de modo quase perfeito, permitindo que o bebê recém-nascido experimente a continuidade de ser, ao longo do tempo. Gradualmente, a adaptação materna vai diminuindo, à medida que cresce a capacidade do bebê de desfrutar do mundo. Tais pressupostos vieram a integrar uma teoria do desenvolvimento humano que enfatiza a importância de um ambiente favorecedor do viver criativo ao longo de toda a vida, necessidades da pessoa em desenvolvimento de modo quase perfeito, permitindo que o bebê recém-nascido experimente a continuidade de ser, ao longo do tempo. Gradualmente, a adaptação materna vai diminuindo, à medida que cresce a capacidade do bebê de desfrutar do mundo. Tais pressupostos vieram a integrar uma teoria do desenvolvimento humano que enfatiza a importância de um ambiente favorecedor do viver criativo ao longo de toda a vida, uma vez que o homem nunca se torna totalmente independente dos demais.

Courtney, 2014) tanto para os jovens abrigados, que após a maioridade dificilmente encontram estudo e emprego qualificados, como para seus filhos, que muitas vezes estão fortemente expostos a condições de maus tratos (Dworsky, 2015).

Na base SciELO Brasil e nas Jornadas APOIAR percebemos que os pesquisadores estão focados na questão da própria efetividade da medida de abrigo. As situações das instituições apontadas nos estudos permitiram refletir que, mesmo com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, as condições de trabalho são precárias, com grande rotatividade dos funcionários (Siqueira & Dell'Aglio, 2006), e o despreparo para lidar com as demandas dos abrigados colocam em risco a saúde mental de todos (Moraes, et.al., 2012). A estrutura física nem sempre permite a acomodação necessária, enquanto os profissionais recorrem ao improvisado para realizar o trabalho (Caretta & Mota, 2008). Quando abordadas de modo adequado, as crianças expressam sentimentos ambivalentes em relação ao abrigo, ora visto como lugar onde permanecem protegidos, ora vistos como lugar onde permanecem aprisionados (Luz, Souza, Assis, Gil & Vagstello, 2011; Moreira, Tse, Simões & Avoglia, 2014).

Também é questionada, em termos de política pública, a divergência entre o caráter provisório da medida de abrigo e a importância do vínculo entre cuidadores e abrigados, para uma assistência que realmente contribua para o desenvolvimento de quem é encaminhado às instituições de acolhimento (Oliveira & Milnitsky-Sapiro, 2007). Os cuidadores não parecem preparados, profissional e emocionalmente, para lidar com as demandas de crianças e adolescentes abrigados, necessitando, eles próprios, de cuidado (Dottori, Berttran, Leôncio & Tardivo 2007; Careta & Motta, 2008; Careta, 2011). As pesquisas também tornam evidentes as deficiências da instituição no acompanhamento de processos de internação e saída do abrigo, que envolvem não apenas crianças e adolescentes como suas famílias. Há indícios de que tais deficiências seriam minoradas, caso os profissionais dos abrigos pudessem se encarregar de cuidados em períodos anteriores e posteriores à internação propriamente dita (Silva, Leôncio & Tardivo, 2007; Rentes & Tardivo, 2012).

Tais levantamentos permitem-nos inferir que o investimento inadequado do Estado em políticas públicas desassiste tanto as instituições designadas aos cuidados de crianças e adolescentes, como as famílias, que permanecem em situação de precariedade social.

Neste ponto, cabe retomarmos que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) recomenda a internação de crianças e adolescentes em abrigos somente se houver risco à sua integridade física, psicológica e sexual. Assim, a instituição consistiria em uma medida de proteção, que deveria funcionar como instrumento de política ao oferecer assistência a aqueles que não dispõem de recursos necessários à sobrevivência (Moré & Sperancetta, 2010). Se de um lado a medida de abrigo fundamenta-se como alternativa em relação ao cuidado de crianças e adolescentes, de outro questiona-se sua eficácia, uma vez que o próprio ambiente se revela insuficiente no que se refere à sua função de cuidar. Souza e Brito (2015) chamam atenção para a importância de refletirmos e desenvolvermos outras modalidades de proteção à infância e à juventude, como por exemplo um trabalho intenso com as famílias, tanto biológicas como substitutas, para tentar promover alguma mudança na dinâmica de vida deles.

A saúde mental foi um tema amplamente discutido nos trabalhos revisados da Academic Search Premier e está intimamente relacionado à levada de crianças e adolescentes a abrigos. A preocupação com o impacto que a violência e os maus tratos provocam nos adolescentes, associa-se a manifestações de sofrimento tais como a depressão, o transtorno de stress pós-traumático, os transtornos de conduta e o uso de substâncias químicas. No que se refere à delinquência, Robst, Armstrong, Dollard e Rohrer (2013) apontam a existência de diferenças significativas nas taxas de detenção de adolescentes residentes em diferentes tipos de instituição de acolhimento, discutindo características desses ambientes que podem favorecer ou não o comportamento delinquente por parte dos adolescentes. Em contrapartida, uma das formas adotadas no tratamento de tantas patologias é a medicalização, que segundo a pesquisa de Longhofer, Floersch e Okpych (2011) tem sido realizada de forma frequente e questionável.

Nessa linha, também encontramos variedade no que se refere às investigações acerca das possibilidades de atendimento, tendo em vista as condições concretas em que se dá o cuidado do adolescente abrigado, bem como as limitações de recursos financeiros destinados à assistência pública. Para as intervenções nas próprias instituições, os atendimentos grupais e os breves são enfatizados, para contemplar maior número de adolescentes e manter a constância dos encontros (Cameron, 2013; Cepukiene & Pakrosnis, 2011). A eficácia de outros trabalhos clínicos também é bastante investigada, e a abordagem predominante é a comportamental. Esta propensão deve-se,

provavelmente, ao fato de a maioria das pesquisas terem sido realizadas nos Estados Unidos, onde a teoria do comportamento foi aprofundada e obteve maior difusão.

Os estudos das Jornadas APOIAR sinalizaram alguns impasses enfrentados em relação aos atendimentos psicológicos (Careta & Motta, 2008). Ao mesmo tempo que a instituição se propõe a cuidar, apresenta, por vezes, aparente descaso em relação às crianças abrigadas, que vivem em espaços físicos precários, recebendo atendimento deficiente sob vários aspectos. Neste contexto, a introdução de atendimentos, segundo enquadres diferenciados, revelou-se como uma boa alternativa diante das dificuldades frequentes, apresentadas pelos abrigados, de confiar e de construir vínculos (Souza, Careta & Mota, 2009; Tafner, Vieira, Colacique & Tardivo, 2012; Castro, Colacique & Tardivo, 2012; Tonello, Colacique, Malki & Tardivo, 2013). Tal fato nos leva a pensar no modo como os psicólogos estão realizando seu trabalho, tendo em vista o objetivo de atender a quem precisa, conforme suas necessidades. Lembremos, aqui, da afirmação de Winnicott (1962/1984), que acreditava na importância de *ser um psicanalista fazendo outra coisa, mais apropriada para a situação*.

Pensar nas condições concretas de vida, buscando atendimentos psicológicos que possam ser efetivamente implementados, beneficiando populações que usualmente não tem acesso à psicanálise clássica, é uma questão altamente relevante do ponto de vista social e ético. Esta questão se torna ainda mais importante à medida em que aumentam as oportunidades de atuação do psicólogo no campo da assistência social, onde eclodem os chamados sofrimentos sociais, que se expressam sob forma de sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010). De todo o modo, cabe mantermo-nos alertas contra práticas psicológicas que reproduzam visões descoladas da realidade social (Tavares, 2014), o que aponta para a necessidade de revisão da formação universitária, no sentido de ampliar e aprofundar a percepção do homem enquanto um ser social e concreto.

A abordagem das famílias de adolescentes abrigados, enquanto uma forma de melhorar a assistência aos mesmos e reconhecer que a eficácia da medida de abrigo está relacionada à continuidade do acompanhamento familiar, também foi enfatizada nos três exames. Na revisão bibliográfica de Henggeler e Sheidow (2012), foram examinados estudos voltados à intervenções realizadas com famílias de adolescentes infratores, o que denota a preocupação em promover mudanças relacionadas à provisão ambiental desses jovens de modo a evitar sucessivas prisões. Em uma perspectiva preventiva, o estudo de

Souza e Brito (2015) enfatiza a assistência às famílias de jovens em situação de risco antes mesmo de eles serem encaminhados às instituições. Caso contrário, é extremamente relevante a continuidade dos atendimentos familiares após o término da medida de abrigamento, para que possam se desligar da instituição e buscar novas possibilidades de sobrevivência (Azôr & Vectore, 2008).

Dessa maneira, é importante que nós, enquanto profissionais do cuidado, nos debruçemos com afinco sobre ações preventivas em saúde mental. A revisão bibliográfica de Leenarts (2013), examinou estudos voltados a tratamentos direcionados a crianças expostas a maus-tratos, e se concluiu que a maioria das intervenções foram focadas no trauma, de modo que torna necessário criar tratamentos que priorizem a prevenção de quadros como esses. Nesse contexto, vale refletir acerca da superação de assistências “psis” centradas nas ações bio-médicas e, predominantemente na cura. É importante pensar em ações que visem a continência, o fortalecimento de vínculos e o privilégio da singularidade dos casos.

Em relação à sustentação ambiental mais ampla, os artigos da base Academic Search Premier apresentaram maior diversidade no que se refere aos tipos de apoio oferecido aos adolescentes em situação de vulnerabilidade. As famílias, principalmente as adotivas, e outros tipos de acolhimento, como os informais (Susana, Akin, Lieberman & Washington, 2015; Singer, Berzin & Hokanson, 2013) apareceram como uma forma de suporte aos adolescentes do abrigo. É importante destacar que apenas dois estudos enfatizaram o cuidado oferecido no abrigo, um deles envolvendo a associação entre as relações com os cuidadores e os problemas de comportamento juvenis (McWey, Cui & Holtrop, 2015) e outro sobre o apoio oferecido pela instituição ao desenvolvimento das crianças e adolescentes (Lloyd, Christopher & Richard, 2011). Este dado é bastante relevante ao nosso estudo, pois significa que a questão dos cuidadores de abrigos, que possuem função de importância inegável à constituição de um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1945/2000), tem sido pouco abordada pela comunidade científica internacional. Vale dizer que seria importante desenvolver mais pesquisas tanto no que se refere ao modo com o qual os cuidadores se relacionam com os adolescentes, como sobre a forma com que estão desempenhando suas funções.

O exame bibliográfico das bases Academic Search Premier, SciELO Brasil e Jornadas APOIAR também proporcionou aprendizado em relação à análise das metodologias, permitindo que pudéssemos apreciar que caminhos para a produção de conhecimento sobre o adolescente abrigado têm sido preferidos pelos pesquisadores. Pudemos perceber que esta temática tem sido abordada, na primeira base, predominantemente sob a forma de desenhos quantitativos, com preferência pelo uso de instrumentos como questionários, escalas e inventários. Esta preferência parece-nos significativa, porque ofereceu-nos dados relevantes sobre o tema “adolescentes abrigados”, de forma objetiva e pontual, porém percebemos que as generalizações, que são uma característica da pesquisa quantitativa, tornaram os resultados mais simplificados em função da abstração do acontecer humano.

Em relação às metodologias dos trabalhos examinados na SciELO Brasil e nas Jornadas APOIAR, pudemos perceber que esta temática tem sido abordada predominantemente sob a forma de desenhos qualitativos, a partir de abordagens psicanalíticas, sociais, desenvolvimentistas e da esquizoanálise. Esta preferência parece-nos significativa, uma vez que, como sabemos, as pesquisas qualitativas concentram-se no estudo interpretativo e na compreensão da experiência humana, levando em conta os contextos vinculares, econômicos, sociais, históricos e culturais.

De todo modo, revisões bibliográficas, realizadas de forma sistemática, revelaram-se como uma fonte importante de dados científicos, pois ao examinar pesquisas sobre um determinado tema, é possível identificarmos as tendências e refletimos sobre melhores caminhos para produzir conhecimento. O quadro geral revela, portanto, que os pesquisadores parecem interessados no tema que envolve o adolescente e o abrigo, e reconhecem que aí temos uma questão social e humana fundamental.

3. APRESENTANDO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este capítulo é dedicado à apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos que orientam o presente estudo e dos procedimentos investigativos adotados com o objetivo de abordar o imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado. Tendo em vista manter a clareza, foi organizado em três seções. Na primeira, intitulada “Pesquisa psicanalítica”, explicitamos os fundamentos teóricos que norteiam esta investigação, permitindo formular um modo de pesquisa que focalize a dimensão não consciente dessas manifestações levando em consideração os contextos em que ocorrem. Em “Imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocionais” apresentamos esses dois conceitos fundamentais, que operacionalizam uma abordagem psicanalítica do modo como os psicólogos concebem os adolescentes abrigados que respeite as exigências da psicologia concreta. A seção seguinte, denominada “Procedimentos investigativos”, traz descrições da forma como se organizaram as entrevistas com os participantes, como foram registradas e como o material clínico produzido foi interpretado, problematizando questões relativas a cada uma destas etapas da investigação.

Pesquisa psicanalítica

Tendo em vista a multiplicidade de perspectivas que compõe o campo da pesquisa qualitativa, ganha relevância a tarefa de apresentar os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam este estudo antes mesmo de nos referirmos aos procedimentos investigativos adotados. Consideramos que este é um dever que se coloca aos pesquisadores, especialmente aqueles que trabalham a partir das ciências humanas e que se interessam pela interlocução com colegas que investigam os mesmos fenômenos a partir das mais diferentes áreas. Deste modo, intencionamos demonstrar o rigor científico e a vitalidade das estratégias utilizadas, bem como explicitar, de modo claro e preciso, a que nos referimos quando iluminamos este recorte da realidade.

Pesquisa psicanalítica é uma denominação usada, na atualidade, para designar três vertentes de estudos diferentes entre si (Herrmann, 2004). A primeira corresponde a investigações que fazem uso das teorias psicanalíticas para discutir dados produzidos a partir do método positivista. Assim, os fenômenos focalizados são registrados por meio uso de questionários, escalas, testes psicológicos e outros instrumentos desenvolvidos para captá-lo como um conjunto de variáveis a serem analisadas de modo estritamente objetivo, tal como uma máquina sofisticada pode fazer. As teorias psicanalíticas compõem, em tais investigações, como interlocutoras que explicam os resultados

encontrados, a partir da ótica do desenvolvimento da personalidade e do psiquismo individuais. Os trabalhos científicos alinhados à segunda vertente de pesquisa psicanalítica têm como objetivo o aprofundamento da compreensão das teorias psicanalíticas já produzidas por meio da discussão interpretativa de textos teóricos importantes no contexto do pensamento psicanalítico. O método de pesquisa utilizado, nesses casos, usualmente é o hermenêutico. Finalmente, o terceiro grupo de investigações é formado por aqueles estudos que buscam a compreensão de fenômenos humanos a partir do uso do método psicanalítico. As teorias psicanalíticas participam, nesses trabalhos, como interlocutoras no procedimento de configuração das entrevistas, usualmente organizadas de modo a favorecer o cuidado com o bem-estar emocional do participante, e na discussão dos resultados, que é construída como um diálogo com pesquisadores de diferentes áreas que se debruçaram sobre questões análogas, incluindo com frequência as teorias psicanalíticas, mas não se limitando a elas.

Assim, nota-se que as duas primeiras vertentes de pesquisas que se definem como psicanalíticas fazem uso da psicanálise como corpo teórico, enquanto a terceira se baseia, fundamentalmente, na sua dimensão metodológica. Esta diferenciação entre duas dimensões da psicanálise, a teórica e a metodológica, já se evidencia nos escritos freudianos, sendo lembrada por Laplanche e Pontalis (1982/2001, p. 384-385) quando definem esta disciplina:

Psicanálise é disciplina fundada por Freud e, na qual, com ele, podemos distinguir três níveis: A) Um método de investigação que consiste essencialmente na evidenciação de significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasmas, delírios) de um indivíduo. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do indivíduo, que são garantia de validade de interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. B) Um método psicoterapêutico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. Com este sentido se relaciona o uso de psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise). C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e tratamento.

Como pesquisadoras, alinhamo-nos àqueles que entendem que, embora as teorias psicanalíticas sejam valiosas chaves para a compreensão das vivências humanas, o que há de mais central na psicanálise é o método a partir do qual tais teorias são produzidas. Em outras palavras, o método tem primazia sobre as teorias criadas pelo seu uso (Herrmann, 1979/1991, 2001/2004). Ainda em concordância com Herrmann (1979/1991),

definimos o método psicanalítico como uma forma geral de compreensão dos fenômenos humanos que se realiza a partir do uso da associação livre e da atenção flutuante. A associação livre é definida no *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1982/2001, p. 38) como a regra, apresentada ao paciente, que “consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrerem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea”. Já a atenção flutuante se refere, segundo esses autores, à forma como o analista deve escutar seu paciente, deixando funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente, suspendendo as motivações que habitualmente dirigem sua atenção, sem privilegiar *a priori* qualquer elemento daquilo que o paciente diz (Laplanche & Pontalis, 1982/2001). Reconhecendo que os termos usados por Freud e divulgados por Laplanche e Pontalis se referem a um registro discursivo, adotamos uma concepção ampliada dessas atitudes (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2012; Corbett, 2014). Propomos que, em um registro vivencial, a associação livre pode ser entendida como convite ao outro para que se expresse livremente, sejam quais forem os modos pelos quais se manifesta – aquilo que diz, seus silêncios, sua gestualidade, sua postura corporal, as figuras que desenha, as histórias que imagina, etc. Neste contexto, a atenção flutuante é compreendida como abertura existencial, como atitude de acolhimento à expressão subjetiva do outro e ao acontecer clínico. Trata-se, portanto, de atenção à presença do outro, não apenas ao seu discurso ou a alguma outra forma específica de comunicação.

O uso do método psicanalítico sustentou, ao longo de pouco mais do que uma centena de anos, a produção de muitas teorias diferentes sobre o desenvolvimento emocional e o sofrimento humanos. Ao procurarem a visão de homem implícita nas teorias de psicanalistas proeminentes, tais como Sigmund Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, Greenberg e Mitchell (1994) propõem a existência de dois modelos teóricos psicanalíticos fundamentais, cabe explicitar, o estrutural-pulsional e o estrutural-relacional, bem como tentativas de acomodação por meio da “mistura” ou justaposição de ambos os modelos. Psicanalistas alinhados ao modelo estrutural-pulsional, que encontra seu principal representante em Sigmund Freud, compreendem o psiquismo humano como um aparelho movido por impulsos ou pulsões. Nesta perspectiva, as relações com as outras pessoas são vistas como modos de aliviar ou descarregar a tensão provocada pelas pulsões, que consistem na matéria essencial do psiquismo. Já os psicanalistas que trabalham a partir do modelo estrutural-relacional reconhecem que a vida humana é,

essencialmente, vincular, e que homem se constitui como tal a partir das relações com as outras pessoas. Nesta perspectiva, os fundamentos da subjetividade são as formas como se deram as relações com os outros, sobretudo nos primeiros anos de vida. Vale ressaltar que, desde esse ponto de vista, a personalidade individual não é negada, mas concebida como fenômeno produzido socialmente, a partir de processos complexos. A individualidade existe sempre como parte indissociável de tramas intersubjetivas, apesar de se reconhecer que pode ser vivenciada pela pessoa como separada dos demais. Tais proposições são convergentes às de Bleger (1958, 1963/1989) e de Politzer (1928/2004), que priorizaram o olhar dialético e o estudo do homem na concretude de sua existência. Conforme afirma Bleger (1958, p. 34):

Lo que debe estudiar la psicología es el hombre concreto, y de ninguna manera abstracciones. La única realidad es el hombre, actuando como tal, y no se debe suplantar esta totalidad como funciones o mecanismos que se convierten en entidades independientes; un acto, un hecho, se convierte en la Psicología, en una relación de sensaciones entre sí, y de relación con la memoria, el juicio, la motilidad, etc. y de esta manera se pierde totalmente todo conocimiento de la dramática como hecho humano, de un sujeto total, para devenir un juego de instancias, categorías, funciones, mecanismos. Y el hecho se diluye así en una elaboración nocional que desencarna, deshumaniza y despersonaliza de todo lo humano a la dramática²⁷.

Crítico da psicologia clássica e defensor da necessidade de transformação das bases que sustentavam essa ciência, Politzer (1928/2004, p. 48) já propunha que o objeto de estudo da psicologia seriam as pessoas concretas, articulando essa abordagem à noção de drama:

Ora, caso tenha sua razão de ser, a psicologia só pode existir como ciência empírica. Ela deve interpretar a exigência da primeira pessoa e da homogeneidade de maneira apropriada ao seu plano. Tendo de ser *empírico*, o *eu* da psicologia só pode ser o *indivíduo particular*. Por outro lado, esse *eu* não pode ser o sujeito de um ato transcendental, como a percepção, pois é preciso uma noção que esteja no mesmo plano que o indivíduo concreto e que seja simplesmente um ato do *eu* da psicologia. Ora, o ato do indivíduo concreto é a *vida*, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a *vida no sentido dramático do termo*. (Grifos do autor)

²⁷ “O que a psicologia deve estudar é o homem concreto, e de nenhuma maneira abstrações. A única realidade é o homem, atuando como tal, e não se deve suplantar essa totalidade como funções ou mecanismos que se convertem em entidades independentes; um ato, um feito, se converte na Psicologia em uma relação de sensações entre si, e em relação com a memória, com o julgamento, a motilidade, etc. de um sujeito total, para tornar-se um jogo de instâncias, categorias, funções, mecanismos. E o feito se dilui, assim, em uma elaboração nocional que desencarna, desumaniza e despersonaliza a dramática de todo o humano.” (Tradução da pesquisadora).

Alinhadas a estes pressupostos, consideramos fundamental a produção de conhecimento científico a partir da compreensão dos fenômenos humanos como dramáticas vivenciais, objetivo que pode ser rigorosamente cumprido por meio do uso do método psicanalítico.

Politzer (1928/2004), em uma leitura inovadora da obra freudiana *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2000), destacou a relevância da proposição, evidenciada neste escrito, de que todas as manifestações do ser humano são atravessadas por sentidos configurados a partir das suas vivências e da sua história individual. Encontrando neste pressuposto a inspiração fundamental do método psicanalítico, indica a psicanálise como uma possibilidade de ruptura em relação ao abstracionismo da psicologia clássica. Entretanto, não deixa de apontar que, em que pese o fato de muito ter contribuído iluminando essa dimensão do sentido nas expressões das pessoas, por meio do desenvolvimento de seu método, na construção de seu arcabouço teórico Freud (1900/2000) distancia-se mais uma vez da dramática humana, recorrendo à imagem de um aparelho psíquico, posto em movimento por energias e forças, para explicar o funcionamento da mente.

Posicionamento diverso pode ser encontrado, por exemplo, nas proposições teóricas de Winnicott, que vinculam a possibilidade de amadurecimento emocional à presença de um ambiente suficientemente bom, ou seja, favorecedor do desenvolvimento, tal como se evidencia ao longo de sua obra. Escolhendo apresentar o crescimento emocional como uma jornada da dependência absoluta rumo à relativa independência do ambiente humano, afirma:

Cada ser humano precisa começar essa jornada, e muitos chegam a algum lugar não muito longe do seu destino, e chegam a uma independência com o sentido social intrínseco. Aí a psiquiatria está observando o crescimento normal.... O valor desta abordagem é que ela nos permite estudar e discutir ao mesmo tempo os fatores pessoais e ambientais. Nesta linguagem normalidade significa tanto saúde do indivíduo como da sociedade, e a maturidade completa do indivíduo não é possível no ambiente social imaturo ou doente. (Winnicott, 1963/1994, p. 80)

As ideias winnicottianas apresentam, portanto, importantes convergências em relação às propostas de Bleger (1958, 1963/1989) e de Politzer (1928/2004), à semelhança de outros autores da psicanálise relacional (Lieberman, 2014). No contexto de nossos estudos, Winnicott tem se colocado como importante interlocutor, tanto no que tange aos procedimentos de configuração dos encontros realizados com os participantes

quanto, em muitos casos, na construção das considerações teórico-clínicas sobre o fenômeno focalizado.

Imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocionais

Trabalhando a partir da perspectiva da psicologia concreta, fazemos uso do método psicanalítico na abordagem de fenômenos humanos compreendidos como conduta (Bleger, 1963/1989). Desta feita, concebemos que todas as manifestações humanas emergem da situação total em que acontecem, que inclui a personalidade daquele que as expressa e os contextos históricos, sociais, geopolíticos, culturais e vinculares em que se dão. Em outras palavras, entendemos que a conduta emerge não da interioridade individual, mas da situação total em que ocorre, tal como se configurou naquele momento.

Ao usarmos o conceito de imaginário coletivo, temos em mente o conjunto de manifestações de um coletivo humano sobre uma pessoa que vive determinada situação. Propomos que tais imaginários são compostos por uma coleção de imagens, crenças, valores, pensamentos, sentimentos, normas sociais, práticas e objetos que concretizam o modo como essas figuras sociais são experimentadas. Este vasto conjunto se organiza ao redor de um substrato não consciente que denominamos campo de sentido afetivo-emocional.

O conceito de campo de sentido afetivo-emocional guarda proximidade ao de inconsciente relativo (Herrmann, 1979/1991, 2001/2004). A partir de discussão sobre se o processo interpretativo poderia mesmo provar a existência dos mecanismos inconscientes, Herrmann (1979/1991, p. 231) aponta que o resultado de suas considerações “rompe a unidade do inconsciente, reduzindo-o a ser *inconscientes relativos* a cada produção de sentido”. Deste modo, permite a compreensão do inconsciente como fenômenos inter-humanos que se configuram como avessos estruturantes das manifestações humanas, contribuição fundamental da psicanálise ao conhecimento humano (Aiello-Vaisberg, 2001).

É importante destacar, contudo, algumas diferenças entre os conceitos de inconsciente relativo de Herrmann e de campo de sentido afetivo-emocional de Aiello-Vaisberg. Herrmann (1979/1991, p. 350) propõe que a interpretação psicanalítica teria como função

fazer com que o choque entre representações diversas de um mesmo sujeito, individual, coletivo, cultural, rompa o sistema de determinações que as limitavam, deixando que emergjam novas produções de sentido. Chamemos, com Freud, *inconsciente* a cada um desses sistemas de determinação...

Permanece, portanto, considerando a dimensão não consciente da experiência humana em um registro representacional. Por seu turno, no desenvolvimento do conceito de campo de sentido afetivo-emocional, Aiello-Vaisberg ancora-se na compreensão blegeriana de que a dimensão não consciente da experiência humana é, fundamentalmente, intersubjetiva. Esta proposição faz justiça a uma leitura dialética da psicanálise, modificando o conceito de inconsciente. Enquanto tradicionalmente o inconsciente é compreendido como instância intrapsíquica, a partir das contribuições de Bleger (1963/1989) pode ser concebido como uma espécie de ambiente inter-humano, configurado na convivência com as outras pessoas e com os produtos da atividade humana que permeiam o mundo.

Este posicionamento, já evidente no estudo de Aiello-Vaisberg (1999), sustentou uma série de investigações de imaginários coletivos, desenvolvidos na última década, por meio da abordagem de grupos diversos, como, por exemplo, técnicos de enfermagem (Tachibana, 2011) profissionais da saúde mental (Pontes, 2011; Simões, 2012), estudantes de psicologia (Corbett, 2009; Gallo-Belluzzo, 2011; Riemenschneider, 2015), professores (Avila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Ferreira-Teixeira, 2006; Montezi, Zia, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011) e adolescentes (Barcelos, 2014; Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010), demonstrando grande potencial heurístico.

Tendo em vista estudar o imaginário coletivo de psicólogos sobre o a adolescente abrigado, organizamos os procedimentos investigativos em três etapas: procedimento de configuração do acontecer clínico, procedimento de registro do acontecer clínico e procedimento de tratamento do material registrado.

Procedimentos Investigativos

Podemos operacionalizar o método psicanalítico, em pesquisas sobre imaginários coletivos, distinguindo procedimentos de produção, apresentação e interpretação do material clínico. Tal discriminação visa tanto organizar o trabalho como facilitar o intercâmbio com pesquisadores que adotam outros referenciais teórico-metodológicos.

Para o desenvolvimento da presente investigação, utilizamos, como meio de **produção do material clínico**, o Procedimento de Desenhos- Estórias com Tema, sobre o qual nos deteremos a seguir. Este recurso mediador foi aqui usado no contexto de entrevistas individuais de oito psicólogos, de ambos os sexos que atuam em diferentes áreas. Adotamos, como critério de inclusão dos participantes, o fato de serem graduadas em psicologia, com título de psicólogo, autorizadas, portanto a exercer a profissão. Intencionamos, assim, abordar um coletivo diverso desses profissionais, não limitando a pesquisa, por exemplo, a psicólogos que já conheceram adolescentes abrigados ou, ao contrário, àqueles que não tiveram esta experiência. Escolhemos trabalhar com psicólogos considerando-os como grupo representativo de adultos que nutrem interesse e atribuem importância às fases iniciais da vida individual, tais como educadores, pediatras ou pais e avós que assumem suas funções em estado de saúde emocional.

Decidimos utilizar, no que se refere ao **procedimento de configuração dos encontros**, o Procedimento de Desenhos- Estórias com Tema, que tanto se presta a aplicação individual como coletiva, no contexto de entrevistas individuais. Seguimos, assim, delineamento utilizado em pesquisas anteriores, que se caracterizam pela abordagem de indivíduos com vistas a produzir conhecimento sobre personalidades coletivas (Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Tachibana, 2011; Tachibana, Ambrósio, Beaune & Aiello-Vaisberg, 2014). Neste tipo de abordagem, o uso de recursos mediadores dialógicos, como desenhos e histórias, é realizado com vistas a facilitar a comunicação emocional, tal como fazia Winnicott em suas Consultas Terapêuticas (Winnicott, 1965/1994, 1970/1984). Nessas ocasiões, por meio do “Jogo do Rabisco”, o pediatra e psicanalista inglês procurava oferecer um ambiente que favorecesse a sustentação emocional e, conseqüentemente, a integração das experiências vividas, sobretudo aquelas de sofrimento, ao *self* do paciente. Apresentando este jogo, Winnicott (1968/1994, p. 232) escreve:

Em um momento adequado ... digo à criança: “Vamos jogar uma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar”. Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: “este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...” ... e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: “Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou pode transformá-lo em algo; depois faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco”.

Enfatiza, ainda, que o valor deste procedimento se baseia justamente no fato de o terapeuta contribuir com sua personalidade, participando livremente do jogo envolvendo desenhos. No momento da interpretação dos sentidos do conjunto de desenhos produzidos, a contribuição do terapeuta seria descartada, uma vez que é o paciente quem, naquela relação, está sendo cuidado em sua aflição (Winnicott, 1968/1994).

No âmbito desta investigação, iniciamos as entrevistas individuais com os psicólogos com uma conversa sobre suas histórias de vida e experiências profissionais. Adotamos tal estratégia com os propósitos de permitir que se sentissem acolhidos e à vontade conosco, bem como que tivéssemos a oportunidade de conhecermos um pouco de suas histórias e de entrarmos em contato com seu modo de ser, com sua presença. Vale aqui lembrar que mesmo não estando interessados, em termos de pesquisa, em conhecer a intimidade individual de cada um, nossa formação clínica, bem como a ética que a norteia, fazem exigências que não nos furtamos a cumprir. Esta opção se deu a partir do modo como a pesquisadora se sentiu mais à vontade para aproximar-se dos participantes e para fazer uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, fazendo sentido na medida em que não concebemos esses recursos como técnicas padronizadas que independem da personalidade do pesquisador. Afinadas à proposta winnicottiana, compreendemos que, caso o fizéssemos, “todo o valor do procedimento se perderia” (Winnicott, 1968/1994, p. 231).

Posteriormente a esta conversa inicial, fizemos do mediador dialógico aqui escolhido, segundo as mesmas diretrizes que conformam o Jogo do Rabisco (Winnicott, 1968/1994). Entendendo que poderíamos escolher entre muitos recursos favorecedores da comunicação emocional, elegemos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, criado por Aiello-Vaisberg (1999), a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca (1972). Embora as diferenças mais rapidamente observáveis entre esses dois procedimentos se refiram ao número de desenhos solicitados e à escolha ou não de um tema a ser desenhado, as finalidades para as quais foram originalmente propostos são, também, diversas. Desta forma, o procedimento de Trinca (1972) foi desenvolvido originalmente para fins de psicodiagnóstico individual, tendo sido posteriormente utilizado em diversos contextos (Trinca, 2013). Já o procedimento de Aiello-Vaisberg (1999) foi idealizado para o estudo de imaginários coletivos, tendo como finalidade favorecer comunicações que podem ser obtidas tanto no contexto de entrevistas individuais como grupais.

Assim, convidamos cada participante a desenhar *um adolescente abrigado* e, em seguida, a contar uma história sobre a figura desenhada. As histórias foram anotadas pela pesquisadora durante as entrevistas, intencionando que os psicólogos participantes pudessem associar o mais livremente possível a partir das figuras que desenharam, sem preocupar-se com a organização do texto da história. Vale destacar que no presente caso optamos por utilizar uma variação do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema que consistiu na demanda de uma segunda história sobre a figura desenhada, imaginando-a daqui a 10 anos. Ao final de cada encontro, abrimos espaço para os psicólogos se expressarem da forma que desejassem e permanecemos disponíveis para acolher suas manifestações.

Os próprios desenhos e histórias, elaborados pelos participantes, constituem-se como **apresentação do material clínico** aqui estudado. Optamos, entretanto, por elaborar narrativas transferenciais e por disponibilizá-las, no capítulo quatro, tendo em vista proporcionar uma visão clara do contexto no qual os desenhos e as histórias sobre o adolescente abrigado foram produzidas. As narrativas transferenciais, que aqui não foram exploradas, tem sido descritas e fundamentadas em várias publicações (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado & Ambrósio, 2003; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron, & Beaune, 2009). Tais narrativas documentam o que aconteceu nos encontros, a partir das lembranças do pesquisador, incluindo as impressões contratransferenciais vividas por ele naquelas ocasiões.

Trata-se de estratégia metodológica que tem como objetivo produzir um material concreto por meio do qual os encontros possam ser apresentados e reapresentados quantas vezes for necessário, permitindo tanto que os pesquisadores envolvidos no estudo se debrucem sobre eles quanto que outras pessoas, que vierem a ter contato com as publicações relativas à investigação, possam tecer suas próprias associações a partir do que foi narrado. Trata-se, portanto, de procedimento que faz sentido em uma perspectiva epistemológica intersubjetiva, que valoriza a pessoalidade do pesquisador como via de produção de conhecimento compreensivo sobre o viver humano (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005).

As narrativas transferenciais têm sido usadas como forma de registro do acontecer clínico, também concebidos como encontros inter-humanos, em uma série de estudos orientados por Tânia Maria José Aiello Vaisberg, realizados a partir da perspectiva da psicanálise concreta (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Ambrósio, Cia, & Aiello-Vaisberg, 2010; Cia, 2014; Couto, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2007; Corbett, 2014; Gallo-Belluzzo,

2011; Granato & Aiello-Vaisberg, 2004; Granato, Corbett, & Aiello-Vaisberg, 2011; Montezi, Zia, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2011; Tachibana, 2011). Tal conjunto de pesquisas indica o potencial desta estratégia de produção de conhecimento, justificando seu uso na presente investigação.

Deste modo, após cada entrevista, redigimos uma narrativa transferencial contando o que se passou no encontro, bem como as sensações contratransferenciais que experimentamos. Incluímos, nessas narrativas, os desenhos-estórias criados pelos participantes. Dedicamo-nos a esta tarefa fazendo uso, novamente, da atenção flutuante e da associação livre. Este processo favorece a compreensão da dimensão afetivo-emocional do fenômeno estudado na medida em que cumpre, de modo fiel, as exigências constitutivas do método psicanalítico, que opera pela via da suspensão temporária de apegos a teorias, crenças, convicções e preferências ideológicas, permitindo uma maior abertura ao acontecer presente e à expressão dos participantes.

Cabe ressaltar que o próprio gesto de narrar está repleto de impactos transferenciais. Deste modo, ao registrar os encontros o pesquisador já está, simultaneamente, iniciando a produção interpretativa de campos de sentido afetivo emocional, que corresponde à próxima fase da investigação.

O terceiro procedimento investigativo, vale dizer, a **interpretação do material clínico**, consistiu na consideração psicanalítica dos desenhos e das histórias produzidos pelos participantes, em termos de produção de campos de sentido afetivo-emocional. Neste momento, novamente fizemos uso da associação livre e da atenção flutuante, colocando em movimento o método psicanalítico.

Este processo foi descrito por Hermann (2001/2004), de modo claro e elegante, como dois estados distintos em que o analista dedicaria sua atenção ao escutar o paciente. No primeiro, cujas palavras de ordem são *deixar que surja*, “uma parte do analista deve ser doada irrestritamente à espera. Esta se mantém neutra, aguardando que algum broto de sentido comece a surgir” (Herrmann, 2001/2004, p. 72). O segundo estado, denominado *tomar em consideração*, “é a faculdade que considera o conjunto da análise ou de algum segmento, embora ainda de forma completamente aberta para o que possa surgir. E, quando surge, impede que desapareça.” (Herrmann, 2001/2004, p. 73).

Deste modo, lemos e relemos as narrativas transferenciais e, estado de atenção flutuante, registrando nossas associações por escrito, olhando várias vezes os desenhos e lendo as histórias criadas pelos participantes, deixando-nos impressionar pelo material.

Este processo foi repetido no contexto do grupo de pesquisa, tendo em vista enriquecer a investigação a partir da multiplicidade de olhares.

Apresentaremos, no próximo capítulo, as narrativas transferenciais redigidas a partir do encontro com os psicólogos.

4. APRESENTANDO DESENHOS- ESTÓRIAS EM NARRATIVAS TRANSFERENCIAIS

Neste capítulo, apresentaremos narrativas das entrevistas no contexto das quais foram produzidos os desenhos e histórias que constituem o material clínico que buscaremos interpretar psicanaliticamente. Elaboramos esses textos a partir dos encontros com os psicólogos participantes desta pesquisa e dos impactos contratransferenciais experimentadas pela pesquisadora durante as entrevistas. O uso do método psicanalítico compareceu em todas as etapas da pesquisa, inclusive no procedimento de registro esta frase está solta aqui. As narrativas transferenciais, dessa maneira, constituem um texto que demanda uma leitura diversa da costumeira em trabalhos científicos, de modo que recomendamos atenção livre e flutuante, que permita novas associações do leitor, além das criadas pela pesquisadora. a associação livre de ideias. Elas são feitas de memória, a partir do impacto afetivo-emocional e não se constituem como um registro da verdade do que aconteceu no encontro com o psicólogos participantes da pesquisa, mas sim pela lembrança da pesquisadora. Segue, portanto, um paradigma inter-relacional, construído pelo encontro da pesquisadora com o coletivo estudado e, num segundo momento, com a lembrança deste encontro e não com fatos que já estavam ali previamente, prontos para serem encontrados independente dos participantes.

Para contextualizar, gostaríamos de fazer breves considerações a respeito da forma com que chegamos até os participantes da presente pesquisa. Em um primeiro momento foram consultados colegas, também psicólogos, a fim de obter indicações de profissionais dispostos a participar da investigação. Posteriormente, a pesquisadora realizou contatos telefônicos com os indicados, tendo em vista a possibilidade de estabelecer, desde o primeiro momento, um contato mais vivo e próximo, para explicar do que se tratava a investigação e se haveria possibilidade de colaboração. Falta falar quantos psicólogos foram contatados. Prontamente todos aceitaram, os encontros foram marcados conforme os horários que melhor se adequaram à rotina de cada um e em locais mais próximos aos itinerários percorridos por eles. Após cada encontro, a pesquisadora redigiu as narrativas apresentadas, com nomes fictícios para preservar a privacidade dos participantes, que apresentaremos a seguir.

Afrodite

Conversando com uma amiga em um dos intervalos do curso de pós-graduação, comentei que procurava participantes para a minha pesquisa de doutorado, que focalizava o imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado. Prontamente, ela lembrou-se de Afrodite, uma psicóloga formada há treze anos, que tinha experiência na atenção a essa população. Anotei o contato telefônico e liguei, com o intento de marcar uma primeira conversa.

Ao falar pela primeira vez com Afrodite, senti simpatia e meiguice no tom de sua voz. Minha amiga já se adiantara, explicando que eu entraria em contato para convidá-la a participar de minha pesquisa. Combinamos um encontro no apartamento dela, onde poderíamos falar com mais tranquilidade sobre suas experiências.

Na data e hora marcadas, ao chegar ao corredor que levava à sua morada, senti um aroma delicioso de comida sendo preparada. Conforme me aproximava, mais intenso esse aroma ficava. Num misto de impulso e perplexidade, vi uma porta entreaberta. E era exatamente ali que Afrodite morava!

Quando parei na porta, encontrei-a à beira do fogão, fazendo o molho para o estrogonofe, e logo me apresentei. Ela me convidou para sentar perto de onde estava, pois precisava mexer um pouco mais a panela. Senti, também, cheiro de tinta fresca no apartamento. Os móveis eram novos, rústicos e em pouca quantidade, o que tornava o ambiente aconchegante. Afrodite foi logo dizendo que havia se mudado há pouco tempo e ainda faltavam alguns retoques. Particularmente, achei tudo de muito bom gosto e condizente com como ela parecia ser: simples e sensível. Peguei o caderno e começamos a conversar.

Aos 35 anos, Afrodite é casada e está gestando o primeiro filho. Formou-se em psicologia e trabalhou tanto na saúde pública quanto na rede privada. Atuou em uma Unidade Básica de Saúde vinculada a um hospital psiquiátrico da cidade. Atualmente, trabalha na área de medicina preventiva de uma importante cooperativa médica, além de manter seu próprio consultório.

Entre as garfadas do delicioso estrogonofe, Afrodite contou que adora Saúde Pública. Quando estava na faculdade, fez estágios na área. E, em seguida, um aprimoramento. Gosta da diversidade da população atendida e considera que as dificuldades pelas quais os pacientes passam são o maior atrativo deste tipo de trabalho:

“Quem mais sofre é quem mais precisa e quem menos tem acesso a atendimento. Quando trabalhei no postinho, o Programa Saúde da Família fez um convênio com o Hospital Psiquiátrico, que durou uns cinco anos. Quando acabou, fui remanejada para o Centro de Saúde do Idoso, em um local privilegiado da cidade. Deu para desenvolver um trabalho muito bacana com os idosos, afinal, os ‘velhinhos’ não têm muito com quem conversar”, confidenciou-me, com um risinho. Nos cinco últimos meses em que trabalhou na saúde pública, atuou em um Centro de Atenção Psicossocial. Descobriu, lá, que não tinha muita afinidade com esse tipo de público.

Percebi que Afrodite tinha uma experiência interessante e pensei que a entrevista enriqueceria minha pesquisa. Questionei-a sobre qual aspecto da profissão considerava mais desafiador e ela respondeu:

“Com certeza, trabalhar com a nata da desgraça: violência e abuso sexual na família. Sim, tudo em família. Por isso a importância de cuidar da família como um todo e realizar, dessa maneira, um trabalho mais eficaz. A violência está presente em todos os casos. Ela pode ser velada, como, por exemplo, na escola e/ou aparecer de forma escancarada, como vemos nas agressões físicas.”

Refletiu um pouco e prosseguiu:

“Outro desafio são as políticas públicas. A cidade sempre foi referência em saúde mental no estado de São Paulo, mas não conseguimos manter a continuidade do trabalho. Afinal, quando muda a gestão da prefeitura, muda tudo.”

Finalizamos o jantar e fomos para a sala do apartamento. Sentamo-nos em um sofá extremamente confortável. Propus a Afrodite que continuássemos a conversa de uma maneira diferente: ofereci folhas de papel e lápis e pedi que desenhasse “um adolescente abrigado”. Ela disse que não sabia desenhar e esclareci que não haveria problema, já que a intenção não era avaliar a qualidade do desenho. Permaneceu um pouco pensativa, olhando para a folha e, cautelosamente, fez o seguinte desenho:



Quando terminou, pedi que contasse uma história do seu desenho. Afrodite narrou:

“A criança está inserida em um meio e ela é tirada de lá. Ela é retirada de um contexto onde ela sempre viveu. Não conheci um abrigo bom, todos são ‘um depósito’. Você chega lá, e as crianças pulam em você. É um lugar violento”.

Neste momento, propus que imaginasse essa criança/adolescente daqui a dez anos e contasse outra história:

“Eu não vejo crianças assim trabalhando. Elas vão para o outro lado da vida, o da sacanagem. Atendi um que veio de adoção tardia e foi muito difícil. Ele veio de um contexto ‘super pobre’ e foi para uma família muito rica, no fim deu certo. Mas não é o que acontece com a maioria, infelizmente”.

Afrodite contava suas histórias com muita propriedade e percebi um tom de lamento. Comentei que, apesar de ela ter trabalhado durante muito tempo com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e até ter conseguido alguns resultados, parecia não acreditar em “bons prognósticos”.

Ela concordou, dizendo que “O trabalho não tem continuidade porque se atrela à política. Inicia-se um tipo de atendimento e logo tem que interromper, numa espécie de círculo vicioso”. Após Afrodite permanecer alguns minutos pensativa, perguntei se gostaria

de comentar algo mais e ela respondeu que não. Agradei sua disponibilidade, o delicioso jantar, e fui embora. Ao sair pelo corredor, refleti sobre nossa conversa e sobre como foi importante. Num misto de satisfação pelo jantar e indignação pelas histórias contadas por Afrodite, desci os andares do prédio, absorta em meus pensamentos.

Apolo

Apolo faz jus ao seu nome. Impossível lembrar-se dele sem, imediatamente, relacioná-lo à palavra esforço. Sua história é carregada de realizações.

Conhecemo-nos em uma das disciplinas do curso de mestrado, conversamos algumas vezes durante o semestre e, depois, não nos vimos mais. Recentemente, convidei-o para participar da minha pesquisa sobre o imaginário do psicólogo sobre o adolescente abrigado e tive uma resposta positiva e calorosa. Apolo sugeriu que nos encontrássemos no espaço cultural em que trabalha.

Localizado em uma antiga estação de trem, o ambiente é impressionante: salas de exposição, salas de arte, área livre com palco e um café com muitas mesinhas. Tive uma sensação de liberdade, que me acompanhou durante toda a nossa conversa.

Aos 25 anos, Apolo defendeu, há pouco, sua dissertação de mestrado. A pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica de estudos sobre a adolescência. Recordava-me de que ele contara, em uma das nossas conversas, que já havia investigado essa temática durante a graduação. Seu primeiro projeto de iniciação científica consistira em apresentar filmes em escolas públicas, a fim de investigar a afetividade dos adolescentes, e o segundo, em oferecer oficinas de teatro para aprofundar o estudo da afetividade. Ambos renderam boas experiências. Apolo confessa que ficou orgulhoso de defender a dissertação, uma vez que sua trajetória foi marcada por dificuldades que conseguiu superar.

Desde a adolescência, Apolo tinha uma expectativa de trabalhar para melhorar o mundo. Sempre estudou em escolas públicas e, no ensino médio, fez curso técnico em informática. Era penoso acompanhar as aulas, uma vez que, paralelamente às atividades acadêmicas, precisava trabalhar para se sustentar. Não tem nenhum registro na carteira profissional, mas já atuou como estagiário em uma biblioteca, como vendedor de produtos da Avon e de trufas, ajudou na roça, vendeu frutas na feira e, no momento, é garçom. Apesar de ter conseguido uma bolsa integral para cursar o mestrado e, depois, o emprego no espaço cultural, precisa complementar sua renda. Também fez parte de um grupo de teatro amador. Não faltam energia e dinamismo em sua vida. Nasceu no interior de São Paulo e, quando conseguiu uma bolsa para cursar a faculdade pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), mudou-se para uma cidade maior, onde poderia continuar seus estudos. Fez o possível para estudar em uma universidade renomada.

Apolo explica ter aproveitado o curso de Psicologia para explorar ainda mais outras realidades, como quando cumpriu o estágio em Psicologia forense, distribuindo panfletos sobre violência doméstica em um Centro de Saúde e avaliando o estresse de presos em regime semiaberto, em uma delegacia. Gosta de Psicanálise, mas não a 'adota' como perspectiva teórica.

Perguntei a ele qual aspecto considera mais desafiador na profissão. "O mais desafiador para o psicólogo", declarou, "é responder à demanda imposta de compreender a pessoa, seu ambiente e o contexto em que vive, bem como intervir para mudar o que não está bom. É isso que mobiliza os alunos da graduação quando atendem as pessoas, pois se perguntam o tempo todo: 'O que vim fazer aqui?'".

Apolo disse que a crença de que poderia fazer algo produtivo para a Psicologia o motivou a elaborar um projeto de pesquisa para o mestrado em que pudesse dar continuidade aos da iniciação científica, ou seja, investigar a utilização de mediações artísticas por professores em aulas, já que, para ele, os adolescentes conseguem significar o mundo de outra forma, por meio da imaginação. Por uma série de questões, precisou abandonar esta ideia e realizar a revisão bibliográfica que defendeu.

Enquanto escutava Apolo, comecei a colocar as folhas de papel e os lápis em cima da mesa. Propus que continuássemos o diálogo sobre adolescentes de outro modo, solicitando que desenhasse, à sua maneira, "um adolescente abrigado". Apolo pegou o lápis e, parecendo muito à vontade, traçou o seguinte desenho:



Quando terminou, pedi que contasse uma história sobre a figura desenhada, e Apolo disse o seguinte:

“Fiz pensando no mais próximo de um abrigado que conheci, no estágio do primeiro ano da faculdade, na Fundação Casa. Imaginei-o de boné, bermuda e lendo algo. Sempre vi os adolescentes lendo e conversando. Conheci um menino que era atendido no CRAS e que lia o livro do Gandhi!”

Em seguida, perguntei como estaria o menino desenhado daqui a dez anos:

“Bom, ele estará com vinte e cinco anos e, pelo menos, gosta de ler. Vai estar num trabalho não muito qualificado. Terminou o Ensino Médio no abrigo e depois trabalhou em vários lugares. Ele tá querendo estudar, buscando um curso técnico ou faculdade. Está em busca de algo. Se for heterossexual, está com uma namorada e trabalhando. Se for homossexual, pode estar com um namorado e trabalhando também. Ou seja, de acordo com suas possibilidades.

Se não tiver esperança, não tem razão de ser um abrigo, pois vira um depósito. Se ele veio de uma família difícil e não romper com o padrão, esse vai perpetuar-se. Acredito nas relações, principalmente na amizade. Pretendo abordar esse tema no doutorado, pois

é o que nos fortifica e faz crescer. Ainda tenho aqueles velhos conceitos anarquistas de cultivar o amor para o bem de todos”.

Deixei Apolo sentindo-me um pouco menos liberta do que no início de nossa conversa. Acho que toda a sua experiência de vida me deixou mais terrena.

Atena

Conheci Atena em uma ocasião em que fui ao consultório de uma amiga, entregar alguns documentos. Encontrei-as conversando no corredor localizado na parte superior do sobrado antigo e aconchegante, decorado de maneira alegre. Fui apresentada àquela mulher alta, negra, que parecia bastante serena. Permanecemos, então, as três, durante um longo tempo, trocando ideias sobre política.

Atena tem 46 anos, é solteira e não tem filhos. Gosta muito de estudar, motivo pelo qual está sempre fazendo cursos. Pareceu apreciar o fato de eu estar cursando o doutorado. Interessada, perguntou sobre o tema de minha pesquisa e, quando comentei que procurava psicólogos que pudessem participar, prontamente se ofereceu.

Na data e hora combinadas, retornei ao sobradinho aconchegante e Atena me recebeu calorosamente em sua sala. Contou que nascera no interior de São Paulo, mas logo se mudara com a família para outra cidade do mesmo estado. Estudara em boas escolas e, na época do vestibular, em 1989, pensava em formar-se em Engenharia de Alimentos. Questionava-se, contudo, se esse era seu destino – trabalhar com cálculos – ou se deveria trabalhar com pessoas. Prestou vestibular para o curso de Engenharia de Alimentos na Unicamp, sendo aprovada na primeira fase. Mas, afinal, mudou de ideia e foi cursar Psicologia.

Apaixonou-se pela Psicanálise no segundo ano da graduação, quando conheceu um excelente professor. Sempre se interessou pela Saúde Pública, realizando os estágios nesta área. Quando se formou, foi para o litoral fazer uma especialização em Saúde Mental. Na época, a luta antimanicomial estava em evidência e este local era referência no assunto.

Em seguida, cursou outra especialização, na área de Psicologia Hospitalar, na capital do estado. Na ocasião, fez estágios em setores diversos, tais como a Infectologia e a Pediatria, além de atuar com crianças soropositivas para o HIV. Atena conta que, na época, atendeu uma menina soropositiva à qual se vinculou bastante. Ausentou-se alguns dias, em função de uma viagem, e, quando retornou, encontrou-a em uma maca, no final do corredor, morta. Sentiu muito a perda e chegou a se questionar se conseguiria lidar com esse tipo de sofrimento.

Concluída a especialização, foi aprovada em um concurso público no interior, passando a trabalhar em uma Unidade Básica de Saúde. Lá, lembra-se de que atendia pacientes obesos e adolescentes grávidas. Nesta época, resolveu ir para Londres. Morou

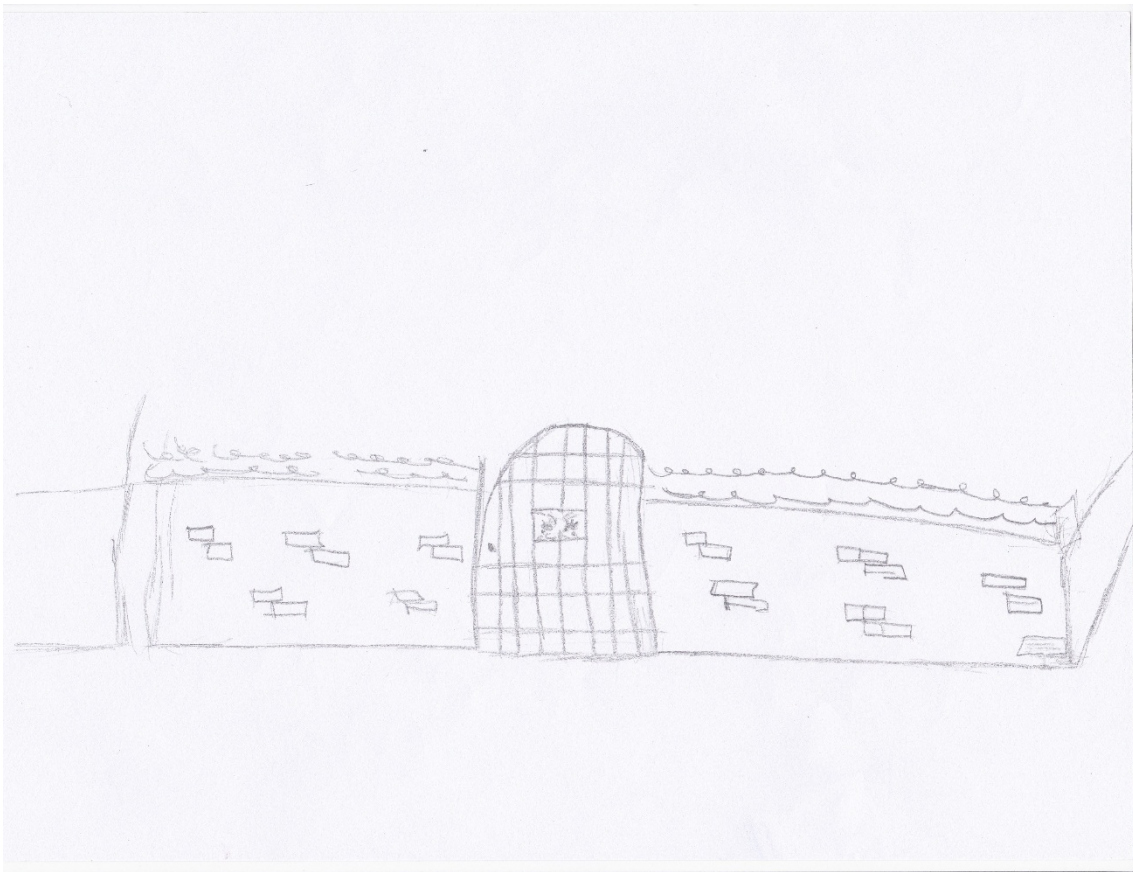
lá durante três anos e, quando voltou ao Brasil, prestou outro concurso público, para trabalhar na área de Saúde Mental e, novamente, foi aprovada. Atuou em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que contava com muitos recursos e com uma equipe multidisciplinar eficiente. Permaneceu nesse serviço durante oito anos. Porém, a situação foi ficando complicada, pois a Secretaria da Saúde diminuiu drasticamente os recursos financeiros, houve desinvestimento no serviço e a equipe se deteriorou. Atena começou, então, a atender em consultório, paralelamente, até conseguir se desligar completamente do CAPS.

Durante todo esse tempo de atuação como psicóloga, Atena percebeu que um dos aspectos mais desafiadores da profissão é a saúde mental do trabalhador. Enquanto trabalhou no CAPS, notou o quanto os funcionários precisavam de atendimento – às vezes, mais do que os próprios pacientes. Acredita que a psicoterapia é essencial, pois a instituição é adoecida e carente. Olha-se muito para a luta antimanicomial e se esquece do cuidador. Pretende, futuramente, desenvolver um trabalho com esses profissionais. Fez um curso de gestão de saúde e concluiu que as relações dos trabalhadores com os chefes são, na maioria das vezes, perversas e narcisistas.

No que se refere aos aspectos gratificantes, Atena considera a Psicologia como uma forma constante de aprender com o outro, por nos projetarmos nele e, nesse movimento, obter um ganho pessoal. Conta que a análise a ajudou muito e permitiu que pudesse trabalhar e ver as pessoas como um todo.

Neste momento, propus a Atena que continuássemos a conversa de outra forma. Ofereci papel e lápis, solicitando que desenhasse “um adolescente abrigado”.

Atena concordou, traçando a seguinte figura com muita cautela:



Após um bom tempo, disse que havia feito o olhar de um adolescente chocado na abertura da porta. Pedi, então, que contasse uma história sobre a figura desenhada. Atena respondeu:

“O que me veio à mente, quando fiz este desenho, foi tristeza, solidão, prisão e descaso. Estou falando isso porque sábado ouvi a história de um casal que, há cinco anos, tenta adotar uma criança do sexo feminino na faixa etária de 5 a 9 anos. Falaram que tem muitas crianças no abrigo, mas estavam tristes porque o pessoal da adoção faz um questionário com uma abordagem comercial, como se elas estivessem à venda. A burocracia institucional impediu a formação de uma família. Fiquei triste ouvindo tudo isso, porque o casal quer uma menina e tudo é muito difícil.”

Pedi, então, que contasse uma história sobre esse adolescente daqui a dez anos, e Atena narrou o seguinte:

“Se for um menino (ou uma menina) adotado por um casal estrangeiro, e se recebeu amor e dedicação, terá um futuro melhor. Caso contrário, não vejo um futuro bom para ele... Isso é muito triste. Vai parar na cadeia, ter uma vida mais delinquente.

Se não entrar em um programa social, como o abrigo, que ainda pode oferecer oportunidade para uma vida melhor, vai ser difícil. Infelizmente, o governo não dá condições para essas pessoas terem moradia, escolas, educação... Precisamos de pessoas interessadas em traçar novas políticas públicas e acabar com a corrupção. Lembrei-me do filme “O contador de histórias”, em que uma pedagoga francesa adota um menino e ele a testa o tempo todo. O que o salvou foi a persistência dela, que fez com que ele visse o outro mais confiante.”

Após esta longa conversa, precisamos encerrar a entrevista porque Atena ia atender um paciente. Fiquei comovida com os relatos e senti que ela ainda teria muito para compartilhar. Agradei sua disponibilidade e fui embora, pensando que a experiência de vida se mistura às vivências profissionais de Atena, trazendo um olhar muito sensível para com o outro, seja seu paciente ou não.

Deméter

Conheci Deméter numa tarde em que, aproveitando um intervalo entre os pacientes agendados, saí para tomar um café com uma colega do consultório. Mal entramos na elegante padaria, minha colega notou a presença de Deméter, uma de suas amigas, e fomos cumprimentá-la. Feitas as apresentações, passamos um tempo conversando, as três. Deméter era uma mulher de 38 anos, branca, recém-divorciada, que falava alto e gostava de conversar sobre suas duas filhas. Apesar de ter se formado em Psicologia, ganhava a vida como proprietária de uma sorveteria. Fiquei muito curiosa para saber o que a motivara a estar à frente de uma iniciativa comercial. Deméter confidenciou-me que tinha uma queda pelos negócios e que aquela era uma boa franquia de sorvetes.

Quando, vários meses depois, comecei a procurar participantes para a minha investigação do imaginário de psicólogos sobre o adolescente abrigado, lembrei-me de Deméter e da conversa que tivemos, naquela ocasião. Falava das filhas com grande vivacidade e pensei que toda a sua experiência de vida e como psicóloga contribuiria muito para a minha pesquisa. Enriquecido a partir de suas vivências, o material clínico do estudo se aproximaria mais de compor um panorama de como imagina “o psicólogo”, coletivo formado por tanta diversidade, a respeito do adolescente abrigado.

Combinamos, então, um almoço em uma padaria cujo clima é bastante agradável e descontraído. Chegando ao local escolhido, para “quebrar o gelo”, fui logo falando que a sobremesa poderia ser na sorveteria dela. Prontamente, Deméter respondeu que deixara a sorveteria, pois exigia trabalho demais, principalmente aos finais de semana. Rimos um pouco, olhei o cardápio e pedi algo para acompanhá-la no almoço. Em seguida, pedi que Deméter me contasse um pouco do seu percurso até chegar à Psicologia.

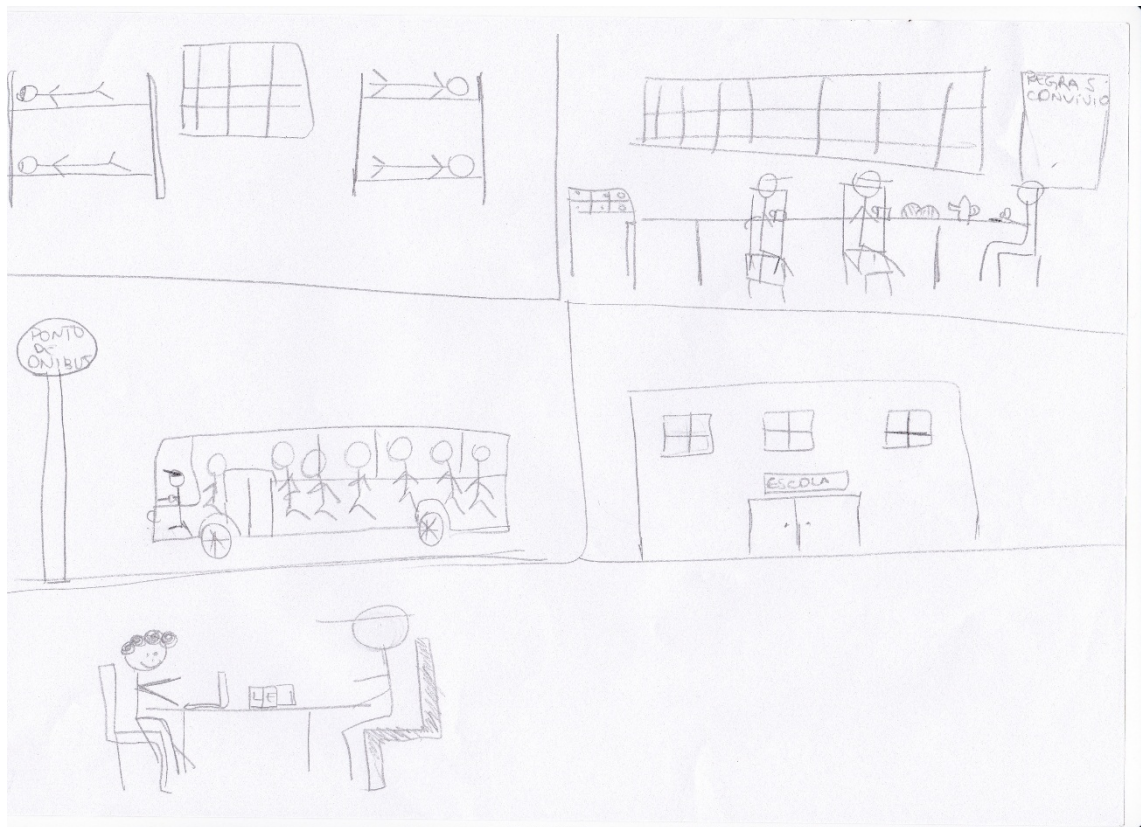
Deméter respondeu que se formara há quinze anos. Sempre estudou em colégios particulares renomados e cursou uma universidade de boa reputação na mesma cidade em que morava. Enquanto cursava Psicologia, foi bolsista de iniciação científica. Logo depois, fez um aprimoramento no Hospital Escola da própria universidade. Em seguida, abriu um consultório com algumas amigas, trabalhou em uma ONG voltada para o ensino de Braille e produção de material nessa linguagem, além de atuar no Museu do Diálogo no Escuro. Dedicou-se, de certa forma, a pessoas com deficiências visuais. Além disso, cursou um mestrado acadêmico. Atualmente, atende em consultório e administra uma empresa de imóveis.

Deméter resumia a sua vida de modo tão claro e organizado que parecia até que estava preparando esse discurso há algum tempo. Pedi que falasse sobre seu trabalho como psicóloga, explicando o tema de minha pesquisa: o imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado.

Deméter respondeu que considera a psicologia uma profissão interessante, mas que existem inúmeras barreiras a enfrentar:

“Uma delas é a questão social. Em uma crise financeira no país, o psicólogo é o primeiro a ser cortado dos gastos mensais. Ele vivencia muita instabilidade. Desde que me formei, percebi que a importância da Psicologia vem crescendo, que as pessoas passaram a conhecê-la mais. No entanto, é necessário cuidar da forma com que as pessoas compreendem a Psicologia, pois, muitas vezes, consideram o psicólogo ‘Totem’ da sabedoria e isso é muita responsabilidade. Mais ‘oculto’ é o diagnóstico, isso sim é um desafio! O sofrimento na atualidade tornou-se tão complexo, que alguns pacientes podem se encaixar em mais de um tipo de diagnóstico e isso dificulta a continuidade ao tratamento.”

Contei a Deméter mais alguns detalhes da minha pesquisa e propus a ela uma dinâmica. Ofereci folhas de papel e lápis, dizendo que, considerando que o psicólogo está cada vez mais atuando nos abrigos, gostaria que ela desenhasse um adolescente abrigado. Sem hesitar, Deméter pegou a folha e o lápis e desenhou fluidamente o seguinte:



Quando terminou, solicitei que contasse uma história a respeito das figuras desenhadas. Deméter respondeu o seguinte:

“Existe uma rotina de vida desses adolescentes abrigados: dormir, alimentar, compromisso com escola, regras do abrigo e etc. E tem alguns comprometidos com a lei, eles devem realizar avaliações de tempos em tempos. Às vezes podem ser reinseridos na família e outras vezes não”.

Em seguida, pedi que imaginasse esses mesmos adolescentes daqui a dez anos. E Deméter imaginou que:

“Eles estarão do mesmo jeito, sem expectativa de vida. Todo o sistema não colabora, pois é doente e, por conta disso, não propõe algo de bom para uma pessoa sem estrutura. Pobreza é o maior fator de loucura de uma sociedade. O estado engana e pede para ser enganado. Ele é um pai que não acolhe e não está presente em nada.

E o que os adolescentes fazem quando têm pais que não acolhem e não estão presentes? Riscam os ônibus, jogam papel no chão. Eles acham que ser alguém é ter um carrão ou coisas de valor. São pessoas extremamente fáceis de manipular pela mídia. Sabe qual é a diferença dos adolescentes filhos das pessoas que recebem bolsa família para os abrigados? O afeto. Ainda que a situação financeira seja difícil, os de bolsa família ainda podem ter afeto dos seus pais, que foram atrás dessa ajuda do governo, por

isso existem mais expectativas de vida. Já os abrigados não têm esperança, tanto pela questão do Estado, que não proporciona isso, como pela falta de afeto”.

Fiquei impactada com as histórias de Deméter, pois havia muita emoção nas suas narrativas, contadas com fervor e indignação. Ao despedirmos desejou-me boa sorte com minha pesquisa.

Agradei Deméter, e disse que entendia bem seus apontamentos em relação à importância que atribuída à política e a sua relação intrínseca com as questões sociais.

Despedimo-nos, ela carregando alguns doces para mimar suas filhas.

Gaia

Conheci Gaia na época da faculdade. Sentávamos em lugares próximos nas aulas e jantávamos juntas. Tínhamos algumas experiências semelhantes, como, por exemplo, o fato de trabalharmos e estudarmos. Muitas vezes lutávamos contra o cansaço para aproveitar melhor as disciplinas. Eu admirava o quanto ela era enérgica, pois trabalhava o dia todo, exercitava-se, namorava e saía aos finais de semana. Sempre tinha uma história para contar.

Permanecemos próximas durante toda a graduação. Quando nos formamos, Gaia foi atuar na área social e eu continuei na vida acadêmica, pois havia sido aprovada no processo seletivo para o mestrado.

Nossos encontros tornaram-se raros, mas ocasionalmente saíamos para tomar um lanche ou conversávamos pela internet. Em uma de nossas conversas virtuais, convidei-a para participar da minha investigação do imaginário coletivo de psicólogos sobre o adolescente abrigado. Gaia, muito solícita, aceitou, e marcamos de tomar um café em uma padaria muito agradável.

Durante o encontro pudemos conversar bastante, e ela contou sua trajetória profissional. Começou a trabalhar quando era adolescente, pois passava por dificuldades financeiras. Fez magistério e ministrou aulas na educação infantil. Na época em que cursava Psicologia, manteve um bom contato com crianças. Também trabalhou como monitora de recreação em buffets durante um período. De uma coisa tinha certeza, gostava de trabalhar com crianças e adolescentes.

Quando se formou, foi atuar em uma ONG que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, como parte do Sistema Único de Assistência Social. Depois, com Arteterapia assistida por animais.

Hoje, atua em uma instituição filantrópica que atende pessoas em situação de vulnerabilidade social. Gaia considera a vida do psicólogo muito difícil, principalmente para quem trabalha na área social, pois a remuneração é baixa e é difícil lidar com o sofrimento. Quem lida com questões sociais percebe-se em meio à exclusão que, em sua opinião, é absurda e desumana. “É muito difícil fazer algo que traga resultado para uma pessoa que é privada de tudo. Ela não encontra recursos, principalmente externos, e as barreiras a enfrentar são enormes, como por exemplo, conseguir atendimento em um Pronto Socorro”.

O aspecto mais desafiador nessa área, prossegue, é fazer com que as pessoas adquiram autonomia em meio ao caos. Os resultados são complicados porque acontecem em longo prazo e os passos são muito pequenos. Existem tantos sintomas nas famílias que, mesmo sanando alguns, outros destacam-se. Para Gaia, a realidade é um pouco diferente no consultório, onde as pessoas que procuram atendimento têm mais esperança. Por outro lado, sente-se grata quando vê que um projeto social começa a fazer sentido na vida do adolescente e ele traça novos caminhos.

Pedi a Gaia que desenhasse “um adolescente abrigado”, e ela traçou o seguinte:



Depois, solicitei que contasse uma história sobre a figura desenhada. Gaia respondeu:

“Eu trabalhei com um adolescente que precisou ir para o abrigo. Foi dolorido vê-lo chegar lá e ter que se desfazer de três coisas muito importantes para ele: o brinco, a pulseira e o rock. Os profissionais do abrigo proibiam e achavam demoníaco. Ele tinha que se enquadrar nas regras.

Todos os adolescentes e as crianças que estão em abrigo têm muitas marcas e cicatrizes. Sofreram as piores coisas que alguém pode passar. Ele saiu do abrigo e, atualmente, participa de um projeto na instituição”.

Finalmente, pedi para Gaia imaginar esse adolescente daqui a dez anos e contar outra história:

“Ele encontrou uma pessoa que compartilhava seus gostos e desejos peculiares. Se juntou a essa pessoa e consegue realizar coisas que lhe dão prazer: andar de skate e tocar bateria. Continua não gostando muito de estudar. Tá fazendo curso de vigia induzido pelo irmão mais velho. Apesar de tudo o que ele passou, está bem.

O abrigo e a assistência o ajudaram. Existem abrigos e abrigos. Abrigo tem uma maneira muito diferente de lidar com o adolescente, muito diferente do desenho. Tanto pode respeitar o individual, como querer moldar as crianças à forma deles”.

Disse para Gaia que imaginava o quanto era difícil trabalhar com a demanda social. Ela concordou, mas falou que ama o que faz, e por isso continua. “Mas que é um exercício grandioso de lidar com a impotência, é mesmo!”

Depois dessa ocasião, tivemos encontros casuais pela internet. Saber de parte delicada da vida das pessoas nos deixa muito mais próximos delas.

Hebe

Após um tempo sem nos falarmos, encontrei Hebe, por acaso, em um evento de Psicologia. Logo o afeto se fez presente e conversamos sobre nossas atividades recentes. Na época, estava entrevistando psicólogos para a minha pesquisa de doutorado e imaginei que seria interessante ter, entre os participantes, alguém que já conhecia há algum tempo.

Quando prestei vestibular para o curso de Psicologia, optei pelo chamado período “vespertino-noturno”. Naquele tempo, minha única alternativa de locomoção era o transporte coletivo. As aulas terminavam tarde e Hebe sempre oferecia carona aos colegas. Eu aceitava e, durante o caminho que percorríamos, conversávamos bastante. Gradativamente, nosso contato foi aumentando. Passamos a jantar juntas com certa frequência, bem como a participar dos mesmos grupos de trabalho nas disciplinas da graduação.

Esta proximidade durou todo o período do curso. Após a formatura, rotinas diferentes tornaram nossos encontros mais raros, porém sempre mantivemos contato, tanto no âmbito profissional como no pessoal.

De todas as entrevistas que realizei para a pesquisa, esta foi a mais informal e fluida. A intimidade permitiu falarmos como duas amigas. Desinibida, Hebe foi passando os seus dados como se participasse de uma reportagem:

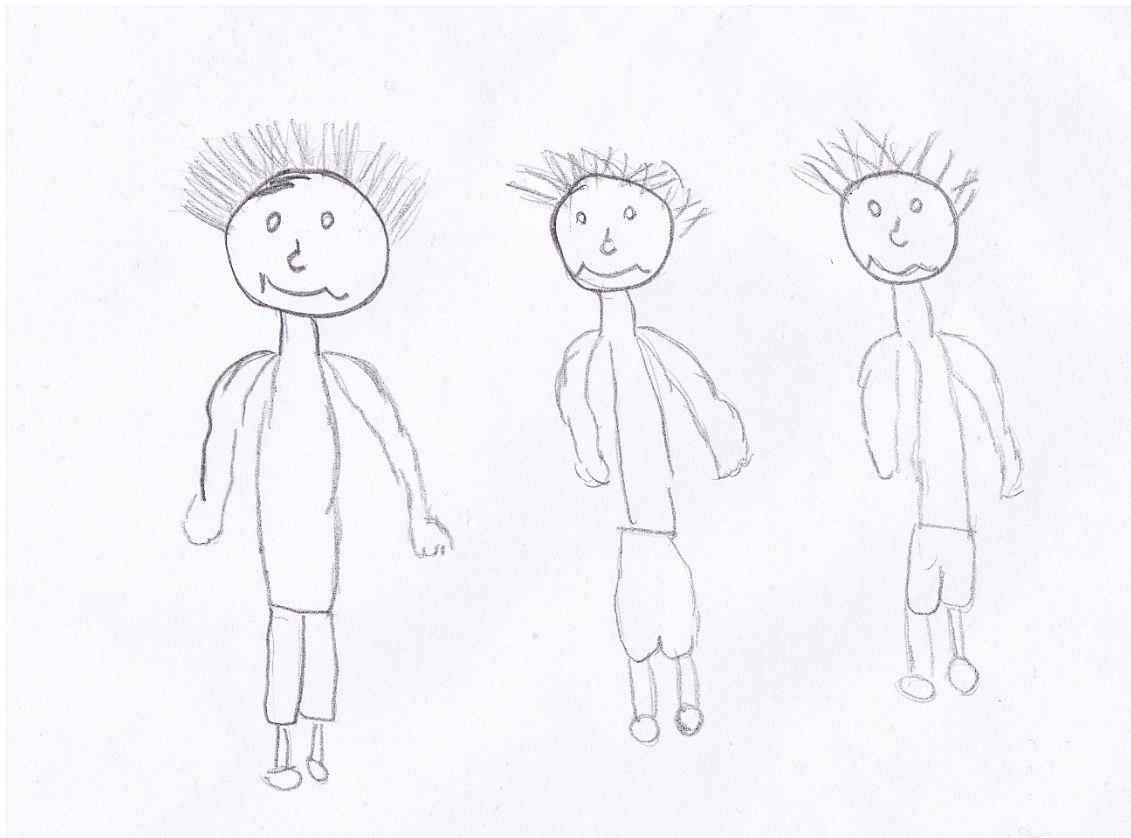
“Atualmente, estou com 29 anos, solteiríssima, sem filhos, morando sozinha.” Explicou que, após concluir o curso de Psicologia, fez duas pós-graduações na área hospitalar, de que gosta muito. Enquanto procurava emprego, conheceu uma ONG que oferece assistência a pacientes com câncer encaminhados pelos três principais hospitais públicos de uma cidade do interior de São Paulo. No início, era voluntária e, atualmente, presta serviço lá junto à uma equipe multidisciplinar. Paralelamente, atende em consultório particular.

Para introduzir o assunto da pesquisa, perguntei qual era o maior desafio para o psicólogo, em sua opinião.

Segundo Hebe, o maior desafio para o psicólogo é manter-se no mercado de trabalho e conquistar clientela. Afinal, existe um número grande de profissionais e a competição não favorece o estabelecimento de novos. Ela também atende crianças e adolescentes e gosta dos rápidos resultados que consegue com as intervenções. Porém, ainda considera a experiência com pacientes oncológicos a parte mais gratificante do

trabalho e a que mais aprende. Comenta que o problema declarado por eles não é tão grande quanto o que realmente passam.

Enquanto falávamos disso, ofereci folhas de papel e lápis e pedi que Hebe desenhasse “um adolescente abrigado”. Desculpando-se por não saber desenhar, ela traçou o seguinte:



Em seguida, pedi que contasse uma história sobre a figura desenhada:

“Abrigo é um lugar onde existem alguns adolescentes que passam por dificuldades financeiras, sociais e/ou familiares. Nesse lugar, podemos encontrar pessoas felizes, por ter um lugar para se abrigar, com cama, comida, atividades de lazer, amor, carinho. Eles podem perceber que lá, no abrigo, existem pessoas que passaram pelos mesmos problemas. Podem encontrar amizades verdadeiras, deparar com conflitos comuns de adolescentes. Mas, principalmente, perceber que eles têm um lugar para chamar de deles e que, talvez, possam encontrar uma nova família que ofereça o que a biológica não conseguiu dar”.

Pedi a Hebe que imaginasse esses mesmos adolescentes daqui a dez anos, e ela criou a seguinte história:

“Eles poderão ter uma profissão, construir uma família onde poderão contar suas histórias de vida. E poderão dar aos filhos o que eles não tiveram, e viver uma vida diferente.

Sabe, os adolescentes abrigados também têm ressentimento de estar num lugar onde não conhecem ninguém, existe medo. E a gente não pensa nisso. Existem crianças abandonadas por sua família por falta de condição financeira ou por pais negligentes. Infelizmente esta é a realidade do nosso país”.

Pensei em como o trabalho e a experiência de Hebe já davam um tom entristecido à entrevista. Despedi-me dela um tanto afetada pelas suas palavras.

Lissa

Lissa sempre se destacou na faculdade pela forma de se vestir. Usava maquiagem marcante, acessórios exóticos e cortes de cabelos modernos. Nossa aproximação não se deu logo no início do curso. Não tínhamos muito contato e os interesses diferentes nos distanciavam.

Tivemos uma chance de nos conhecermos melhor quando participamos, junto com uma amiga em comum, de um congresso em São Paulo. A partir da intensa convivência daquele final de semana, nossa relação tornou-se mais estreita. Percebi que Lissa era bem humorada, falante e agitada. Permanecemos horas conversando sobre os mais diversos assuntos, ela tendo como companheiro inseparável o cigarro.

Depois de concluirmos a graduação, sempre marcávamos um café, mesmo que breve, para colocar a conversa em dia. Num desses encontros, contei sobre a minha pesquisa de doutorado, e ela se interessou bastante em participar. Para não perder o hábito, ficou acertado que conversaríamos em uma cafeteria bastante agradável, logo após seu expediente no banco. Lissa é bancária há mais de cinco anos, desde antes de se formar em Psicologia.

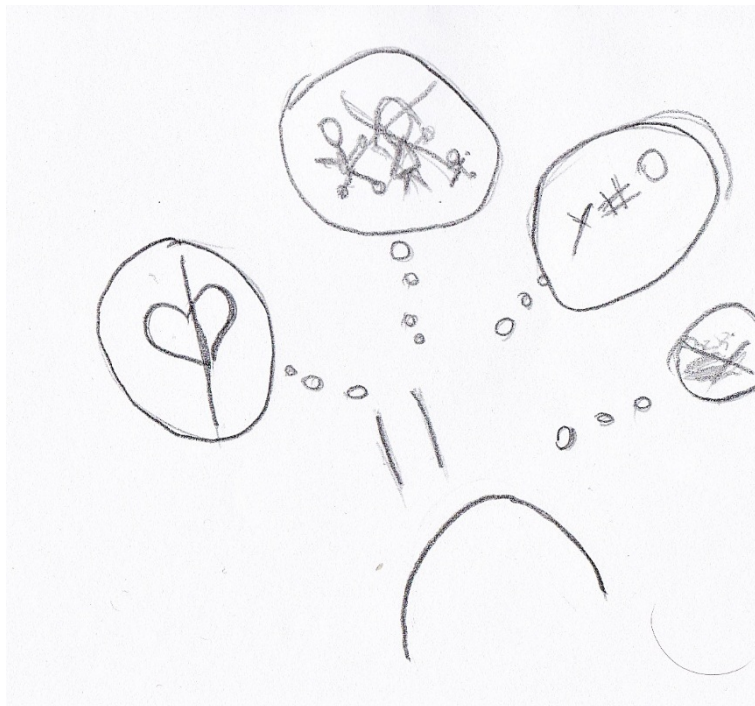
Lissa sempre morou no interior de São Paulo com a família. Viajou diariamente enquanto fez faculdade, trabalhou em uma cidade próxima à sua. É bastante espontânea e falante. Durante toda a nossa conversa, permaneceu fumando.

Explicou que trabalha desde cedo. Na adolescência, ajudava o avô a embalar polpa de frutas para vender. Gostava muito dele e ser útil trazia-lhe paz e serenidade. Quando entrou na faculdade, atuou como atendente nos Call Centers de duas operadoras de celular. Por estar em contato com pessoas diferentes, desenvolveu mais suas habilidades de comunicação.

Depois, foi trabalhar no banco, onde está até hoje. Acredita ter conquistado um espaço diferente, apesar do clima corporativo, e diz que amadureceu em vários aspectos. Não atuou como psicóloga desde que se formou.

Durante a graduação, fez estágio em uma empresa de Recursos Humanos, triando currículos. Também experimentou atuar como clínica. Achou essa experiência interessante e, ao mesmo tempo, pesada, porque se sentia muito insegura. No contexto de outro estágio, fez intervenções em uma ONG que atende adolescentes, localizada na periferia da cidade onde fica a universidade. Essa, segundo ela, foi uma vivência rica, por lidar com pessoas de classe social diferente da dela.

Aproveitando que falávamos sobre adolescentes, propus um jogo de imaginação: pedi a Lissa que desenhasse “um adolescente abrigado”. Ela começou a rir, dizendo que desenhava muito mal, mas que tentaria fazer o melhor. Expliquei que não precisava ser bonito e que a proposta era apenas uma maneira diferente de conversarmos sobre o tema. Lissa criou o seguinte:



Pedi, então, que contasse uma história sobre a figura desenhada, e ela respondeu:

“Lembrei-me de um menino do estágio que fiz na ONG. Ele foi devolvido por três famílias. Só desobedecia, não tinha regras e não mostrava afeto. A última mãe queria devolvê-lo. O pessoal da ONG explicou que ele não era mercadoria e já tinha sido rejeitado por outras famílias.

Eu imaginava que ele era uma criança totalmente confusa, porque não sabia quem era e não tinha ideia do que estava acontecendo com ele. No fundo, talvez quisesse mais atenção e carinho. Infelizmente, estava numa família que não deu o que ele queria”.

Imaginando esse menino daqui a dez anos, conforme solicitei em seguida, Lissa contou outra história:

“Se ele viver até daqui a dez anos, ou ele vai ser um marginal, ou vai voltar para o abrigo e virar uma pessoa extremamente revoltada, sem perspectiva. Não vai ter acesso a outras coisas, ninguém vai alimentar a esperança de que ele vai ter uma família e estudar. Não vai ter conteúdo interno para sair do lugar que a sociedade o colocou. Triste e difícil isso, mas é a realidade.”

Lissa, então, desculpou-se por ter falado coisas pesadas. Respondi que não havia problema, que entendia o quanto era angustiante para ela pensar no assunto, até porque é delicado e envolve muitos fatores. Ela concordou, dizendo que, por isso, repensa se realmente quer atuar como psicóloga. Às vezes, se acha imatura para lidar com certas questões.

Começamos a falar de algumas cenas da nova novela do horário nobre televisivo, das roupas da moda e do corte de cabelo das atrizes. Isso aliviou o estresse causado pelo tema da conversa anterior.

Themis

Sabendo que eu procurava participantes para minha pesquisa de doutorado, uma amiga passou o número de telefone de Themis. Entrei em contato e Themis foi bastante simpática e solícita. Marcamos um encontro para conversar no seu consultório.

Ao chegar à clínica, deparei-me com um ambiente claro, limpo e organizado. Havia um menino acompanhado por uma mulher, que imaginei ser sua mãe. Ele corria pela sala de espera e falava com todos que passavam. Notei uma moça alta e loira, que conversava com ele, aparentando intimidade. Parei e fiquei ouvindo sua abordagem. Achei interessante o diálogo e a moça parecia bastante à vontade.

Terminada a conversa com a criança, a moça foi se aproximando e me perguntou se eu era a Aline. Respondi que sim e ela logo se apresentou como Themis. Como sua sala estava ocupada, nos dirigimos à sala de uma dentista, e Themis começou a contar a sua história.

Aos 35 anos, é casada e tem um filho. Nasceu no interior de São Paulo e viveu na mesma cidade até um pouco antes de ingressar na faculdade. É formada há treze anos. Quando concluiu a graduação, não queria retornar à cidade em que nascera. Enviou muitos currículos, procurando trabalho, e começou um treinamento em recursos humanos em uma empresa. Com o passar do tempo, percebeu que estava ficando moldada aos valores da empresa e não fazia “trabalho de psicóloga”. Decidiu, então, mudar de emprego e foi atuar em recrutamento e seleção.

Na nova ocupação, também percebeu que era guiada pela empresa e não sentia satisfação no trabalho que fazia. O que a motivava a permanecer ali eram apenas os benefícios e a estabilidade. Após um tempo, recebeu a proposta de uma amiga para trabalhar visitando clientes em todo o estado de São Paulo, também fazendo recrutamento e seleção. Com isso, adquiriu muita desenvoltura para lidar com as pessoas e com vendas. Mas foi tomada pelo sentimento de insatisfação novamente, resolvendo buscar uma especialização em psicologia clínica, seguindo a abordagem comportamental. No início, conciliava o trabalho e a especialização e, a partir daí, seu contato com a clínica cresceu. Inicialmente, ficou insegura de abandonar o emprego. Aos poucos, foi formando clientela no consultório, até que decidiu se dedicar somente a ele.

Themis confessou que não se sentia confiante quando começou a atender no consultório. Era difícil lidar com a realidade incerta da clínica, com a ansiedade por

respostas dos pacientes e com o dinamismo dos casos. Por outro lado, achava muito gratificante ver as mudanças nos pacientes e poder por em prática o que estudara.

O movimento em busca de novas colocações profissionais de Themis parecia uma marcante procura por um trabalho que a satisfizesse. Comentou, também, que amadureceu muito nesse processo e que consegue compreender a utilidade de cada um dos antigos empregos.

Neste momento, convidei-a para continuar a conversa de uma maneira diferente. Expliquei que um local em que o psicólogo vem atuando são os abrigos. Em seguida, solicitei que desenhasse “um adolescente abrigado”. Themis concordou e criou o seguinte desenho:



Quando concluiu, pedi que contasse uma história sobre a figura desenhada. E Themis narrou o seguinte:

“Uma criança abrigada tem oportunidade de fazer atividade física, está inserida num contexto acolhedor, tem acesso à escola, contato com outras crianças e com objetivo pode ser recuperada. O abrigo é algo acolhedor, pois o tira do prejuízo, do sofrimento.

Eu illustrei através do futebol, pois hoje estou num projeto chamado “Vulcão”, numa ONG, que promove atividades para as crianças em horários alternados com os da escola. O objetivo é tirar as crianças do risco. Fizemos acordo com os traficantes do bairro para poder atendê-los. Existe uma convivência forte com usuários de drogas. De um lado estão os interessados no projeto e, do outro, estão os meninos usando drogas. Sempre me

pergunto por qual razão alguns conseguem ir para o futebol e outros não. Acho que o abrigo deveria ser algo acolhedor.”

Neste momento, propus que ela imaginasse esses adolescentes daqui a dez anos e contasse outra história:

“O meu desejo seria todo mundo dando certo. Mas, na realidade, daqui a dez anos, apenas três de dez adolescentes terão concretizados seus desejos e viverão suas vidas com qualidade, livre das punições que uma adolescência poderia trazer e da ausência de uma instituição de base.

Os outros sete adolescentes, pelas contingências da vida, terão degradingado. Tudo está sem limite nos dias de hoje. Se o caminho não for bem estruturado, não dá! O abrigo é oportunidade. A persistência do adolescente vai fazer dar certo. Infelizmente, os adolescentes do abrigo têm menos persistência e são mais vulneráveis. Fica mais difícil criar repertório. Eu vejo que as crianças da ONG jamais chegariam ao consultório.”

Na fala de Themis, identifiquei duas ideias. A primeira é que o abrigo é uma boa oportunidade para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. E a segunda é que, se eles não souberem usufruir da oportunidade, dificilmente conseguirão ter uma vida diferente. Themis concordou, dizendo que procura ajudar, da maneira que pode e que tem esperança, no trabalho que desenvolve com os meninos da ONG.

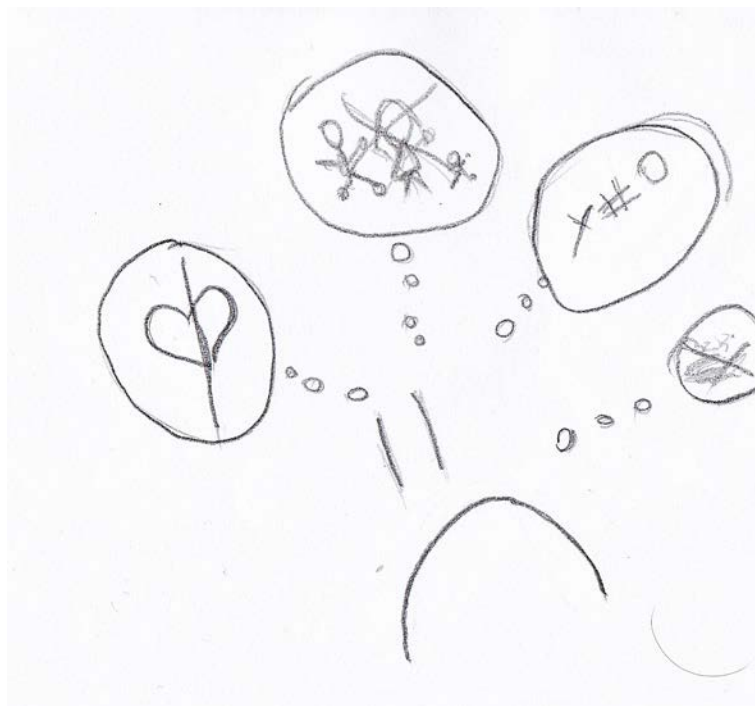
Perguntei se gostaria de falar mais alguma coisa, e ela respondeu que achou muito interessante ajudar em uma pesquisa de doutorado, agradecendo a oportunidade. Juntas, caminhamos até a sala de espera, onde o menino ainda corria de um lado para o outro. Compenetrada, sua mãe lia uma revista de fofocas.

5. INTERPRETANDO CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL

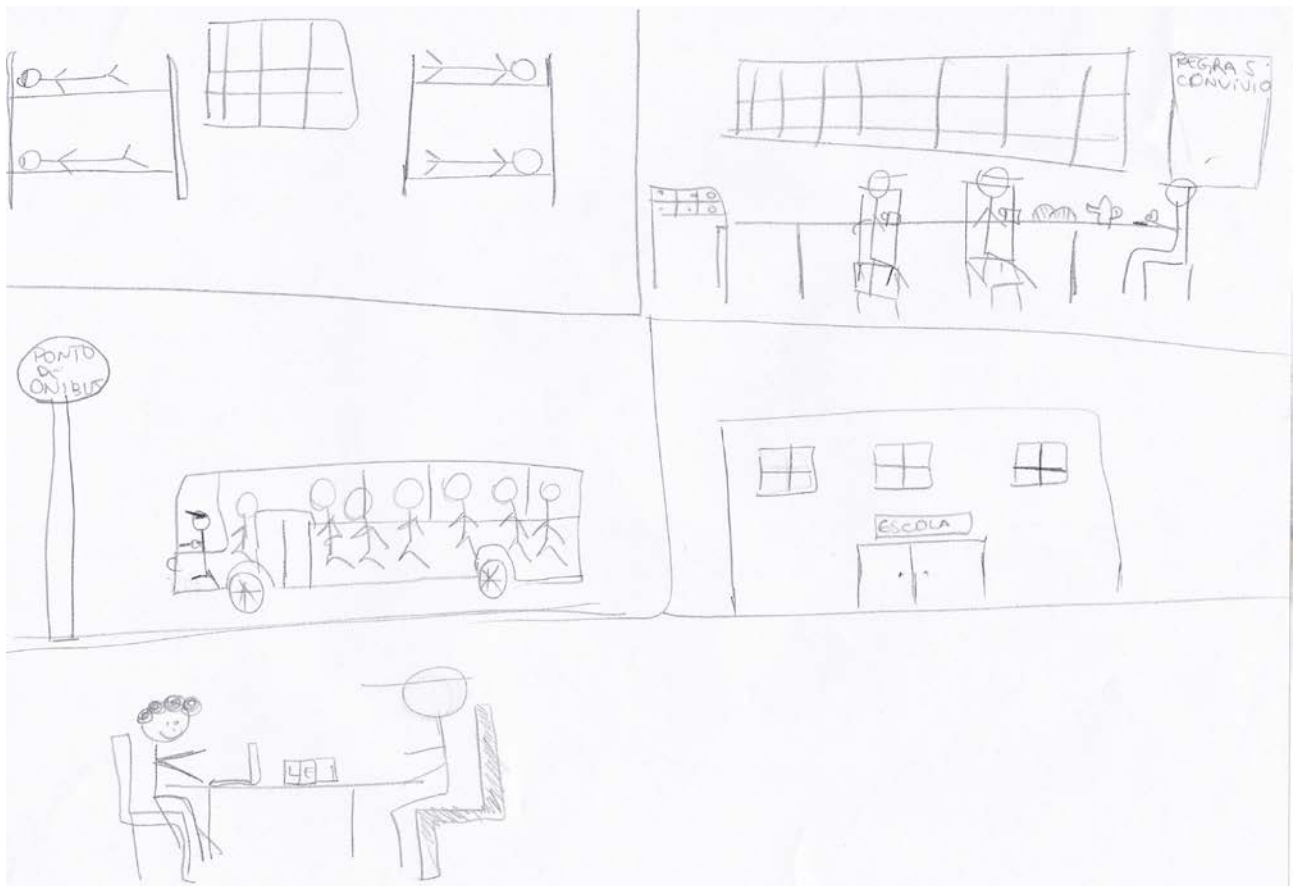
Nesse capítulo, apresentaremos os campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados, a partir da consideração psicanalítica dos desenhos-estórias dos participantes.

1) “Fadado ao fracasso”

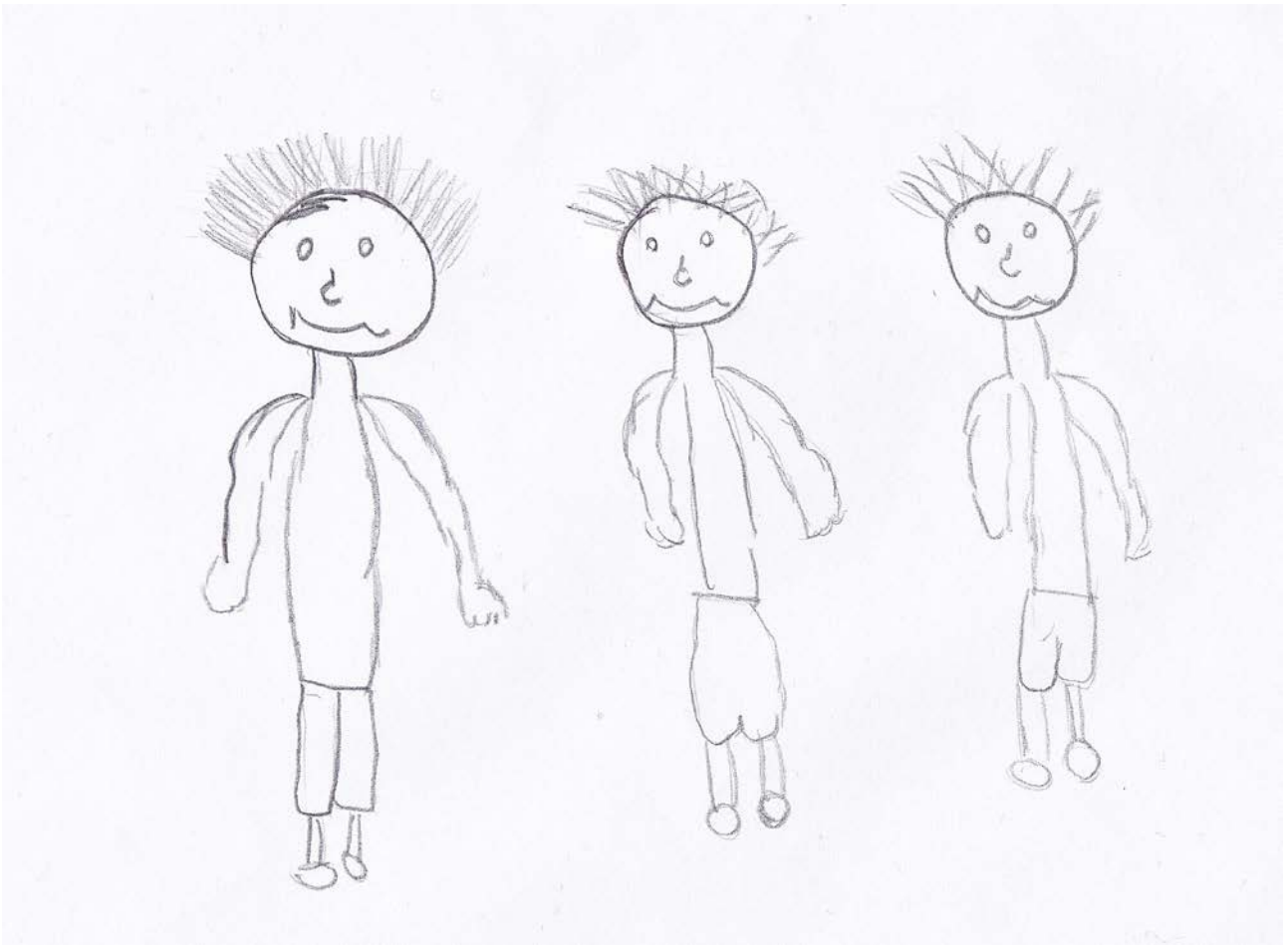
Este campo organiza-se ao redor da crença de que o adolescente abrigado se tornará um adulto problemático. Para ilustrar, selecionamos alguns desenhos e histórias dos participantes:



“Se ele viver até daqui a 10 anos, ou ele vai ser um marginal, ou vai voltar pro abrigo e virar uma pessoa extremamente revoltada, sem perspectiva. Não vai ter acesso a outras coisas, ninguém vai alimentar a esperança de que ele vai ter uma família e estudar. Não vai ter conteúdo interno para sair do lugar que a sociedade o colocou. Triste e difícil isso, mas é a realidade.”



“Eles estarão do mesmo jeito: sem expectativa de vida. Todo o sistema (político) não colabora, pois é doente e, por conta disso, não propõe algo de bom para uma pessoa sem estrutura. (...) E o que os adolescentes fazem com pais que não acolhem e não estão presentes? Riscam os ônibus, jogam papel no chão... Eles acham que ser alguém é ter um carrão, coisas de valor e manipulam demais.(...) Já os abrigados não têm esperança, tanto pela questão do Estado que não proporciona isso, como pela falta de afeto”.



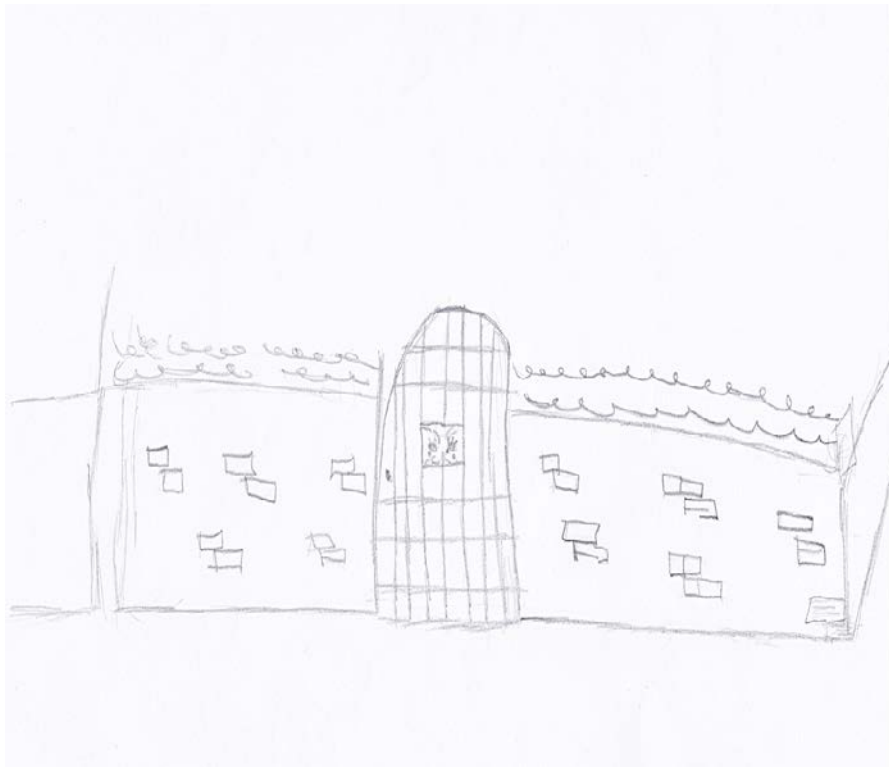
“Sabe, os adolescentes abrigados também têm ressentimento de estar num lugar onde não conhecem ninguém, existe medo. E a gente não pensa nisso. Existem crianças abandonadas por sua família por falta de condição financeira ou por pais negligentes. Infelizmente esta é a realidade do nosso país”.

2) “Salvo por mágica”

Este campo é regido pela crença de que o futuro infeliz pode ser evitado apenas se o adolescente abrigado for adotado por uma família rica ou por casais estrangeiros. Para ilustrarmos esse campo, selecionamos os seguintes desenhos-estórias:



“Atendi um que veio de adoção tardia e foi muito difícil. Ele veio de um contexto ‘super pobre’ e foi para uma família muito rica, no fim deu certo. Mas não é o que acontece com a maioria, infelizmente”.



“O que me veio à mente, quando fiz este desenho, foi tristeza, solidão, prisão e descaso. Estou falando isso porque sábado ouvi a história de um casal que, há cinco anos, tenta adotar uma criança do sexo feminino na faixa etária de 5 a 9 anos. Falaram que tem muitas crianças no abrigo, mas estavam tristes porque o pessoal da adoção faz um questionário com uma abordagem comercial, como se elas estivessem à venda. A burocracia institucional impediu a formação de uma família. Fiquei triste ouvindo tudo isso, porque o casal quer uma menina e tudo é muito difícil.”

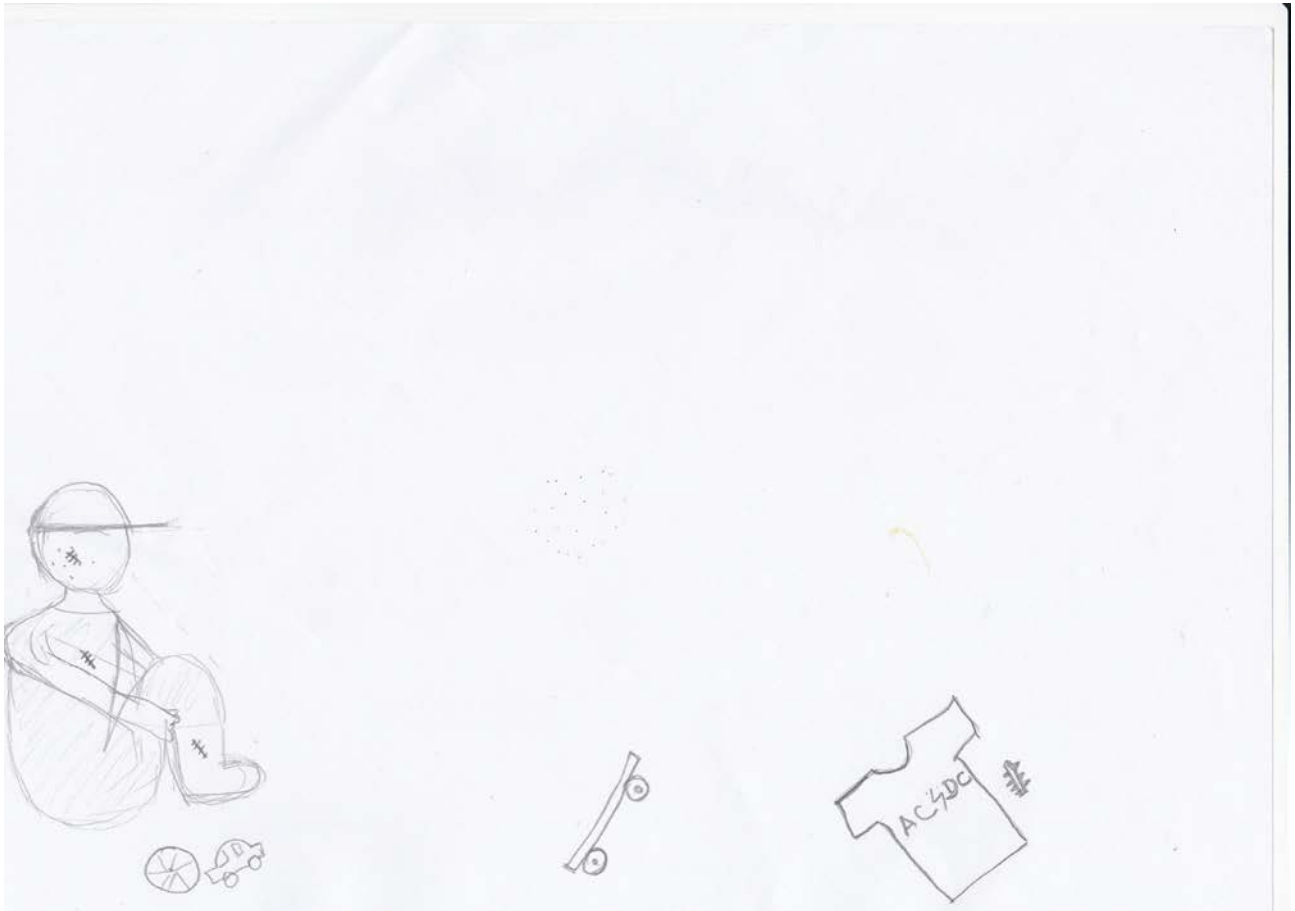
(...) Se for um menino (ou menina) adotado por um casal estrangeiro, que recebeu amor e dedicação, ele terá um futuro melhor. Caso contrário, não vejo um futuro bom para ele... isso é muito triste... Vai parar na cadeia, ter uma vida mais delinquente”.

3) “Com ajuda e boa vontade”

Este campo é regido pela crença de que o adolescente abrigado pode conhecer um futuro melhor se contar com ajuda e fizer esforço pessoal para melhorar sua condição. Ilustramos esse campo de sentido afetivo-emocional a partir dos seguintes desenhos-estórias:

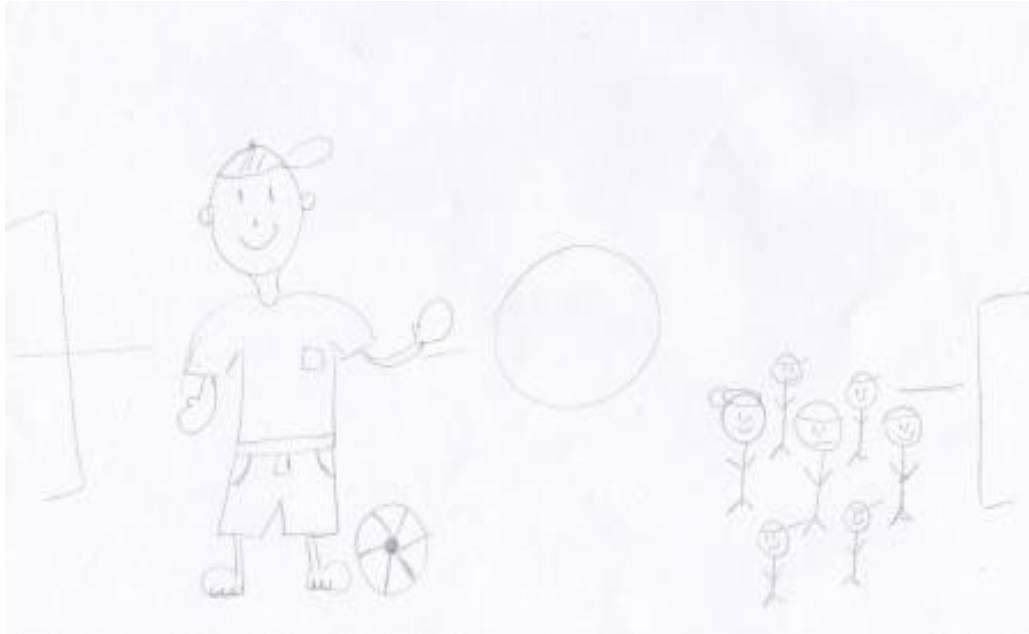


“Bom, ele estará com vinte e cinco anos e, pelo menos, gosta de ler. Vai estar num trabalho não muito qualificado. Terminou o Ensino Médio no abrigo e depois trabalhou em vários lugares. Ele tá querendo estudar, buscando um curso técnico ou faculdade. Está em busca de algo. Se for heterossexual, está com uma namorada e trabalhando. Se for homossexual, pode estar com um namorado e trabalhando também. Ou seja, de acordo com suas possibilidades.”



“Ele encontrou uma pessoa que compartilhava seus gostos e desejos peculiares. Se juntou a essa pessoa e consegue realizar coisas lhe dão prazer: andar de skate e tocar bateria. Continua não gostando muito de estudar. Tá fazendo curso de vigia induzido pelo irmão mais velho. Apesar de tudo o que ele passou, está bem.

O abrigo e a assistência o ajudaram. Existem abrigos e abrigos. Abrigo tem uma maneira muito diferente de lidar com o adolescente, muito diferente do desenho. Tanto pode respeitar o individual, como querer moldar as crianças à forma deles”.



(...) O abrigo é oportunidade. A persistência do adolescente vai fazer dar certo. Infelizmente, os adolescentes do abrigo têm menos persistência e são mais vulneráveis. Fica mais difícil criar repertório.

Como vemos, encontramos-nos diante de produções imaginativas que ora focalizam o adolescente como ser praticamente passivo, vítima inerte de sofrimentos sociais, e ora vêem-no como capaz de contribuir para a melhoria do próprio futuro, pela via da adoção de bom comportamento. Evidentemente, tais visões parecem um tanto simplistas diante da complexidade do assunto. Entretanto, cumpre lembrar que não estamos aqui interessadas em posicionamentos intelectuais derivados de detida reflexão sobre o assunto e sim em crenças e sentimentos ao redor do qual se articula o imaginário coletivo. Os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, são, forçosamente, simples e básicos, pois apresentam um caráter binário e oscilante entre dois polos que se opõem entre si, segundo um equacionamento que Bleger (1963), apoiando-se em Fairbairn (1945) denominou dialente. Claro que os polos que definem o imaginário sobre o adolescente abrigado não são os mesmos que definem, por exemplo, a mulher vítima de violência doméstica (Corbett, 2014) ou os pacientes psiquiátricos (Simões, 2012). Assim, a pesquisa sobre imaginários sempre provavelmente sempre detecta algum tipo de dialência mas alcança especificidade ao definir quais são os polos

divalentes em jogo. No presente caso, a questão parece oscilar entre a perspectiva de que o adolescente abrigado será um adulto inevitavelmente problemático ou alguém capaz de superar imensas dificuldades a partir do esforço pessoal.

Finalizamos o presente capítulo, onde apresentamos nossas interpretações, relativas aos campos de sentido afetivo- emocionais, disponibilizando a tabela 16, com o fito de fornecer uma visão clara sobre a vigência maior ou menor de cada campo de sentido afetivo-emocional, ou inconsciente relativo, como substrato a partir do qual surgem os desenhos e as histórias dos participantes. Lembramos, por oportuno, que dada a complexidade das produções imaginativas aqui estudadas, uma mesma manifestação pode conter elementos que emergem de mais de um campo.

Tabela 16. Campos criados/encontrados nas narrativas

PARTICIPANTES	CAMPOS		
	Fadado ao fracasso	Salvo por mágica	Com ajuda e boa vontade
AFRODITE		x	
APOLO			x
ATENA		x	
DÉMETER	x		
GAIA			x
HEBE	x		
LISSA	x		
THEMIS	x		x

Como vemos, esta tabela 16 prova um interessante mapeamento, na medida em que indica que os campos “Fadado ao Fracasso” e “Salvo por mágica” são predominantes. A nosso ver, tal configuração aponta para visões fortemente marcadas por um certo fatalismo, apontando para uma questão que recebeu atenção diferenciada na obra de Martín-Baró (1987). Como sabemos, este autor apresentou interessantes formulações segundo as quais predominaria, na América Latina, uma perspectiva generalizada acerca da impossibilidade de mudanças sociais e da inevitabilidade da miséria e de desigualdades abismais. Em nossos próprios termos, caberia pensar que os dois

campos, "Fadado ao fracasso" e "Salvo por mágica" podem ser considerados como expressão local, relativa ao adolescente abrigado, daquilo que entenderíamos como um inconsciente relativo fatalista (Martín-Baró,1996) que provavelmente adquire contornos diferenciados segundo a figura social focalizada, seja esta o negro, o pobre, a mulher, o deficiente físico, o ex-presidiário ou outras vítimas de sofrimentos sociais."

6. REFLETINDO SOBRE OS CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL

Neste capítulo, apresentaremos reflexões sobre os campos de sentido afetivo-emocional sobre o futuro do adolescente abrigado produzidos interpretativamente, a partir dos desenhos-estórias dos participantes, visando melhor compreender psicanaliticamente o imaginário coletivo produzido com o qual nos deparamos.

Podemos afirmar que os psicólogos que entrevistamos se revelaram pouco confiantes na possibilidade do abrigo contribuir favoravelmente para a configuração de uma vida adulta satisfatória. Tal ideia é fortemente colocada no primeiro campo, no âmbito do qual a crença da inevitabilidade de um futuro desastroso se impõe com absoluta centralidade. Assim, a vida futura se delinea, no imaginário dos participantes, como fundamentalmente marcada pela marginalização e delinquência.

O modo pelo qual a pessoa está fadada ao fracasso nem sempre aparece nos desenhos e nas histórias, que são o nosso material de pesquisa propriamente dito. Entretanto, não podemos ignorar que observamos nas entrevistas, e retratamos nas narrativas transferenciais correspondentes. Uma tendência a admitir que o futuro problemático derivaria da falta de apoio do ambiente. A nosso ver, os psicólogos inclinam-se a considerar que o adolescente seja uma vítima das condições sociais. Essa crença fica evidente, por exemplo, quando, a partir do campo “Fadado ao fracasso”, um dos participantes inventa a seguinte história:

“Se ele viver até daqui a 10 anos, ou ele vai ser um marginal, ou vai voltar pro abrigo e virar uma pessoa extremamente revoltada, sem perspectiva. Não vai ter acesso a outras coisas, ninguém vai alimentar a esperança de que ele vai ter uma família e estudar. Não vai ter conteúdo interno para sair do lugar que a sociedade o colocou. Triste e difícil isso, mas é a realidade.”

Sob a vigência desse campo, o egresso do abrigo assemelha-se àquele que deixa a prisão após o cumprimento da pena, vale dizer, teoricamente quite com a sociedade, mas praticamente condenado a jamais se livrar de um passado delinquencial, que o torna pouco confiável aos olhos alheios. Deste modo, reduzem-se, de modo drástico, suas chances de ver, diante de si, o descortino de novas possibilidades de vida. O ex-detento não só deixará o cárcere tão pobre quanto entrou, tão negro quanto entrou, mas, também,

será marcado como “bandido”. Evidentemente, o egresso da prisão é imaginado como alguém que, em algum ponto de seu percurso vital, deixou-se perder, estragou-se de modo irremediável. Nesse contexto costumam circular, como sabemos, discussões acerca do fato evidente de que nem todos os indivíduos pertencentes às classes subalternas tornam-se delinquentes, em argumentação que evidentemente atenua o papel do ambiente social na criminalidade.

O segundo campo, denominado “Salvo por mágica”, expressa, na verdade, o mesmo tipo de crença que organiza o campo “Fadado ao fracasso”, e só merece ser interpretado como um segundo inconsciente relativo porque contém elementos peculiares, que fazem apelo a outros povos, a outras nações, como portadoras da salvação. Não precisamos nos alongar muito para aqui perceber sinais de um posicionamento colonial (Maldonado-Torres,2008), que enaltece o poderio das ricas metrópoles europeias e norte-americanas, nas quais grassariam maiores níveis de instrução e de esclarecimento, bem como atitudes menos preconceituosas em relação à adoção de adolescentes. A seguinte história emerge a partir deste inconsciente relativo:

“Atendi um que veio de adoção tardia e foi muito difícil. Ele veio de um contexto ‘super pobre’ e foi para uma família muito rica, no fim deu certo. Mas não é o que acontece com a maioria, infelizmente”.

Aqui é interessante notar que a possibilidade desse jovem não se tornar uma pessoa adulta problemática depende de um golpe de sorte, daquilo que rompe, quase como um milagre, um determinismo potente.

Provavelmente, é interessante lembrar que a ideia da adoção circulou, durante os primeiros anos que se sucederam à promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), como solução desejável que garantiria a saída de crianças e adolescentes dos abrigos (Fonseca,2009). Persistia, portanto, uma visão que dominou a década de oitenta, segundo a qual a família adotiva seria a melhor resposta ao problema do abandono infanto-juvenil, tornando a institucionalização uma passagem pouco duradoura. Apontando perspectiva análoga, expressa em programa jornalístico sobre adoção, Rodrigues e Hennigen (2014) destacam como são veiculadas imagens de que

esse processo seria a única salvação para os abrigados. Nesta linha, o ato individual de adotar seria pensado como medida suficiente para dar conta, resolver e superar complexas problemáticas sociais, que dizem respeito às precárias condições de vida das classes subalternas brasileiras, que enfrentam dificuldades múltiplas, entre as quais destacamos carências de moradia, saneamento, saúde, educação, transporte, segurança e de acesso a trabalho digno. Esta ideia da adoção como antídoto do abandono evidentemente desconsidera questões fundamentais, enfrentadas em nosso país, como o racismo, ainda tão presente em nosso cotidiano, que se encontra na base de profundos sofrimentos sociais (Aiello-Fernandes, 2013).

De todo o modo, o que nos importa aqui destacar é a vinculação aparente entre o campo de sentido afetivo-emocional “Salvo por mágica” e uma crença, que circulou ativamente entre diversos setores da sociedade brasileira, relativa à adoção. Sabemos, entretanto, que o brasileiro parece ter sempre preferido adotar para fazer de conta que o adotado é filho biológico, motivo pelo qual bebês brancos são preferidos. Esta prática, por outro lado, não deixa de ser altamente discutível, não apenas por ser uma falsa solução mas também porque opera sobre uma espécie de sequestro psíquico, na medida em que o bebê, adotado numa idade que não guardará registros claros de memória, pode ser praticamente amputado de seus contatos com familiares, com instituições, com região do país, com cultura de classe (Pontes, Cabrera, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008). Nessa linha, a adoção de adolescentes, por casais brasileiros, seria quase um milagre.

O terceiro campo, “Com ajuda e boa vontade”, é aquele que, comparativamente aos dois apresentados, revela-se vinculado a uma crença um pouco menos pessimista. Nele, o adolescente abrigado figura como alguém que apresenta disponibilidade pessoal de luta, que faz uso dos poucos recursos disponíveis e vive de acordo com as próprias possibilidades. A família, o abrigo e outras instituições, tais como as escolas e os hospitais, teriam fornecido muito pouco, mas o suficiente para que algo pudesse ser aproveitado. A história a seguir emerge a partir desse campo ou inconsciente relativo:

“Ele encontrou uma pessoa que compartilhava seus gostos e desejos peculiares. Se juntou a essa pessoa e consegue realizar coisas lhe dão prazer: andar de skate e tocar bateria. Continua não gostando muito de estudar. Tá fazendo curso de vigia induzido pelo irmão mais velho. Apesar de tudo o que ele passou, está bem. O abrigo e a assistência o

ajudaram. Existem abrigos e abrigos. Abrigo tem uma maneira muito diferente de lidar com o adolescente, muito diferente do desenho. Tanto pode respeitar o individual, como querer moldar as crianças à forma deles”.

Julgamos interessante sinalizar que esse campo apresenta ressonâncias claras com o pensamento winnicottiano, que vem sendo difundido entre os psicólogos brasileiros e nos cursos de psicologia, segundo o qual o ambiente seria fundamental no processo de amadurecimento emocional. Evidentemente, não pretendemos traçar nenhuma linha de causalidade entre o imaginário sustentado pelo campo de sentido afetivo-emocional “Com ajuda e boa vontade” e a adoção eventual de um referencial teórico winnicottiano, mas apenas apontar a existência de uma convergência entre visões que podem se nutrir mutuamente. Este aspecto revela-se particularmente importante, a nosso ver, na medida em que aqui encontramos uma perspectiva mais afinada com processos de busca de transformação social.

O ambiente, definido por Winnicott (1960), configura-se, nos primeiros meses de vida, a partir da sensibilidade e empatia materna em relação às necessidades do próprio filho, que preside o acolhimento e satisfação de necessidades tanto fisiológicas como psicológicas. Nesse contexto teórico, o cuidado ao bebê é definido como “*holding*” que corresponde a uma forma de amar. À medida que a criança cresce, as necessidades mudam e a provisão ambiental precisa acompanhar as transformações, não se restringindo apenas à figura da mãe para alcançar outros contextos.

A história que acabamos de lembrar também chama atenção por ser a única em que encontramos referência positiva à membro da família de origem. Nas demais produções os psicólogos participantes não mencionaram famílias de origem dos adolescentes abrigados, tendendo a apresentá-las unicamente como problemáticas, incapazes de prover condições adequadas de desenvolvimento e desprovidas de afeto pelas suas crianças e adolescentes.

Parece-nos, agora, importante salientar que nossos participantes tendem mais fortemente a pensar os abrigos em termos altamente críticos, ainda que também admitam que podem se constituir como ajuda efetiva, principalmente para os adolescentes que se

esforça pessoalmente para amadurecer. Coincidem, assim, com o que pontua Coelho (2007), quando afirma que tanto podem ser percebidos como a salvação para a infância e a juventude, em situação de risco extremo, como, por outro lado, serem considerados como vilões que absorveriam todos os recursos e engessariam as ações de atenção à esta população, mantendo-se na contramão do direito à convivência familiar e comunitária, assegurado a todas as crianças e adolescentes brasileiros. A este respeito, diz:

Dessa forma, os Serviços de Acolhimento Institucional também não se fazem bons ou maus, vilões ou mocinhos em si mesmos. Não são as paredes do abrigo que definem suas práticas/discursos. Ao contrário, são as práticas e os discursos que constituem o abrigo: suas paredes, suas formas, suas aberturas e seus cadeados. Compõem também suas crianças e seus trabalhadores sociais. Os Serviços de Acolhimento Institucional estão emaranhados nas marcas dos manicômios, das rodas de expostos, das FEBENs e de uma política que “resolvia” os incômodos sociais através de atitudes policialescas e normatizadoras, que cerceava a vida, enclausurando-a, produzindo dor e sofrimento. (Coelho, 2007, p. 47)

De todo modo, parece prevalecer, no imaginário coletivo aqui pesquisado, uma perspectiva fundamentalmente negativa quanto ao futuro do adolescentes abrigado. Na melhor das hipóteses, aventa-se a possibilidade de escapar ao fracasso pela vida de uma capacidade pessoal de aproveitar muito bem o pouco que lhe é oferecido, segundo a crença que organiza o campo de sentido afetivo-emocional “Com ajuda e boa vontade

Podemos, assim, concluir que, no que tange ao cuidado do adolescente abrigado, o imaginário produzido pelos psicólogos, que participaram da presente investigação, reflete, provavelmente, uma desesperança, uma descrença e um fatalismo (Martín-Baró, 1996) que diz respeito não apenas aos adolescentes abrigados, mas a própria possibilidade de transformação do porvir de uma sociedade profundamente desigual.

7. REFERÊNCIAS

- Adorno, S. (1988). *Violência e Educação*. São Paulo. (mimeografado).
- Aguilar-Vafaie, M.E., Roshani, M., Hassanabadi, H. & Masoudian, Z. (2011). Risk and protective factors for residential foster care adolescents. *Children & Youth Services Review*, 33 (1), p. 1-15.
- Ahmann, E. (2014). Encouraging positive behavior in 'challenging' children: the nurtured heart approach. *Pediatric Nursing*, 10 (1), p. 38-42.
- Ahrens, K.R., et.al. (2012). Association between childhood sexual abuse and transactional sex in youth aging out of foster care. *Child Abuse & Neglect*, 36 (1), p. 75-80.
- Ahrens, K.R., Garrison, M.M. & Courtney, M.E. (2014). Health Outcomes in Young Adults From Foster Care and Economically Diverse Backgrounds. *Pediatrics*, 134 (6), p.1067-1074.
- Ai, A.L. (2013). Reshaping Child Welfare's Response to Trauma: Assessment, Evidence-Based Intervention, and New Research Perspectives. *Research on Social Work Practice*, 23 (6), p. 651- 668.
- Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da entrada de serviço ao elevador social: racismo e sofrimento*. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCCAMP.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre-docência. Instituto de Psicologia. São Paulo: USP.
- Aiello-Vasberg, T.M.J. (2001). Marionetes em consultas terapêuticas: a teoria dos campos na fundamentação de enquadres transicionais. IN: Barone, L.M.C. (coord.). *O psicanalista hoje e amanhã- O II encontro psicanalítico da teoria dos campos por escrito*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Aiello-Vaisberg, T. M.J., Machado, M.C.L. & Ambrósio, F.F. (2002). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. IN: *Trabalhos do IV Encontro Latino americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., & Ambrósio, F. F. (2003). A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrósio, (Orgs.). *Cadernos ser e fazer: trajetos do sofrimento: rupturas, (re) criação de sentido* (pp. 6-16). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello- Vaisberg, T. M. J. (2004). Os enquadres clínicos diferenciados e a personalização/ realização pessoal. *Cadernos Ser e Fazer: O Brincar*. São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. IN: *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo: USP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: O Gesto do Sonhador

Brincante. In: Trabalhos do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo:Estados Gerais da Psicanálise. Recuperado em 05 de julho, 2015, de <http://serefazer.psc.br/narrativas-o-gesto-do-sonhador-brincante/>.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. (pp. 39-52). Paris: L'Harmattan.

Alvarez, M. C. (2015). A questão dos adolescentes no cenário punitivo da sociedade brasileira contemporânea. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 10, p. 110-126.

Ambrósio, F. F., Cia, W. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O acidente de Flic: apresentação do acontecer clínico como narrativa brincante. *Anais da VIII Jornada Apoiar: promoção e vulnerabilidade social na América Latina* (pp. 263-272). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ambrósio, F.F., Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vasberg, T.M.J.(2012). O Estilo Clínico “Ser e Fazer”. IN: *Anais da X Jornada Apoiar- Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social 20 anos: o percurso e o futuro*, p. 272-279. São Paulo: USP.

Ambrósio, F.F., Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vasberg, T.M.J (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. IN: *Anais da XI Jornada Apoiar Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*, p. 174-188. São Paulo: USP.

Ambrósio, F.F. (2013). O Estilo clínico ‘Ser e Fazer’: na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCCAMP.

Arantes, E. M. M. (2004). De “criança infeliz” a “menor irregular” – vicissitudes na arte de governar a infância. *Mnemosine*, 01, p. 162-164. Clio-Psyché - Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia UERJ, 2004. Acesso em: 30/03/2016. Disponível em: http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/34/pdf_20

Arpini, D.M. (2003). Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23 (1), p.70-75.

Arruda, I. C. (2006). O cotidiano de um abrigo para crianças e adolescentes: uma simplicidade complexa. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Assis, S.G. & Farias, L.O.P. (2013). Levantamento Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento. São Paulo: Hucitec

Assumpção, I.M.O.,Colacique, M.A.M. & Tardivo, L.S.P.C. (2012). Reflexões sobre a

psicanálise dos laços sociais em adolescentes abrigados. IN: *Anais da X Jornada Apoiar- O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social 20 anos: o percurso e o futuro*, p.377-386. São Paulo:USP.

Ávila, C.F., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, 18 (39), p.155-164.

Azôr, A.M.G.C.C.V. & Vectore, C. (2008). Abrigar/desabrigar: conhecendo o papel das famílias nesse processo. *Estudos de psicologia*, 25 (1), p.77-89.

Bailey, J.R., Gross, A.M. & Cotton, C. R. (2011). Challenges Associated With Establishing a Token Economy in a Residential Care Facility. *Clinical Case Studies*, 10 (4), p278-290.

Balsells, M.A., et. al. (2015) Exploring the needs of parents for achieving reunification: The views of foster children, birth family and social workers in Spain. *Children & Youth Services Review*, 48, p.159-166.

Barcelos, T.F., Pontes, M.L.S., Tachibana, M. & Aiello-Vasiberg, T.M,J. (2008). Desastre na vida sexual: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a gravidez na adolescência. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, 2, Campinas, S.P.: PUCCAMP.

Barcelos, T. F. (2014). *A história da menina morta: (des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, SP.

Berg, J.M. et. al. (2013). The Inventory of Callous and Unemotional Traits: A Construct-Validational Analysis in an At-Risk Sample. *Assessment*, 20 (5), p.532-544.

Bleger, J. (1958). *Psicoanálisis y dialectica materialista*. Buenos Aires: Paidós.

Bleger, J. (1966/1984). *Psico-higiene e psicologia institucional*. Trad. De Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bleger, J. (1963/2003) *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós.

Botelho-Borges, A. de A. (2012). Vidas congeladas: um estudo psicanalítico sobre violência e puberdade. In: *Jornada Apoiar: Laboratório De Saúde Mental E Psicologia Clínica Social*, 10., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Botelho-Borges, A. A., Barcelos, T. F. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. (2013). Leal a si mesmo: um diálogo com o filme 'meu tio matou um cara'. In *X Jornada Apoiar:*

adolescência: identidade e sofrimento na clínica social- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo 22 de novembro de 2013.

- Bronstein, I. & Montgomery, P. (2012). PTSD in Asylum-Seeking Male Adolescents From Afghanistan. *Journal of Traumatic Stress*, 25 (5), p. 551-557.
- Brown, J., et.al (2011). Use of Out-of-Home Care Among a Statewide Population of Children and Youth Enrolled in Medicaid. *Journal of Child & Family Studies*, 20 (1), p48-56.
- Cabreira, J.C., Pontes, M.L.S., & Aiello-Vasiberg, T.M.J. (2007 a). Entre dois caminhos: o imaginário coletivo de adolescentes sobre o uso de álcool e drogas. IN: *Anais do XII Encontro de Iniciação Científica*. Campinas: S.P.: PUCAMP.
- Cabreira, J.C., Pontes, M.L.S. & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2007b). Incompreensão, vazio e oposição pueril: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, 1, Campinas, S.P.: PUCAMP.
- Cameron, A. (2013). Choice theory and reality therapy applied to group work and group therapy. *Journal of Choice Theory & Reality Therapy*, 32 (2), p25-35.
- Camps, C.I.C.M., Barcelos, T.F.B. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). Atendimento ser e fazer e escolha profissional: estudo sobre eficácia clínica. *Boletim de Psicologia*, 64.140, p.21-32.
- Capps, J. E. (2012). Strengthening Foster Parent-Adolescent Relationships Through Filial Therapy *Family Journal*, 20 (4), p.427-432.
- Careta, D.S. & Motta, I.F. (2008 a). Reflexões éticas sobre o tratamento de uma criança abrigada: a importância do encontro inter-humano. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p. 286-299. São Paulo: USP.
- Careta, D.S. & Motta, I.F. (2008 b). A história dos gêmeos Daniel e Mathias abrigados nos primeiros anos de vida: retratos de violência e desamparo e necessidade de intervenções em contextos institucionais. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p. 300-307. São Paulo: USP.
- Careta, D.S. & Motta, I.F. (2008 c). Cuidando do cuidador: o desenho livre como fenômeno transicional no atendimento grupal de cuidadoras de um abrigo. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p. 487- 504. São Paulo: USP.
- Careta, D.S. & Motta, I.F. (2009). Núcleo de abrigos – LAPECRI USP: Da universidade

- para a comunidade. IN: *Anais da VII Jornada Apoiar: Saúde mental e enquadres grupais: a pesquisa e a clínica*, p. 136-148. São Paulo: USP.
- Careta, D.S. (2011). *Quando o ambiente é o abrigo: cuidando das cuidadoras de crianças em acolhimento institucional*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carretero, T.C. (2003). Sofrimentos Sociais em debate. *Psicologia USP*, 14 (3), p. 57-72.
- Castro, R.P., Colacique, M.A.M. & Tardivo, L. S.L.P.C. (2012). A importância do holding na vivência de uma adolescente abrigada e o vínculo terapêutico. IN: *Anais da X Jornada Apoiar- O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social 20 anos: o percurso e o futuro*, p.446- 455. São Paulo: USP.
- Cecilio, M. S.; Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), p.507-516.
- Cepukiene, V. & Pakrosnis, R. (2011). The outcome of Solution-Focused Brief Therapy among foster care adolescents: The changes of behavior and perceived somatic and cognitive difficulties. *Children & Youth Services Review*, 33 (6), p.791-797.
- Cicchetti & Dante, et.al. (2014). Maternal caregiving and girls' depressive symptom and antisocial behavior trajectories: An examination among high-risk youth. *Development & Psychopathology*, 26 (4), p. 1461-1475.
- Christian, C. W. & Schwarz, D. F. (2011). Child Maltreatment and the Transition to Adult-Based Medical and Mental Health Care. *Pediatrics*, 127 (1), p.139-145.
- Cia, W.C. (2014). *Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional dos pais*. Instituto de Psicologia. São Paulo: USP.
- Coelho, D.C.G. (2007). *Lobo em pele de cordeiro - manicômios do contemporâneo: uma contribuição para se pensar abrigos de crianças*. Serra, ES: Formar.
- Colacique, M.A.M. & Tardivo, L. S.L.P.C. (2007). Avaliação clínica em criança abrigada, com dificuldade em relacionamento interpessoal. IN: *Anais da V Jornada Apoiar: Saúde Mental nos ciclos da vida*, p. 256-261. São Paulo: USP.
- Constantine, R., Andel, R., Robst, J., Givens, E. (2013). The Impact of Emotional Disturbances on the Arrest Trajectories of Youth as They Transition into Young Adulthood. *Journal of Youth & Adolescence*, 42 (8), p1286-1298.
- Corbett, E. (2009). *“Até que a morte nos separe” e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Corbett, E. (2014). *Conto sem fadas: mães e filhos em situação de violência doméstica*. Tese de doutorado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCAMP.

- Couto, T. H. A. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). A mãe, o filho e a síndrome de Down. *Paideia*, 17(37), 265-272.
- Crosby, S.D., Day, A.G., Baroni, B.A. & Somers, C.L. (2015). School staff perspectives on the challenges and solutions to working with court – involved students. *Journal of School Health*, 85 (6), p.347-354.
- Damnjanović, M., et.al. (2012). Self-assessment of the quality of life of children and adolescents in the child welfare system of Serbia. *Journal of Serbia*, 69 (6), p.469-474.
- Dixon, G.B.O., et.al. (2010). Brincar como elemento facilitador do desenvolvimento de Crianças abrigadas: um projeto de intervenção psicológica. *Anais da VII Jornada Apoiar- Promoção de vida e vulnerabilidade social na América Latina: reflexões e propostas*, p. 359-367. São Paulo: USP.
- Dorsey, S. (2012). Prior Trauma Exposure for Youth in Treatment Foster Care. *Journal of Child & Family Studies*, 21 (5), p. 816-824.
- Dottori, P.R., Berttran, D., Leôncio, W.A.H. & Tardivo, L. S.L.P.C. (2007). Adolescentes abrigados: espaços para um retrato observado. IN: *Anais da V Jornada Apoiar: Saúde Mental nos ciclos da vida*, p. 262-267. São Paulo: USP.
- Dottori, P., et.al. (2008). Abrigo de adolescentes: o ambiente afetivo através do relato de funcionários e educadores. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar- Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p. 270-277.
- Diehl, D.C., Howse, R.B. & Trivette, C. M. (2011). Youth in foster care: developmental assets and attitudes towards adoption and mentoring. *Child & Family Social Work*, 16 (1), p81-92.
- Dorsey, S., et.al. (2014). Engaging foster parents in treatment: A randomized trial of supplementing Trauma-focused Cognitive Behavioral Therapy with evidence-based engagement strategies. *Child Abuse & Neglect*, 38 (9), p1508-1520.
- Dworsky, A. (2015). Child welfare services involvement among the children of young parents in foster care. *Child Abuse & Neglect*, 45, p. 68-79.
- Ellingsen, I., Shemmings, D. & Storksen, I. (2011). The Concept of 'Family' Among Norwegian Adolescents in Long-Term Foster Care. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 28 (4), p.301-318.
- Ellingsen, I.T., Stephens, P. & Storksen, I. (2012). Congruence and incongruence in the. *Child & Family Social Work*, 17 (4), p.427-437.
- Euser, S., et.al. (2014). Out of home placement to promote safety? The prevalence of physical abuse in residential and foster care. *Children & Youth Services Review*, 37, p.64-70.

- Fairbairn, W.R.D. (1952). *Estudio Psicoanalítico de la Personalidad*. Buenos Aires: Hormé, 1978.
- Farber, N. (2014). The Not-So-Good News about Teenage Pregnancy. *Society*, 51 (3), p. 282-287.
- Farineau, H.M. & McWey, L.M. (2011). The relationship between extracurricular activities and delinquency of adolescents in foster care. *Children & Youth Services Review*, 33 (6), p.963-968.
- Farineau, H.M.; Stevenson W.A. & Mcwey, L.M. (2013). You matter to me: important relationships and self-esteem of adolescents in foster care. *Child & Family Social Work*, 18 (2), p.129-138.
- Fave, A. D. & Massimini, F. (2000). Living at home or in institution: adolescents' optimal experience and life theme building. *Paidéia*, 10 (19), p.55-66.
- Ferriani, M.G.C., Bertolucci, A.P. & Silva, M.A.I. (2008). Assistência em saúde às crianças e adolescentes abrigados em Ribeirão Preto, SP. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 61 (3), p.342-348.
- Fineran, K. R. (2012). Helping Foster and Adopted Children to Grieve the Loss of Birthparents: A Case Study Example. *Family Journal*, 20 (4), p.369-375.
- Fonseca, Claudia. (2009). Aventuras familiares: do acolhimento à adoção. In: Fonseca, C. e Schuch, P. (Orgs). *Políticas de Proteção à infância: um olhar antropológico* (pp. 273-294). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Font, F. (2013). Academic engagement and performance: Estimating the impact of out-of-home care for maltreated children. *Children & Youth Services Review*, 35 (5), p.856-864.
- Foster, E.M., Hillemeier, M.M., Bai, Y. (2011). Explaining the disparity in placement instability among African-American and white children in child welfare: A Blinder-Oaxaca decomposition. *Children & Youth Services Review*, 33 (1), p.118-125.
- Foucault, M. (2000). *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Fowler, P.J., Toro, P.A. & Miles, B.W. (2011). Emerging Adulthood and Leaving Foster Care: Settings Associated with Mental Health. *American Journal of Community Psychology*, 47 (3/4), p.335-348.
- Freitas, J. M. (2001). *A história da biblioteca infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos [CD-ROM]. In *Edição eletrônica brasileira*

das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

- Fuentes-Peláez, N., et.al. (2013). The biological family from the perspective of kinship fostered adolescents. *Psicothema*, 25 (3), p. 349-354.
- Gabrielli, J., Jackson, Y. & Brown, S. (2015). Measurement of Behavioral and Emotional Outcomes of Youth in Foster Care: Investigation of the Roles of Age and Placement Type. *Journal of Psychopathology & Behavioral Assessment*, 37 (3), p.422-431.
- Gallegos, A. (2011). Exploring the Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, and Questioning Adolescents in Foster Care. *Journal of Family Social Work*, 14 (3), p. 226-236.
- Gallo-Belluzo, S.R. (2011). *O imaginário de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida.Campinas: PUCCAMP.
- Gilmour, J., Harrison, C., Asadi, L., Cohen, M. H. & Vohra, S. (2011). Treating Teens: Considerations When Adolescents Want to Use Complementary and Alternative Medicine.*Pediatrics*, 4 (128), p.161-166.
- Goellner, M. B. & Fernandes, M. F. S. (2015). Atenção e cuidados para crianças e adolescentes institucionalizados. *Revista Científica FAEMA*, 6(1), 153-171.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 12(2), 253-271.
- Granato, T. M. M.; Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16 (1), 157-163.
- Green, B.A. & Clark, T.T. (2011). The impact of mental health issues, substance use, and exposure to victimization on pregnancy rates among a sample of youth with past year foster care placement. *Children & Youth Services Review*, 33 (11), p.2207-2212.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica* (E. de O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Greeson, J.K..P., et.al. (2015). It's good to know that you got somebody that's not going anywhere:Attitudes and beliefs of older youth in foster care about child welfare-based natural mentoring. *Children & Youth Services Review*, 48, p.140-149.
- Guerra, S.F. (2012). Using Urban Fiction to Engage At-Risk and Incarcerated Youths in Literacy Instruction. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 55 (5), p.385-394.
- Hanako S. & Akemi T. (2015). Roles of attachment and self-esteem: impact of early life stress on depressive symptoms among Japanese institutionalized children. *BMC Psychiatry*, 15 (1), p.1-11.
- Hegar, R.L. & Rosenthal, J.A. (2011). Foster children placed with or separated from siblings:Outcomes based on a national sample. *Children & Youth Services Review*, 33

(7), p.1245-1253.

Henggeler, S.W. & Sheidow, A.J. (2012). Empirically Supported Family-Based Treatments for Conduct Disorder and Delinquency in Adolescents. *Journal of Marital & Family Therapy*, 38 (1), p30-58.

Herrmann, F. (1979). *Andaimes do real: o método da psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense,1991.

Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. 2.ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico*. (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Holmes, L., Ward, H. & McDermid, S. (2012). "Calculating and comparing the costs of multidimensional treatment foster care in English local authorities.". *Children & Youth Services Review*, 34 (11), p. 2141-2146.

Hudson, A.L. & Nandy, K. (2012). Comparisons of substance abuse, high-risk sexual behavior and depressive symptoms among homeless youth with and without a history of foster care placement. *Contemporary Nurse: A Journal for the Australian Nursing Profession*, 42 (2), p178-186.

Hudson, A.L. (2013). Career Mentoring Needs of Youths in Foster Care. *Journal of Child & Adolescent Psychiatric Nursing*, 26 (2), p.131-137.

Joseph, M.A., et.al. (2014). The formation of secure new attachments by children who were maltreated: An observational study of adolescents in foster care. *Development & Psychopathology*,. 26 (1), p.67-80.

Kira, I.A., Somers,C., Lewandowski,L. & Chiodo, L. (2012). Attachment Disruptions, IQ, and PTSD in African American Adolescents: A TraumatologyPerspective. *Journal of aggression, maltreatment & Trauma*, 21 (6), p. 665-690.

Kirk, C.M., et.al. (2012). The gender gap in educational expectations among youth in the foster care system. *Children & Youth Services Review*,34 (9), p.1683-1688.

Knobel, M. (1962). Psicologia de la adolescência. *Revista Universidad de La Plata*, 16, p. 55-75.

Kreider, A., et.al. (2014). Growth in the Concurrent Use of Antipsychotics With Other Psychotropic Medications in Medicaid-Enrolled Children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 53 (9), p960-970.

Kroner, M. J. & Mares, A.S. (2011). Living arrangements and level of care among clients discharged from a scattered-site housing-based independent living program. *Children & Youth Services Review*, 33 (2), p.405-415.

- Laplanche & Pontalis (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leenarts, L. (2013). Evidence-based treatments for children with trauma-related psychopathology as a result of childhood maltreatment: a systematic review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 22(5), p.269-283.
- Leme, V. B. R.; Prette, Z. A. P.; & Coimbra, S. (2013). Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. *Psico*, 44(4), p. 560-570.
- Leve, L.D., Kerr, D.C. R. & Harold, G.T. (2013). Young Adult Outcomes Associated With Teen Pregnancy Among High-Risk Girls in a Randomized Controlled Trial of Multidimensional Treatment Foster Care. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 22 (5), p.421-434.
- Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente, nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Leis/L8069.htm.
- Leôncio, W.A.H.& Tardivo, L.C. (2003). Trabalho de encontros terapêuticos grupais com crianças que vivem em abrigo. IN: *Anais da I Jornada Apoiar: propostas de atendimento*, p.53-57. São Paulo: USP.
- Leôncio, W.A.H., et.al. (2005). Encontros terapêuticos com crianças abrigadas: um oásis no deserto. IN: *Anais da III Jornada Apoiar: Atendimentos clínicos diferenciados e inclusão: o papel da psicologia clínica social*, p. 119-123. São Paulo: USP.
- Leôncio, W.A.H. & Tardivo, L.C. (2007). Consultas terapêuticas de uma criança abrigada e sua mãe: maternando mãe e filha. IN: *Anais da V Jornada Apoiar: Saúde Mental e os Ciclos da Vida*, p. 212-239. São Paulo: USP.
- Liberman, A. (2014, feb). Stephen A. Mitchell y el psicoanálisis rioplatense "clássico" (Bleger): algunas convergencias. *Clínica e Investigación Relacional*, 8(1), pp. 51-60.
- Liu, D. et.al. (2014). Profiles of needs of children in out-of-home care in Singapore: School performance, behavioral and emotional needs as well as risk behaviors. *Children & Youth Services Review*, 44, p. 225-232.
- Lloyd, E.; Christopher; B.; Richard P. (2011). Developmental outcomes after five years for foster children returned home, remaining in care, or adopted. *Children & Youth Services Review*, 33 (8), p.1383-1391.
- Lo, A., et al. (2015). I want to be there when he graduates:" Foster parents show higher levels of commitment than group care providers. *Children & Youth Services Review*, 51, p. 95-100.
- Loman, M.M. (2014). Risk-taking and sensation-seeking propensity in post institutionalized early adolescents. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 55 (10), p1145-1152.
- Longhofer, J., Floersch, J. & Okpych, N. (2011). Foster youth and psychotropic treatment:

Where next. *Children & Youth Services Review*, 33 (2), p. 395-404.

Longo, I.S. (2012). The stigma of three ps: poor person, black person, of the periphery. The vision of adolescents of the Heliópolis Community. In: *anais do primeiro coloquio internacional culturas jovens afro-brasil america: encontros e desencontros*, 1. São Paulo.

Luz, V.M.M., et.al. (2011). A percepção de crianças institucionalizadas sobre o abrigo por meio de desenhos-estórias com tema. IN: *Anais da IX Jornada Apoiar: Violência Doméstica e trabalho em rede compartilhando experiências : Brasil, Argentina, Chile e Portugal*, p.446-447. São Paulo: USP.

Lynch, S. (2011). Challenging Stereotypes of Foster Children: A Study of Relational Resilience. *Journal of Public Child Welfare*, 5 (1), p23-44.

Machado, L. V., Ferreira, R. R. & Seron, P. C. (2015). Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 65-81.

Maldonado-Torres, N. (2007). On the coloniality of being: contributions to the development of concept. *Cultural Studies*, 21 (2), p. 240-270.

Maldonado-Torres, N. (2008). A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, p. 71-114.

Mantovani, N. & Thomas, H. (2015). Resilience and Survival: Black Teenage Mothers 'Looked After' by the State Tell their Stories About their Experience of Care. *Children & Society*, 29 (4), p. 299-309.

Marques, C.C. & Czermak, R. (2008). O olhar da psicologia no abrigo: uma cartografia. *Psicologia e Sociedade*, 20 (3), p.360-366.

Martín-Baró, I. (1987). El latino indolente. Carácter ideológico dl fatalismo latino americano. IN: Montero, M. (coord.). *Psicología Política Latino-Americana*, p. 135-162. Venezuela: Editorial Panapo.

Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2 (1), p. 07-27

Matta, O., Karen, M. & McMillen, J. C. (2013). Pregnancy risk among older youth transitioning out of foster care. *Children & Youth Services Review*, 35 (10), p. 1760-1765.

McCombs, T., Kimberly L. & Foster, E. M. (2012). The effect of the zero to three Court Teams initiative on types of exits from the foster care system — A competing risks analysis. *Children & Youth Services Review*, 34 (1), p.169-178.

- McWey, L.M., Cui, M. & Holtrop, K. (2015). Caregiver-Adolescent Dyadic Disagreement and Problem Behaviors of Adolescents in the Child Welfare System. *Journal of Research on Adolescence (Wiley-Blackwell)*, 25 (1), p. 44-50.
- Medeiros, M., Souza, P. H. G. F., & Castro, F. A. (2015). A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: estimativa com dados do imposto de renda e pesquisas domiciliares. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(4), 971-986.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Min, M.O., et.al. (2014). Externalizing behavior and substance use related problems at 15 years in prenatally cocaine exposed adolescents. *Journal of Adolescence*. 37 (3), p.269-279.
- Miklowitz, D. J. (2014). Delinquency, Depression, and Psychosis Among Adolescents in Foster Care: What Holds Three Heads Together? *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 53 (12), p1251-1253.
- Moraes, M.C.M.B., et.al. (2012). Saúde mental de cuidadores de abrigos para adolescentes com transtornos psiquiátricos ou neurológicos. *Trabalho, Educação e Saúde*, 10(3), p. 507-525.
- Moré, C.L.O.O. & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia e Sociedade*, 22 (3), p.519-528.
- Moreira, W. (2004). Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. *Janus*, 1 (1), p. 21-30.
- Moreira, Tse, Simões & Avoglia, (2014). A Psicodinâmica da criança em situação de abrigo: um estudo de caso. IN: Anais da XII Jornada Apoiar-A Clínica Social: propostas e intervenções, p. 826-831. São Paulo: USP.
- Montezi, A.V., Pontes, M.L.S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). O mundo marcado: o imaginário coletivo de jovens sobre a adolescência contemporânea. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, 2, Campinas, S.P.: PUCAMP.
- Montezi, A.V.; Zia, K.P.; Tachibana, M. & Aiello- Vaisberg (2011). Imaginário Coletivo de Professores Sobre o Adolescente Contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16 (2), 299-305.
- Montezi, A. V., Barcelos, T., Ambrosio, F.F. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Linha de

Passe:adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19 (1), p. 74-88.

Mutwa, P. R, et. al. (2013). Living situations affects adherence to combination antiretroviral therapy in HIV infected adolescents in Rwanda: a qualitative study. *PLoS ONE*, 8 (4), p. 1-8.

Nagawa, R.T.B., Careta, D.S. & Motta, I.F. (2008). O brincar como marca da presença viva do terapeuta: contribuições ao desenvolvimento psíquico de crianças abrigadas. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p.404-407. São Paulo: USP.

Nagawa, R.T.B., Careta, D.S. & Motta, I.F. (2009). Regressão clínica e sua relação com a disponibilidade ambiental: relatos do trabalho com criança abrigada. IN: *Anais da VII Jornada Apoiar: Saúde mental e enquadres grupais: a pesquisa e a clínica*, p. 453-462. São Paulo: USP.

Nascimento, M. L. (2013). Abrigo, pobreza e negligência: percursos de judicialização. *Psicologia & Sociedade*, 24, p. 39-44.

Negriff, S., James Adam, T. & Penelope, K. (2015). Characteristics of the Social Support Networks of Maltreated Youth: Exploring the Effects of Maltreatment Experience and Foster Placement. *Social Development*, 24 (3), p.483-500.

Nogueira, M. A. (2014). Democracia, activismo y modernidad radicalizada en América Latina. *Polis (Santiago)*, 13(37), 457-472.

Oke, N., Rostill-Brookes, H.& Larkin, M. (2013). Against the odds: **Foster** carers' perceptions of family, commitment and belonging in successful placements. *Clinical Child Psychology & Psychiatry*, 18 (1), p.7-24.

Oliveira, A.P.G. & Milnitsky-Sapiro, C. (2007). Políticas públicas para adolescentes em vulnerabilidade social: abrigo e provisoriedade. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (4), p.623-635.

Parente, K., Leôncio, W.A.H. & Tardivo, L.C. (2006). A criança em situação de abrigamento: intervenção junto à mãe social. IN: *Caderno de anais da IV Jornada Apoiar- Infância, Sofrimento Emocional e a Clínica Contemporânea*, p.143-154 São Paulo: USP.

Pace, T.W.W. (2013). Engagement with Cognitively-Based Compassion Training is associated with reduced salivary C-reactive protein from before to after training in foster care program adolescents. *Psychoneuroendocrinology*, 38 (2), p. 294-299.

Packer, A.L. et.al. (2014). *Scielo 15 anos de acesso aberto: um estudo analítico sobre acesso aberto e comunicação científica*. Paris: Unesco.

Parente, K.S., Collakis, S.T., Miura, P.O., Tardivo, L.S.P.C. & Martini, M. (2014). Cuidando cuidador: a equipe da instituição de acolhimento e a criança abrigada. IN: *Anais da XII*

Jornada Apoiar- A Clínica social: propostas e intervenções, p. 398-405. São Paulo: USP

- Paschoaletti, I.D., Careta, D.S. & Motta, I.F. (2008). O atendimento psicológico à família de crianças abrigadas: estudo de caso. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p.296-403. São Paulo: USP.
- Passarini, G.M.R., Colacique, M.A.M. & Tardivo, L.S.P.C. (2012). Intervenção com oficinas terapêuticas em mães adolescentes em instituição de acolhimento. IN: *Anais da X Jornada Apoiar- O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social 20 anos: o percurso e o futuro*, p.353-366. São Paulo: USP.
- Pedrini, et.al. (2015). Reasons and pathways of first-time consultations at child and adolescent mental health services in Italy: an observational study. *Child & Adolescent Psychiatry & Mental Health*, 9 (1), p1-9.
- Pereira, C. R. R.; Arpini, D. M. (2012). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), p. 275-285.
- Pereira, A.L., Pereira, F. & Johnson, G.A. (2011). Os desafios cotidianos dos trabalhadores em um abrigo para crianças e adolescentes. *Emancipação*, 11 (2), p. 189-201.
- Pineda, D. (2012). *Acolhimento institucional e modos de subjetivação*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Politzer, G. (1928/1994). *A crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e Psicanálise*. (M. Marcionilo e Y. M. de C. T. da Silva, Trads). Piracicaba: Unimep.
- Pontes, M.L.S., Cabrera, J.C., Ferreira, M.C.& Aiello-Vaisberg, T.M.J.(2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13 (3), p. 495-502.
- Pontes, M.L.S. (2011). *“A hora H”: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência*. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCCAMP.
- Popper, K. (2011). *A Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- Poulton, R. et. al. (2014). Effects of Multidimensional Treatment Foster Care on Psychotic Symptoms in Girls. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 53 (12), p.1279-1287.
- Reddy, S., et.al. (2013). Cognitive-Based Compassion Training: A Promising Prevention Strategy for At-Risk Adolescents. *Journal of Child & Family Studies*, 22 (2), p.219-230.
- Renault, E. (2010) A critical theory about social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), 221-240.
- Rentes, R. & Tardivo, L.C. (2012). O olhar do lado de lá: perspectivas, ressonâncias e consequências na vida de crianças e adolescentes abrigados. *Anais da X Jornada*

Apoiar- O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social 20 anos: o percurso e o futuro, p.423-441. São Paulo: USP.

- Rice, K., Girvin, H. & Primak, S. (2014). Engaging Adolescent Youth in Foster Care through Photography. *Child Care in Practice*, 20 (1), p.37-47.
- Riemenschneider, F. (2015). *Buscando a cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia*. Tese de Doutorado. Campinas: PUCAMP.
- Rizzini, I. (1993). *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula
- Rizzini, I. e Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. São Paulo: Loyola.
- Robst, J.Armstrong, M., Dollard, N.& Rohrer, L. (2013). Arrests among youth after out-of-home mental health treatment: Comparisons across community and residential treatment settings. *Criminal Behaviour & Mental Health*, 23 (3), p. 162-176.
- Robertson, R.D. (2013). The invisibility of adolescent sexual development in foster care: Seriously addressing sexually transmitted infections and access to services. *Children & Youth Services Review*, 35 (3), p493-504.
- Rodrigues, L. & Hennigen, I. (2014). Visibilidades da adoção: interrogando estratégias e práticas sociais. *Psicologia Argumento*, 32(76), 93-103.
- Salina-Brandão, A. & Williams, L.C.A. (2009). O abrigo como fator de risco ou proteção: avaliação institucional e indicadores de qualidade. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 22 (3), p.334- 352
- Sarti, C. A. (2003). Famílias enredadas. In A. R. Acosta e M. A. F. Vitaler, *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez e CEDEPE/PUC-SP.
- Scarborough, N., Taylor, B. & Tuttle, A. (2013). Collaborative Home-Based Therapy (CHBT): A Culturally Responsive Model for Treating Children and Adolescents Involved in Child Protective Service Systems. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*,. 35 (3), p.465-477.
- Schneiderman, J. (2012). Caregiver Reports of Serious Injuries in Children Who Remain at Home After a Child Protective Services Investigation. *Maternal & Child Health Journal*, 16 (2), p328-335.
- Severinsson, S & Markström, A. (2015). Resistance as a means of creating accountability in child welfare institutions. *Child & Family Social Work*, 20 (1), p1-9.
- Silva, E.C.C.P., Leôncio, W.A.H. & Tardivo, L.C. (2007). Do abrigamento ao desabrigamento: considerações sobre a vivência de um adolescente. IN: *Anais da V Jornada Apoiar: Saúde Mental nos Ciclos de Vida*, p. 240-255. São Paulo: USP.
- Silva, R.A, Colacique, M.A.M. & Tardivo, L.C. (2010). Dificuldade da vivência do luto por

- uma criança abrigada: relato de caso. IN: *Anais da VII Jornada Apoiar- Promoção de vida e vulnerabilidade social na América Latina: reflexões e propostas*, p. 136-144. São Paulo: USP.
- Silva, R. (2011). A assistência caritativa à infância abandonada e desvalida na cidade de São Paulo no século XIX". *Antíteses*, 4 (8). p. 963-976.
- Silva, M. L. & Arpini, D. M. (2013). A nova lei nacional de adoção-desafios para a reinserção familiar. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 125-135.
- Silva, E.A. (2013). As metodologias qualitativas de investigações nas ciências sociais. *Revista Angolana de Sociologia*, 12, p. 77-99.
- Simões, C.H.D. (2012). *Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCCAMP.
- Simões, C.H.D., Fernandes, R.A. & Aiello-Vaisner, T.M.J. (2013). O profissional da saúde mental na reforma psiquiátrica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30 (2), p. 275-282.
- Singer, E.R.; Berzin, S.C. & Hokanson, K. (2013). Voices of former foster youth: Supportive relationships in the transition to adulthood. *Children & Youth Services Review*, 35 (12), p.2110-2117.
- Siqueira, A.C. & Dell'Aglio, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia e Sociedade*, 18 (1), p.71-80.
- Skrallan, D. M. et al. (2015). Foster parents' coping style and attitudes toward parenting. *Children & Youth Services Review*, 53, p. 70-76.
- Smith, D. K. (2011). Preventing Internalizing and Externalizing Problems in Girls in Foster Care as They Enter Middle School: Impact of an Intervention. *Prevention Science*, 12 (3), p.269-277.
- Sousa, D.V., Careta, D.S. & Motta, I.F. (2009). A importância da experiência de continuidade para o desenvolvimento emocional de uma criança em situação de abrigamento. IN: *Anais da VII Jornada Apoiar- Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica*, p. 445-452. São Paulo: USP.
- Souza, F.H.O. & Brito, L. M.T. (2015). Acolhimento institucional de crianças e adolescentes em Aracaju. *Psicologia Clínica*, 27 (1), p.41-57.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein*, 8(1), 102-106.
- Stoner, A., Leon, S. & Fuller, A. (2015). Predictors of Reduction in Symptoms of

Depression for Children and Adolescents in Foster Care. *Journal of Child & Family Studies*, 24 (3), p784-797.

Sttrot, T. (2013). Transitioning youth: Policies and outcomes. *Children & Youth Services Review*, 35 (2), p.218-227.

Susana M.E. , Akin, B.A.,Lieberman, A.A. & Washington, D. (2015). Exploring the path from foster care to stable and lasting adoption: Perceptions of foster care alumni. *Children & Youth Services Review*, 55, p.111-120.

Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida. Campinas: PUCAMP.

Tachibana, M., Ambrósio, F.F., Beaune, D. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a interrupção da gestação. *Ágora*, 17 (2), p. 285-297.

Tafner, A.M.S, Vieira, V., Colacique, M.A.M & Tardivo, L.C. (2010). Estudo de depressão em crianças abrigadas. IN: *Anais da VII Jornada Apoiar- Promoção de vida e vulnerabilidade social na América Latina: reflexões e propostas*, p. 117-128. São Paulo: USP.

Tafner, A.M.S, Vieira, V., Colacique, M.A.M & Tardivo, L.C. (2012).A percepção terapêutica sobre o vínculo afetivo dentro de abrigo para crianças e adolescentes. *Anais da X Jornada Apoiar- O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social 20 anos: o percurso e o futuro*, p.40-422. São Paulo: USP.

Takushi, A.L., Leôncio, W.A.H. & Tardivo, L.C. (2005). Acompanhamento das vivências emocionais de uma criança abrigada: um estudo de caso. IN: *Anais da III Jornada Apoiar:Atendimentos clínicos diferenciados e inclusão: o papel da psicologia clínica social*, p. 124-129. São Paulo: USP.

Tardivo, L.S.L.P.C (2008). Apoiar: pesquisas e intervenção na area da violência doméstica contra criança e adolescente. IN: *Anais da VI Jornada Apoiar- Saúde Mental e Violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*, p. 21- 30. São Paulo: USP.

Tarren-Sweeney, M. (2013). The Assessment Checklist for Adolescents — ACA: A scale for measuring the mental health of young people in foster, kinship, residential and adoptive care. *Children & Youth Services Review*, 35 (3), p.384-393.

Tavares, G. M. (2014). Sobre olhares e práticas psicológicas na assistência social. *Psicologia em Estudo*, 19(3), 449-457

Taylor, O.D. (2014). Adolescent Depression as a Contributing Factor to the Development of Substance Use Disorders. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 21 (6) , p696- 710.

- Thompson, R.G., Auslander, W.F. & Alonzo, D. (2012). Individual-Level Predictors of Nonparticipation and Dropout in a Life-Skills HIV Prevention Program for Adolescents in Foster Care HIV. *AIDS Education & Prevention*, 24 (3), p. 257-269.
- Tironi, C.M.R, Colacique, M.A & Tardivo, L.S.P. (2011). O brincar de uma criança abrigada por negligência no processo terapêutico. IN: *Anais da IX Jornada Apoiar: Violência Doméstica e trabalho em rede compartilhando experiências : Brasil, Argentina, Chile e Portugal*. São Paulo: USP.
- Tonello, H.C., Colacique, M.A.M., Malki, Y. & Tardivo, L.S.P.C. (2013). O Contexto real e o faz-de-conta de uma criança abrigada no processo psicoterapêutico. In: *Anais da XII Jornada Apoiar- Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*, p. 346-354. São Paulo: USP.
- Trinca, W. (1972). *O desenho livre como estímulo da apercepção temática*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo: USP.
- Trinca, W. (2013). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivativas, Desenvolvimentos e expansões*. São Paulo: Vetor.
- Tripodi, S. & Bender, K. (2011). Substance abuse treatment for juvenile offenders: A review of quasi-experimental and experimental research. *Journal of Criminal Justice*, 39 (3), p. 246-252.
- Turner, W. & Macdonald, G. (2011). Treatment Foster Care for Improving Outcomes in Children and Young People: A Systematic Review. *Research on Social Work Practice*, 21 (5), p.501-527.
- Tyler, K., Schimitz, R.M. (2013). Family histories and multiple transitions among homeless young adults: Pathways to homelessness. *Children & Youth Services Review*, 35 (10), p1719-1726
- Viegas, C. M. D. A. R., & RABELO, C. L. D. A. (2011). Principais considerações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. *Âmbito Jurídico, Rio Grande*, 14 (94), s/p.
- Webster, L. & Joubert, D. (2011). Use of the Adult Attachment Projective Picture System in an Assessment of an Adolescent in Foster Care. *Journal of Personality Assessment*, 93 (5), p.417-426.
- Williams, G. M. G., Bredow, M., Barton, J., Pryce, R. & Shield, J. P. H. (2014). Can foster care ever be justified for weight management?. *Archives of Disease in Childhood*, 99 (3), p297-299.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D.W. (1958). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 1958.
- Winnicott, D.W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. IN: Winnicott, D.W. "O

ambiente e os processos de maturação". Rio de Janeiro:Imago, 1983.

Winnicott, D.W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. (pp. 79-87). Porto Alegre: Artmed, 1994.

Winnicott, D.W. (1965). O valor da consulta terapêutica. In C. Winnicott, R. Shepherd e M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 244-259). Porto Alegre: Artmed, 1994.

Winnicott, D.W. (1968). "O jogo do rabisco". IN: *Explorações psicanalíticas*, 2ª edição, Porto Alegre: artes médicas, 2005, p. 230-243.

Winnicott, D.W. (1970). *Consultas Terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Woods, S.B., Farineau, H.M. & Mc Wey, L.M. (2013). Physical health, mental health and behavior problems among early adolescents in foster care. *Health & Development*, 39 (2), p. 220-227.

Wojciak, A.S., Mc Wey, L.M. & Helfrich, C.M. (2013). Sibling relationships and internalizing symptoms of youth in foster care. *Children & Youth Services Review*, 35 (7), p. 1071-1077.

Zinn, A. & Courtney, M.E. (2014). Context matters evaluation of home-based tutoring for youth in foster care. *Children & Youth Services Review*, 47, p. 198-204.

